



**MARIANA RAFAELA BATISTA SILVA PEIXOTO**

**IDENTIDADES EM TRÂNSITO: SER-ESTAR ENTRE  
LÍNGUAS-CULTURAS E POBREZA**

**CAMPINAS**

**2013**





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**MARIANA RAFAELA BATISTA SILVA PEIXOTO**

**IDENTIDADES EM TRÂNSITO: SER-ESTAR ENTRE  
LÍNGUAS-CULTURAS E POBREZA**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria José Rodrigues Faria Coracini**

**Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Linguística Aplicada na área de: Língua Estrangeira.**

**CAMPINAS**

**2013**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE  
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

P359j Peixoto, Mariana Rafaela Batista Silva, 1988-  
Identidades em trânsito : ser-estar entre línguas-  
culturas e pobreza / Mariana Rafaela Batista Silva  
Peixoto. -- Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientadora : Maria José Rodrigues Faria Coracini.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua estrangeira. 2. Imigração. 3. Pobreza. 4.  
Identidade. 5. Análise do discurso. I. Coracini, Maria José  
Rodrigues Faria, 1949-. II. Universidade Estadual de  
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em inglês:** Identities in transit: in-between languages-cultures and poverty.

**Palavras-chave em inglês:**

Foreign languages

Immigration

Poverty

Identity

Discourse analysis

**Área de concentração:** Língua Estrangeira.

**Titulação:** Mestra em Linguística Aplicada.

**Banca examinadora:**

Maria José Rodrigues Faria Coracini [Orientador]

Simone Tiemi Hashiguti

Juliana Santana Cavallari

**Data da defesa:** 20-02-2013.

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística Aplicada.

BANCA EXAMINADORA:

Maria José Rodrigues Faria Coracini



Simone Tiemi Hashiguti



Juliana Santana Cavallari



Elzira Yoko Uyeno



Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento



IEL/UNICAMP  
2013



*À minha mãe, Bia, e ao meu pai, Luiz.*





## AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Maria José Coracini pela (des)orientação, carinho e paciência que teve comigo durante o nosso percurso.

Agradeço imensamente às professoras Simone Hashiguti e Eliane Righi pelas leituras e contribuições durante o exame de qualificação. Agradeço também à professora Juliana Cavallari pela solicitude, ao receber meu convite para compor a banca de defesa, como também pela leitura do texto final.

Agradeço aos funcionários da Casa do Migrante pela atenção e cuidado ao me receberem e intermediarem as entrevistas com os imigrantes albergados. Agradeço profundamente aos participantes da pesquisa pela confiança que depositaram em mim, ao falarem sobre suas vidas e dificuldades, tornando essa pesquisa possível.

Agradeço à minha mãe, Bia, pelo colo, incentivo e pelo companheirismo durante nossas (des)venturas pela cidade de Brasília, em busca de imigrantes nas ruas da cidade. Agradeço ao meu amigo, Matheus, por ter me acompanhado durante as visitas à Casa do Migrante.

Agradeço às minhas queridas amigas, Natália, Sybele e Simone, por compreenderem a minha ausência durante o processo desta pesquisa, pela amizade e escuta das minhas pré-ocupações e angústias, sejam elas acadêmicas ou pessoais.

Agradeço também às amigas “campineiras” Alessandra, Ana Carolina, Bárbara, Suzana e Bianca pela convivência, pelas risadas, encorajamento e atenção. Aos colegas de trabalho – Gisele, Morenita, Marco, Irene, Rosane e Juliana – pelo interesse em saber sobre a minha pesquisa, pelo carinho e apoio também.

O meu “muitíssimo obrigada” aos colegas de grupo de pesquisa – Casalinho, Lígia, Marluza, Flávio, Daniela, Terezinha, Eliane, Eliana, Celina, Sandra, Silvelena, Rejane e Carla – pelas discussões, leituras e “puxões de orelha” durante os nossos encontros (des)orientadores. Em especial, à Lígia, Flávio, Malu e Dani pela amizade

construída além do espaço acadêmico, pelas gargalhadas sem fim e, acima de tudo, por tornarem esse percurso menos solitário e angustiante.

Aos funcionários do IEL, pela solicitude e colaboração. Em especial, aos funcionários da secretaria de pós-graduação, Cláudio, Miguel e Rose.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que não sobrevivem senão do choque com um poder que mais não quis que aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que a nós não tornam a não ser pelo efeito de múltiplos acasos, tais são as infâmias de que eu quis juntar aqui alguns restos. (FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infames**. p. 5)



## RESUMO

Esta dissertação de mestrado pretende problematizar o modo como a língua-cultura do outro, a língua dita estrangeira, incide na construção identitária de imigrantes albergados no Brasil. Apostamos na hipótese de que a exclusão socioeconômica provocaria, nesses sujeitos, uma resistência à inscrição de si na língua-cultura do outro, o português. Partindo de uma perspectiva teórica discursivo-desconstrutivista, na sua interface com a psicanálise, analisamos excertos discursivos extraídos de dez entrevistas orais semiestruturadas, realizadas com imigrantes albergados em uma casa de passagem localizada na cidade de São Paulo. Objetivamos com a presente investigação, que se insere na Linguística Aplicada, na sub-área Língua estrangeira, contribuir para as reflexões da área sobre o que significa ser-estar entre línguas-culturas, em contexto de pobreza, na busca de subsídios para outras reflexões que incidam nos discursos sobre o ensino-aprendizagem das chamadas línguas estrangeiras. A partir da análise do material, foi possível depreender que, no que se refere aos efeitos de sentido que a pobreza provoca nas representações rastreadas, parece-nos que ela incide como uma resistência no aprendizado da língua portuguesa, que se manifesta no que temos chamado de corpo-língua(gem). O corpo-língua(gem) funciona, para o e no imigrante, como um território simbólico, mas também imaginário e imaginado. Pois, tanto o corpo como a língua-cultura configuram-se como o espaço discursivo que o sujeito habita, ou seja, onde quer que esteja, ele carrega esse espaço dentro de si, como um território de si. No entanto, ainda que, na/para a maioria dos entrevistados, a pobreza incida como resistência à língua-cultura do outro, os sistemas de dispersão (FOUCAULT, [1969] 2010) do corpus nos mostram que, para alguns, a língua portuguesa parece ocupar o lugar de objeto de desejo.

Palavras-chave: Língua estrangeira – Imigração – Pobreza – Identidade - Discurso



## **ABSTRACT**

This Masters dissertation aims at discussing how a foreign language interferes in the identity construction of homeless immigrants in Brazil. The hypotheses which bounds this paper bets that poverty would provoke, in these subjects, a resistance to learning Portuguese. Based on a discursive-desconstrutivist perspective, and on some psychoanalytical concepts, we analyzed excerpts taken from ten recorded interviews done with homeless immigrants, in a home named Casa do Migrante, located in the city of São Paulo. By means of discussing such issues, we intend to contribute to the studies of the learning process of a foreign language, especially in poverty contexts. When it comes to the results, data has shown that poverty seems to provoke, in homeless immigrants, a sort of resistance to the learning process of Portuguese. Such resistance seems to take place in what we have called “body-language”, which is understood as a territory that wherever the immigrant goes, he/she takes it with him/her. Nevertheless, even though for the majority of the participants poverty seems to provoke resistance to the learning process of Portuguese, to some of them, the Portuguese language seems to signify an object of desire.

Key words: Foreign language – Immigration - Poverty – Identity - Discourse





## CONVENÇÕES USADAS NA TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

/ (**barra**): indica uma pausa breve na fala do enunciador.

// (**barras duplas**): indicam pausa mais longa na fala do enunciador.

: (**dois pontos**): são usados para marcar alongamento na pronúncia de vogais.

... (**reticências**): indicam hesitação na fala do enunciador.

(...): indicam que houve um recorte na fala do entrevistado.

[ ]: indicam a inserção de um comentário ou esclarecimento da pesquisadora e indicam inserção de risos ou gestos do interlocutor, anotados pela pesquisadora.

**As palavras ou expressões transcritas em maiúscula** indicam ênfase na entonação do enunciador.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>1. Imigração e pobreza no Brasil.....</b>	<b>23</b>
<b>2. O projeto de pesquisa: hipótese, perguntas de pesquisa e objetivos.....</b>	<b>25</b>
<b>3. Organização da dissertação.....</b>	<b>26</b>
<b>CAPÍTULO 1 - SER-ESTAR ENTRE LÍNGUAS-CULTURAS.....</b>	<b>29</b>
<b>1.1. Subjetividade e subjetivação.....</b>	<b>30</b>
<b>1.2. Identidade e identificação.....</b>	<b>36</b>
<b>1.3. Línguas-culturas: o entre-lugares do sujeito imigrante.....</b>	<b>39</b>
<b>1.4. O estranho-familiar: o corpo imigrante.....</b>	<b>45</b>
<b>1.5. Memória e arquivo: a escrit(ur)a no corpo.....</b>	<b>51</b>
<b>CAPÍTULO 2 – A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E MO(VI)MENTO DE ANÁLISE.....</b>	<b>55</b>
<b>2.1. Constituindo o material e o mo(vi)mento de análise.....</b>	<b>55</b>
<b>2.2. Os participantes.....</b>	<b>60</b>
<b>2.3. A Casa do Migrante.....</b>	<b>61</b>
<b>CAPÍTULO 3 - CORPO-LÍNGUA(GEM).....</b>	<b>65</b>
<b>3.1.1.Inscrever-se na língua-cultura do outro.....</b>	<b>65</b>
<b>3.1.2.Exclusão na/pela língua que me fal(t)a.....</b>	<b>84</b>
<b>3.2. Corpo-língua(gem): “o instrumento”.....</b>	<b>91</b>
<b>3.3. Sobre os resultados de análise.....</b>	<b>111</b>
<b>CAPÍTULO 4 – (DES)TERRITORIALIZAÇÃO DE SI E DO OUTRO: O DENTRO-FORA.....</b>	<b>113</b>
<b>4.1. O outro de si.....</b>	<b>113</b>

<b>4.2. O corpo errante.....</b>	<b>123</b>
<b>4.3. Mal-estar da e na hospitalidade.....</b>	<b>131</b>
<b>4.4. Sobre os resultados de análise.....</b>	<b>136</b>
<b>RE-TERRITORIALIZAÇÕES.....</b>	<b>137</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>141</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>151</b>

## INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem de uma língua dita estrangeira e seus efeitos na constituição identitária do sujeito sempre me intrigaram. Seja pelos (in)sucessos ou pelos (des)encantamentos diante da língua do outro por mim vividos, tanto como aluna, como professora e como imigrante também, durante o período em que participei de um intercâmbio de trabalho nos Estados Unidos, quando essas questões se tornaram mais evidentes.

A minha relação com a língua inglesa, como professora e estudante de língua inglesa como língua estrangeira no Brasil, sempre foi marcada por um encantamento, como um lugar de aconchego, de conforto e, de certo modo, de pertencimento também. A possibilidade de viver em um país cuja língua fosse a língua inglesa sempre foi um desejo, desde os meus primeiros contatos com a língua. No entanto, ao deslocar-me espacialmente para, então, habitar o país e a língua-cultura<sup>1</sup> do outro, o tão esperado aconchego e o conforto deram lugar a um certo estranhamento e confronto. Essa língua que me ouvia dizer e falar, enquanto “falante” da língua inglesa, não parecia ser a mesma que aprendi ou que ensinava, pois, ainda que não encontrasse maiores problemas em me comunicar, que falasse com “fluência” o idioma, estando lá, sempre fui identificada como brasileira, como imigrante e, muitas vezes, como uma estranha. Por mais que me considerasse “fluente” no idioma, nem mesmo a chamada “fluência” pareceu ser garantia de pertencimento (nem sequer ilusão de pertença), o que provocou em mim um estranhamento e desconforto diante da língua-cultura do outro. Desse modo, tal contato-confronto “real” com a língua-cultura do outro fez surgir um laço com a minha (chamada) língua materna, a língua portuguesa,

---

<sup>1</sup> “Língua-cultura” é um termo cunhado por Coracini (2007). Optamos pela utilização deste termo durante o nosso trabalho, dada a impossibilidade de desvincularmos língua de cultura, uma vez que elas se constituem, pois é na língua que se insere e se manifesta a cultura e vice-versa. A partir dessa consideração, assumimos, então, que os termos língua e cultura encontram-se imbricadas em nosso trabalho.

(re)significando-a, naquele momento, como o lugar de aconchego, conforto e pertencimento. Tal experiência provocou também algumas inquietações e deslocamentos no que, para mim, significava ensinar-aprender uma língua estrangeira.

A partir da vivência acadêmica, das reflexões sobre linguagem, foi possível melhor compreender e refletir sobre o que significa ensinar-aprender uma língua, bem como sobre ser-estar entre línguas. Além disso, após leituras e participações em reuniões do grupo de pesquisa “Vozes (In)fames: exclusão e resistência”, também nos interessaram os estudos sobre exclusão, sobretudo, daqueles que se encontram em situação de exclusão socioeconômica, melhor dizendo, em situação de pobreza. Por essa razão, com o presente trabalho, buscamos compreender de que maneira a língua-cultura do outro, a língua dita estrangeira, o português, incide nos processos identitários de imigrantes em situação de pobreza no Brasil. Vale observar que a presente dissertação de mestrado se insere na grande área de estudos da Linguística Aplicada, na sub-área Língua Estrangeira, e, do ponto de vista teórico, nos estudos do/sobre discurso e desconstrução, na interface com a psicanálise.

A língua, como a compreendemos, é o modo pelo qual o sujeito se inscreve “no mundo e nas discursividades, interpelando-o como sujeito na história e constituindo-o inconscientemente”, aquilo que lhe possibilita constituir-se como sujeito (ANDRADE, 2008, p.15). Ainda a esse respeito, segundo Coracini (2011, p. 12), língua é sempre cultura, pois é aquilo que possibilita ao sujeito “sempre modos diferentes de se ver e de ver o mundo e a realidade do momento histórico social”. Desse modo, entendemos que o imigrante é aquele que se encontra e se constrói entre línguas-culturas, ao mesmo tempo.

Com este trabalho, pretendemos contribuir para as discussões sobre os estudos das línguas e sobre a pobreza, a partir de uma perspectiva discursivo-desconstrutivista, possibilitando vislumbrar diferentes maneiras de compreender o que significa ser-estar entre línguas-culturas, em contexto de pobreza. Vale ressaltar que o nosso trabalho se insere em um projeto de pesquisa interinstitucional maior, liderado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria José Rodrigues Faria Coracini, intitulado “Vozes (In)fames: exclusão e resistência”, cujo

principal objetivo é dar voz aos excluídos, conhecer as representações<sup>2</sup> de si e do outro, em situação de rua, de exclusão sócio-profissional, de confinamento em albergues, prisões, asilos e em outras instituições.

## **1. Imigração e pobreza no Brasil**

A história de nosso país, desde os seus primeiros registros, foi sempre marcada pelo processo migratório. Segundo dados do Centro de Estudos Migratórios de São Paulo, os primeiros registros de imigração no Brasil datam de 1530, quando os portugueses começaram a imigrar para o país, a fim de iniciar o plantio de cana-de-açúcar. Porém, somente em 1818, durante a vigência do governo de D. João VI, o processo migratório intensificou-se, devido à grande extensão territorial do país e do desenvolvimento das plantações de café. Dada a necessidade de mão de obra para o plantio do café, após a abolição da escravatura em 1888, houve também um aumento no número de imigrantes vindos para o Brasil, em função do incentivo do governo brasileiro à entrada de imigrantes europeus no país. Ainda nos dias de hoje, é possível identificar as marcas desse processo histórico-social na construção identitária do povo brasileiro. Em algumas regiões do Brasil, sobretudo nas regiões sul e sudeste, ainda são encontradas colônias de alemães, de italianos e de japoneses, por exemplo.

Atualmente, motivados por políticas públicas e pela atual situação política e econômica do Brasil no contexto mundial, o processo migratório tem registrado grande aumento nos últimos anos. De acordo com resultados do Censo 2010<sup>3</sup>, feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de estrangeiros residentes no Brasil, entre homens e mulheres que viviam no Brasil, até então, há pelo menos cinco anos e em residência fixa, era de aproximadamente 286.468. Nos últimos dez anos foi registrado um aumento de 86,7% com relação aos dados resultantes do Censo Demográfico 2000, quando

---

<sup>2</sup> Sobre a noção de representação que adotamos em nosso estudo, ver seção 2.1. *Constituindo o material e o movimento<sup>2</sup> de análise*, nesta dissertação.

<sup>3</sup> Fonte: <http://www.ibge.gov.br/censo2010/> - acessado em 19/07/2012 – às 19:17 (horário de Brasília)

foram registrados 143.644 imigrantes na mesma situação. Ainda segundo a pesquisa mais recente, São Paulo, Paraná e Minas Gerais, juntos, receberam mais da metade dos imigrantes internacionais, seguidos dos estados do Rio de Janeiro e Goiás. Os principais países de origem dos imigrantes, segundo o Censo de 2010, são Estados Unidos (51.933), Japão (41.417), Paraguai (24.666), Portugal (21.376) e Bolívia (15.753).

Contudo, ainda que o número de imigrantes no Brasil seja expressivo e o crescimento econômico do país durante os últimos anos também, muitos desses imigrantes encontram uma realidade diferente daquela esperada. Com a falta de oportunidades legais de trabalho para todos, muitos deles acabam se sujeitando aos chamados “trabalhos escravos”, clandestinos, ou, então, a situações de pobreza. Ainda que o censo demográfico, realizado pelo IBGE, seja considerado o maior instrumento de coleta de dados demográficos do país, no que se refere aos dados relacionados à população imigrante, foram entrevistados apenas aqueles que estavam no Brasil há, pelo menos, cinco anos e que, na época da pesquisa, possuíam residência fixa.

Os dados mais recentes que registram o número de imigrantes que residem no país, independentemente de terem residência fixa ou não, são resultantes de uma pesquisa feita pelo Departamento de Estrangeiros da Secretaria Nacional de Justiça do Ministério da Justiça. Tal pesquisa registrou, até junho de 2011, cerca de 1,466 milhão de estrangeiros vivendo no Brasil, em situação regular<sup>4</sup>, contra 961.877 calculados em dezembro de 2010, totalizando um aumento de 52,4% em seis meses. Se compararmos estes dados com aqueles apresentados pelo Censo 2010, podemos observar uma discrepância nos registros, o que parece apontar já para uma exclusão nos próprios registros demográficos oficiais do país: como se aqueles que não possuem residência fixa não existissem.

No que se refere ao contingente de imigrantes ilegais no país, os números são ainda mais difíceis de serem encontrados. Não existem registros considerados oficiais sobre a

---

<sup>4</sup> Por situação regular entende-se aqueles que possuem visto e residem no Brasil, independente de possuírem residência fixa ou estarem no Brasil há pelo menos 5 anos.



quantidade de imigrantes em situação irregular no país, mas os principais institutos e ONGs que trabalham com imigrantes no Brasil apontam 600 mil, o que, somado à pesquisa de junho de 2011, feita pelo Departamento de Estrangeiros da Secretaria Nacional de Justiça do Ministério da Justiça, elevaria o total de estrangeiros morando no Brasil para mais de dois milhões.

Conforme mencionado, muitos são aqueles que emigram para o nosso país em função da atual situação do Brasil no quadro econômico político-mundial. De acordo com o ranking de economias mundiais, o país ocupa, atualmente, o sexto lugar e esperava-se que, no ano de 2012, o país ultrapassasse a França, tornando-se a quinta maior economia mundial<sup>5</sup>. No entanto, ainda que o crescimento econômico do Brasil pareça promissor, no que se refere ao Índice de Desenvolvimento Humano<sup>6</sup> (IDH), o país ocupa a 84ª posição, entre 187 países, o que revela que são muitos os problemas sociais aqui encontrados, sendo a pobreza um dos mais graves. Sendo assim, ao invés de encontrarem melhores condições de vida, muitos daqueles que emigram para o país, acabam se deparando com e vivendo essa realidade: a da exclusão socioeconômica, melhor dizendo, a pobreza.

Levando essas questões em consideração e, em concordância com Foucault (1992, p. 98), acreditamos que “todas aquelas coisas que constituem o ordinário, o pormenor insignificante, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas, – mais, escritas”. E é justamente a estes, aos que se encontram na borda, à margem e, portanto, “insignificante”, que buscamos dar voz, aos chamados homens (in)fames, sem fama – em nossa pesquisa, a imigrantes albergados no Brasil.

---

<sup>5</sup> Fonte: <http://www.indicadorbrasil.com.br/2012/03/brasil-pode-ser-a-5o-economia-do-mundo-em-2012/> - acessado em 19/07/2012 – às 19:55 (horário de Brasília)

<sup>6</sup> Esse índice é usado como referência da qualidade de vida e desenvolvimento sem se prender apenas em índices econômicos. Fonte: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/11/brasil-ocupa-84-posicao-entre-187-paises-no-idh-2011.html> - acessado em 19/07/2012 - às 19:57 (horário de Brasília)

## 2. O projeto de pesquisa: hipótese, perguntas de pesquisa e objetivos

O *corpus* desta dissertação constitui-se de dez entrevistas orais semiestruturadas, realizadas em português<sup>7</sup>, com imigrantes albergados, em uma casa de passagem localizada na cidade de São Paulo. Tendo em vista esse material de análise, formulamos uma hipótese norteadora para o nosso trabalho e, a partir disso, elaboramos também algumas perguntas de pesquisa, bem como os objetivos gerais e específicos de nosso estudo.

Nesse contexto, partindo do pressuposto de que para inscrever-se na língua-cultura do outro, faz-se necessário o luto da própria língua<sup>8</sup> (CORACINI, 2007b), fazemos a **hipótese** de que a situação de exclusão socioeconômica de imigrantes albergados provoca efeitos de resistência à inscrição de si na língua-cultura do outro.

A partir da formulação de nossa hipótese, buscamos, em nosso percurso, responder às seguintes **perguntas de pesquisa**: 1) Quais representações de língua-cultura atravessam o dizer dos entrevistados? 2) Quais representações de si e do outro permeiam o dizer desses sujeitos?

Sendo assim, temos o **objetivo geral** de contribuir para as reflexões na área da Linguística Aplicada sobre o que significa ser-estar entre línguas-culturas, em contexto de pobreza, na busca de subsídios para outras reflexões que incidam nos discursos sobre o ensino-aprendizagem das chamadas línguas estrangeiras. Como **objetivos específicos**, buscamos problematizar: 1) de que maneira a presença da língua-cultura do outro, a língua dita estrangeira, incide na constituição identitária de imigrantes albergados; 2) os possíveis efeitos de sentido que a situação de exclusão socioeconômica provoca nos processos de aprendizagem de português como LE de imigrantes albergados; e 3) momentos de identificação e/ou de resistência em relação a essa língua-cultura, o português, na narrativa desses sujeitos.

---

<sup>7</sup> Com exceção das duas primeiras entrevistas, que foram realizadas em espanhol, língua materna das entrevistadas.

<sup>8</sup> Sobre o luto (FREUD, 1915) e o luto da língua (CORACINI, 2007) ver mais adiante, no primeiro capítulo da dissertação.

### 3. Organização da dissertação

Nossa dissertação encontra-se organizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Ser-estar entre línguas-culturas*, trazemos as noções teóricas que balizam o nosso trabalho e que, portanto, sustentam a análise do *corpus*. Nesse capítulo, apresentamos as noções que adotamos sobre sujeito, identidade, discurso, língua, o processo de ensino-aprendizagem de línguas, o corpo na construção da identidade do sujeito e as noções de memória e arquivo. No segundo capítulo, intitulado *A constituição do corpus e mo(vi)mento de análise*, objetivamos trazer à baila algumas considerações sobre o olhar teórico-metodológico empreendido durante a pesquisa, como também uma descrição mais aprofundada dos registros e da maneira como a análise foi engendrada.

No terceiro e quarto capítulos, *Corpo-língua(gem)* e *(Des)territorialização de si e do outro: o dentro-fora*, respectivamente, trazemos os resultados da análise do *corpus*. No terceiro capítulo, intitulado *Corpo-língua(gem)*, apresentamos um de nossos eixos de análise. Esse capítulo encontra-se organizado em dois grupos de representações que foram possíveis de ser rastreadas, a partir do fio do dizer dos participantes. No primeiro grupo, problematizamos as representações do processo de aprendizagem de uma língua dita estrangeira; no segundo grupo, discutimos as representações de língua e corpo como ferramentas da comunicação e da errância; e, para ilustrar os sistemas de dispersão do corpus, também apresentamos, em uma sub-seção, um estudo de caso sobre representações de língua (materna e estrangeira) como uma ferramenta de acesso à mãe biológica. No quarto capítulo, intitulado *(Des)territorialização de si e do outro: o dentro-fora*, no qual apresentamos o nosso segundo eixo de análise, problematizamos as representações dos participantes sobre os seus processos identitários como uma dicotomização do que lhes é exterior e interior. Esse capítulo encontra-se organizado em três grupos de representações. No primeiro, apresentamos uma seleção de recortes que aponta para a construção da narrativa como uma maneira de, ao falar do outro, falar de si. No segundo grupo, problematizamos representações acerca da errância. No terceiro grupo, por sua vez, problematizamos, a partir da materialidade linguístico-discursiva, a questão do mal-estar no

processo migratório. Por fim, tecemos algumas considerações delineadas ao longo do percurso de nossa investigação.

## CAPÍTULO 1 – SER-ESTAR ENTRE LÍNGUAS-CULTURAS<sup>9</sup>

Uma vez que a presente investigação situa-se na interface dos estudos do e sobre o discurso, via Foucault, da desconstrução, via Derrida, e da psicanálise<sup>10</sup>, via Freud e Lacan, buscamos, com o primeiro capítulo de nossa dissertação, trazer para discussão as noções teóricas<sup>11</sup> que balizam o nosso trabalho.

Cabe elucidar que a aproximação teórica que aqui propomos é vista por alguns autores e pesquisadores como não viável, em função dos (des)entendimentos entre as perspectivas que entretecem a escrita dos autores que norteiam o nosso trabalho. Por esse motivo e em concordância com Cavallari (2005, p.24), ao trazermos os pontos de aproximação e tensão entre as perspectivas adotadas em nosso estudo, não buscamos “aplainar os conflitos conceituais nem atenuar as tensões existentes entre teorias que adotam diferentes perspectivas”, mas trabalhar em seus (mesmos e diferentes) atravessamentos.

Num primeiro momento, na seção intitulada *Subjetividade e Subjetivação*, discutimos a questão da subjetividade, a partir de uma perspectiva psicanalítica de orientação lacaniana. Em seguida, ancorando-nos em estudos propostos por Foucault, trazemos à baila algumas considerações acerca dos processos de subjetivação, o modo pelo qual as subjetividades são agenciadas. Num segundo momento, na seção intitulada *Identidade e Identificação*, buscamos discutir a construção da(s) identidade(s) e algumas considerações acerca do conceito de identificação, proposto por Lacan. A partir da apresentação desses conceitos norteadores, na terceira seção deste capítulo, nomeada *Línguas-culturas: o entre-lugares do sujeito imigrante*, discutimos a noção de língua-

---

<sup>9</sup> “Ser-estar entre línguas-culturas” é uma noção cunhada por Coracini.

<sup>10</sup> Convém ressaltar que trabalhamos apenas com alguns conceitos propostos pela psicanálise – por exemplo, o de sujeito clivado, atravessado pelo inconsciente, e os de identidade e identificação –, que sustentam o nosso fazer teórico-metodológico.

<sup>11</sup> Uma vez que este estudo se insere em uma perspectiva dos estudos da e a partir da (pós-)modernidade, considerados pós-estruturalistas, optamos pelo uso do termo “noções teóricas” ao invés de “arcabouço teórico” ou “teorias”, evitando reducionismos e um certo fechamento que esses termos podem sugerir, o que contradiz as propostas das abordagens por nós utilizadas.

cultura, como também o que significa aprender uma língua-cultura dita estrangeira, sobretudo em contexto migratório. Na penúltima seção, chamada *O estranho-familiar: o corpo imigrante*, objetivamos apresentar alguns conceitos acerca do corpo na sua relação com a construção identitária do sujeito imigrante e seu processo de aprendizagem da língua-cultura dita estrangeira. Na última seção, intitulada *Memória e arquivo: a escrit(ur)a no corpo*, apresentamos os conceitos de arquivo em Foucault e Derrida, como também uma discussão acerca da (des)construção da memória na narrativa do sujeito imigrante.

### 1.1 Subjetividade e subjetivação

A partir da descoberta do aparelho psíquico e das formulações sobre o inconsciente feitas por Freud, a psicanálise fundou-se como uma prática que “instaurou discursividades”, pois

a instauração de uma discursividade é heterogênea às suas transformações ulteriores. Desenvolver um tipo de discursividade como a psicanálise, tal como ela foi instaurada por Freud, não é conferir-lhe uma generalidade formal que ela não teria admitido no ponto de partida, é simplesmente lhe abrir um certo número de possibilidades de aplicações (FOUCAULT [1969] 2006, p. 283)<sup>12</sup>.

Entendemos que essa abertura a “um certo número de possibilidades de aplicações”, para as quais Foucault aponta, possibilitou o próprio retorno a Freud, feito por Lacan, como também as várias outras leituras e possibilidades abertas após o advento do inconsciente, introduzido por Freud. Durante a sua releitura dos trabalhos desenvolvidos por Freud, Lacan, que se dizia freudiano, desenvolveu um dos grandes conceitos psicanalíticos, o de sujeito do inconsciente ou sujeito da linguagem.

Segundo Lacan, o sujeito se manifesta na medida em que se submete, se assujeita à linguagem. O sujeito lacaniano, portanto, é clivado, atravessado pelo inconsciente, “dividido entre o eu e o inconsciente, entre consciente e inconsciente, entre um sentido inevitavelmente falso de *self*<sup>13</sup> e o funcionamento automático da linguagem (a cadeia

---

<sup>12</sup> A primeira data refere-se à publicação da primeira edição; a segunda, à edição consultada.

<sup>13</sup> *Self* pode ser traduzido e/ou entendido como aquilo que Freud chama de “eu”.

significante) no inconsciente” (FINK, 1998, p. 67). A partir de suas leituras e deslocamentos no campo da Linguística, Lacan traz a formulação de que o “inconsciente está estruturado como uma linguagem”, o que implica dizer que o inconsciente se submete às leis da linguagem, de deslizamento e substituição (metáfora e metonímia) e que há, portanto, uma certa “lógica” que o estrutura.

Ainda segundo o autor, “esse sujeito não tem outra existência além de um furo no discurso. O sujeito do inconsciente manifesta-se no cotidiano como uma irrupção transitória de algo estranho ou extrínseco” (*apud* FINK, 1998, p. 63). Uma vez que, para Lacan, o inconsciente é o discurso do Outro<sup>14</sup>, dizer que esse sujeito não tem outra existência senão como furo no discurso implica em entender o inconsciente como constitutivo do sujeito, irrompendo, vez por outra, na cadeia enunciativa sem que o sujeito se dê conta, seja através de atos falhos<sup>15</sup>, chistes<sup>16</sup> ou de outras formações do inconsciente.

Além disso, o sujeito, ao se submeter à linguagem, se torna faltoso e/ou desejante, o que se convencionou chamar de sujeito da falta e/ou sujeito do desejo. Para melhor compreender o que significa dizer que o sujeito é faltoso e/ou desejante, trazemos algumas considerações, a partir de Fink (1998), a respeito das formulações de Lacan sobre a precipitação da subjetividade. Para Lacan, são três os momentos constitutivos da subjetividade, que são organizados em três metáforas substitutivas: alienação, separação e travessia da fantasia. Segundo Fink (1998, p. 93),

na alienação, o Outro domina ou toma o lugar do sujeito; na separação, o objeto *a* enquanto desejo do Outro toma a frente e tem precedência sobre o sujeito ou o assujeita; e na travessia da fantasia, o sujeito subjetiva a causa de sua existência (o desejo do Outro: o objeto *a*) e é caracterizado por um tipo de desejo puro sem um objeto: a capacidade de desejar.

---

<sup>14</sup> Segundo Bertoldo (2003, p. 94), “em psicanálise, o Outro, grafado com letra maiúscula, alude a um lugar e não a uma entidade. Diz-se lugar para significar uma ordem de elementos significantes que são os que articulam o inconsciente e marcam a determinação simbólica do sujeito (Vallejo e Magalhães, 1981, p. 105)”.

<sup>15</sup> Conforme Roudinesco & Plon (1998, p. 40), o ato falho corresponde a um “ato pelo qual o sujeito, a despeito de si mesmo, substitui um projeto ao qual visa deliberadamente por uma ação ou uma conduta imprevistas”.

<sup>16</sup> Os chistes, de acordo com Freud (1950), são jogos com as palavras, e capazes de provocar a comicidade. Os chistes são da ordem do consciente e estão relacionados ao momento posterior ao cômico, àquilo que se produz no outro com a anedota.

Na travessia da fantasia, o sujeito barrado passa a se relacionar com a causa do seu próprio desejo e não mais como desejo do Outro materno (alienação), ou como aquele que busca suprir a falta do Outro materno (separação). Assim, “ao clivar-se desse resto, o sujeito dividido, embora excluído do Outro, pode sustentar a ilusão da totalidade; ao apegar-se ao objeto *a*, o sujeito é capaz de ignorar sua divisão” (FINK, 1998, p. 83). A travessia da fantasia, para Lacan, é aquilo que possibilita ao sujeito fazer UM, ou seja, ter a ilusão de totalidade, tornando-se sujeito desejante. No entanto, ainda que o sujeito tenha uma ilusão de totalidade, o desejo nunca é realizado; por isso, é sempre objeto *a*. Nesse sentido, desejo e falta são coexistentes, para Lacan, pois a falta é aquilo que mantém o desejo e vice-versa.

A instauração do sujeito do inconsciente, nos estudos da (pós-)modernidade, vem a deslocar a concepção de sujeito da modernidade, proposta por Descartes – o chamado sujeito cartesiano, logocêntrico e racional. Neste estudo, o conceito de sujeito do inconsciente configura-se como um pressuposto teórico que possibilita um meio de vislumbrar os furos, as irrupções, aquilo que deixa rastros da heterogeneidade do sujeito, da (im)possibilidade de dizer-se e de ter controle sobre o que diz.

No que se refere à (im)possibilidade de controle de sentidos, em uma perspectiva discursiva, que pressupõe o sujeito do inconsciente, o filósofo Michel Pêcheux propôs algumas formulações sobre os esquecimentos que tornam (im)possível o sujeito dizer e dizer-se. Segundo Pêcheux ([1988] 2009), o sujeito se constitui a partir do que ele chama de esquecimentos nº 1 e 2. No esquecimento nº 1, o sujeito da linguagem acredita ser fonte e origem do que diz. Já no segundo esquecimento, o autor o postula como aquilo que possibilita ao sujeito acreditar que o que diz corresponde exatamente ao que pensa, de forma que, ilusoriamente, o que é dito só o pode ser com aquelas palavras e não outras, como se a produção de um sentido único fosse possível.

Ainda segundo os estudos do discurso, agora em uma perspectiva foucaultiana, o sujeito é entendido como aquele que assume lugares sociais no discurso, o que Foucault ([1969] 2010, p.42) chamou de formações discursivas. Segundo o filósofo, as formações discursivas se constroem a partir de lugares sociais que o sujeito ocupa no discurso e que



determinam o que pode e deve ser dito, o que pode e deve ser compreendido. Além disso, as formações discursivas definem também os procedimentos, as atitudes, ou seja, as práticas discursivas. No entanto, Foucault ([1969] 2010, p. 42-43) observa que não somente por sistemas de regularidade se constrói uma formação discursiva, mas por sistemas de dispersão que, segundo ele, constituem “jogos de diferença, de desvios, de substituição, de transformação” no discurso. Sendo assim, a própria dinâmica da formação discursiva sugere o entrecruzar de dizeres outros, a construção de outros efeitos de sentido, uma vez que toda formação discursiva se constitui de fios e/ou fragmentos de outras formações discursivas. Desse modo, entendemos que Foucault parece compreender o sujeito como uma função em um discurso em formação; assim, o sujeito

é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos (FOUCAULT, [1969] 2010, p. 105).

Dizer que o sujeito é aquele que ocupa um lugar social numa dada formação discursiva, também implica dizer que esse lugar é intercambiável e que o sujeito pode assumir diferentes posições no discurso. Os discursos, segundo Foucault, configuram as práticas que regulam a realidade, que instituem os regimes de verdade e que fazem com que o sujeito seja compreendido como efeito das relações de poder.

Portanto, no que se refere aos estudos postulados por Foucault, são discutidos os modos de subjetivação, ao invés de subjetividade. Tal noção teórica mobiliza a discussão sobre os processos de constituição das subjetividades produzidos nas relações de poder e saber, através dos agenciamentos e de seus dispositivos de funcionamento (FOUCAULT, [1988] 2011).

Os estudos sobre as relações de poder e saber atravessam toda a obra do filósofo, pertencente à sua fase genealógica<sup>17</sup>. Em sua obra *Vigiar e Punir* ([1975] 2007), ao fazer

---

<sup>17</sup> Nas obras de Foucault, é possível vislumbrar duas fases que norteiam os seus estudos: a arqueologia e a genealogia. Segundo o autor, “enquanto a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade” (FOUCAULT, [1979] 2010, p. 172). Sendo assim, a arqueologia viria a

um exame dos mecanismos que motivaram grandes mudanças no sistema penal ocidental, Foucault recupera algumas considerações sobre uma das tecnologias do controle, na sociedade da disciplina, ao retomar o *panopticon* de Jeremy Bentham. Ao estudar o espaço carcerário e suas modificações na história, Foucault faz algumas reflexões sobre o olho do poder, que seria uma torre instalada no alto do pátio das prisões, da qual se poderia ter uma visão panorâmica de todas as celas, configurando-se, desse modo, “um ponto central que deve ser o local de exercício do poder e, ao mesmo tempo, o lugar do registro do saber” (FOUCAULT, [1979] 2010, p. 211). Sendo assim, o olho do poder, para Foucault, seria um dos dispositivos da governamentalidade dos corpos.

A governamentalidade está relacionada à arte de governar, aquilo que, por meio de dispositivos de controle, contribui para a construção das subjetividades. Uma vez que o saber é um instrumento de poder, os dispositivos de controle da população são utilizados para a construção de um saber sobre ela, o que faz com que se estabeleça um poder sobre o saber construído, controlando, desse modo, o funcionamento da sociedade e o comportamento dos sujeitos. Para que esse dispositivo funcione, faz-se necessário um aparato de técnicas que convençam, de certo modo, os sujeitos a se submeterem a esse saber-poder, moldando-os e instrumentalizando-os. Sendo assim, a autogovernamentalidade seria esse aparato de técnicas, as chamadas técnicas de si, que contribuem para a instrumentalização dos indivíduos. A exemplo disso, temos o estabelecimento do que se convencionou chamar de moral e bons costumes, os comportamentos que são aceitos em uma ética construída na/pela governamentalidade e reforçada pela autogovernamentalidade (FOUCAULT, [1988] 2011; 2004). A confissão, a castidade, a monogamia, o repúdio à masturbarção são alguns desses comportamentos, tecnologias de si, que presentificam os dispositivos do controle de poder-saber sobre os corpos (FOUCAULT, [2001]2010; 2004).

Para Foucault, o controle dos corpos é exercido através do biopoder. O biopoder ao lado da biopolítica, “o exercício do poder sobre os seres vivos” (FOUCAULT, 2004, p.

---

ser um período no qual o autor preocupa-se, mais atentamente, com as questões epistemológicas, na sua relação com a história, já a genealogia seria o período em que atentou para a compreensão dos efeitos de sentido dos instrumentos de poder local na composição e legitimação do macropoder.

316), utiliza-se de instrumentos e de técnicas de saber-poder para controlar os corpos, disciplinando-os. É aquilo que possui o controle de vida e de morte.

A partir dos estudos de Foucault, Deleuze traz algumas considerações acerca dos modos de subjetivação e o modo como as subjetividades vão sendo construídas, o que o autor chamou de formas de agenciamento das subjetividades. A partir das leituras de Foucault e Deleuze, sobre essa questão, Rose ([1996] 2001, p. 143) parece compreender o sujeito como um efeito desses agenciamentos. Sendo assim, para o autor, a subjetivação é aquilo que, “a partir de efeitos de composição e recomposição de forças, práticas e relações”, tentam transformar o indivíduo em várias formas de sujeito, como seres capazes de se responsabilizarem por suas práticas, como também as de outros sobre eles.

Durante o nosso segundo capítulo de análise, na medida em que discutimos os recortes, abordaremos o conceito deleuziano de dobra. Deleuze ([1988] 2005, p. 104) afirma que “o lado de fora não é o limite fixo, mas uma matéria móvel, animada de movimentos peristálticos, de pregas e de dobras que constituem um lado de dentro: nada além do lado de fora, mas exatamente o lado de dentro do lado de fora”. Ainda segundo o autor, há quatro dobras, ou melhor, quatro pregas da subjetivação. A primeira se encontra na parte material de nós mesmos, o corpo. A segunda se estabelece na relação de forças que é vergada para que o sujeito estabeleça uma relação consigo. A terceira, por sua vez, relaciona-se com o saber, é a “dobra da verdade”, aquilo que serve de condição formal para todo saber. A quarta e última dobra constitui o próprio lado de fora, ou melhor, o suposto lado de fora (DELEUZE, [1985] 2001, p. 111-112). Ao recuperar o conceito deleuziano de dobra, Rose ([1996] 2001) afirma que se, hoje, os sujeitos constituem-se a partir dessas forças, dessas dobras, é devido às formas pelas quais as relações com o exterior vêm sendo invaginadas e/ou dobradas, para constituir um suposto lado de dentro. De modo que “o sujeito é agenciado/montado de novas formas, em termos de um problema de ‘autodomínio’, fazendo com que incida sobre si mesmo – aquele lado de dentro atuando sobre si mesmo – o poder que fazemos incidir sobre os outros” (ROSE, [1996] 2001, p. 180).

A dualidade, o interno e o externo, ou a dobra, são apenas ilusões pelas quais os sujeitos se constroem. Derrida (2002, p. 55) também traz alguns apontamentos sobre a

dobra, a partir da figura do manto do rei, cujas dobras se confundem com o seu próprio corpo, de modo que não se sabe o que se passa sob o manto ou o corpo do rei. Nesse sentido, o dentro e o fora se relacionam, na verdade, como dentro-fora, no hífen derrideano, que une e separa ao mesmo tempo, uma vez que se encontram imbricados na construção da subjetividade. No entanto, a ilusão de uma dualidade (interno/externo), a ilusão de um todo, do que me constitui e outro que me é exterior é, de certo modo, o que possibilita ao sujeito conceber-se como Um e portador de uma identidade, como veremos no próximo item.

## 1.2. Identidade e Identificação

A identidade, como a compreendemos, é aquilo que possibilita ao sujeito conceber-se como uno e indiviso, aquilo que dá a ilusão de inteireza, homogeneidade, permitindo-lhe fazer Um (AUTHIER-REVUZ, 1998). No entanto, as identidades, sobretudo na chamada (pós-)modernidade<sup>18</sup>, não são nunca unificadas, mas fragmentadas, heterogêneas e híbridas. A partir de Eckert-Hoff (2003a, p. 274), entendemos que “o jogo da *différance* revela o eterno adiamento de preencher a falta que nos constitui, o que evidencia, na trama discursiva, uma imbricação de vozes que ecoam do interdiscurso”. Desse modo, uma vez que o preenchimento dessa falta se faz impossível, não há, nunca, uma identidade homogênea, mas momentos de identificação. Em nosso estudo, buscamos por indícios desses momentos através da porosidade da língua(gem), possíveis de serem vislumbrados nos excertos discursivos que trazemos no capítulo de análise.

Na psicanálise de orientação lacaniana, as identificações parecem estar atreladas a esse exterior que também constitui o sujeito. A partir da leitura de Nasio ([1989] 1997) dos trabalhos de Freud e Lacan, trazemos algumas considerações sobre as postulações das diferentes formas de identificação.

---

<sup>18</sup> Uma vez que o termo (pós-)modernidade carrega em si o termo “modernidade”, faz-se impossível a polarização das duas perspectivas, pois, se interpenetram para constituir o momento híbrido e confuso em que vivemos (CORACINI, 2005, p. 16).

Para começar, uma vez que estas formas de identificação se situam em diferentes registros que estruturam a vida psíquica do sujeito – Real, Simbólico e Imaginário – faz-se necessário trazer algumas breves considerações sobre tais postulados de Lacan. Com base em Melman (2003, p. 208), entendemos que o “Simbólico remete, então, à forma pela qual nosso mundo é organizado pela linguagem e por suas leis” e o Imaginário, ainda a partir da leitura que o autor faz de Lacan, “remete à forma como o sujeito se constituiu através da imagem de seu semelhante”. O Real, por sua vez, designa, em Lacan, “o que a intervenção do Simbólico – o fato que se fale – torna irremediavelmente inacessível ao sujeito”. Melman (2003, p. 208) ainda utiliza um exemplo bastante interessante para nos auxiliar na compreensão desses registros. Segundo ele,

[u]ma porta, por exemplo, pode assim ser encarada na sua dimensão simbólica (a palavra “porta”), em sua dimensão imaginária (o desenho da porta) ou em sua dimensão real (a porta contra a qual nos chocamos). Os dois primeiros registros designam a realidade da porta, o terceiro, seu “real”, o que escapa à realidade (MELMAN, 2003, p. 208).

Dito de outro modo, no registro do simbólico, repousam as leis, os valores para o sujeito (a língua, a cultura, a religião, a moral, etc.); no registro do imaginário, se comparados aos outros dois registros, encontra-se aquilo a que o sujeito tem acesso, o que está na ordem do “eu”; já o real seria aquilo que não se simboliza e que, portanto, escapa à linguagem – a doença e a morte, por exemplo, são manifestações do real do corpo. Para Lacan, os três registros se encontram entrelaçados na constituição psíquica do sujeito. Esse entrelaçamento é designado através da figura do nó borromeano. Tal figura, na topologia lacaniana, se caracteriza pelo enodamento de três anéis e/ou rodinhas de barbante, nos quais, caso houvesse uma ruptura, os três anéis, portanto, os três registros seriam desligados. Para que os três registros permaneçam conectados, há uma espécie de força que cada um exerce sobre o outro, sem que haja a necessidade de postular a prevalência de um deles.

Uma vez apresentados os três registros lacanianos, ainda que resumidamente, trazemos alguns apontamentos sobre as formas de identificação, nessa mesma perspectiva. De acordo com Nasio ([1989] 1997, p. 101), enquanto, para Freud, o conceito de identificação designava a relação intrínseca entre duas instâncias inconscientes (A e B),

Lacan procurou nomear a relação entre essas duas instâncias que designaria a fundação de uma nova instância psíquica. Além disso, em sua leitura, Lacan evoca um duplo reviramento do conceito postulado por Freud. Para Freud, é *A* quem produz *B*, já, para Lacan, esse movimento se faz contrário, sendo *B* quem produz *A*, uma vez que a “identificação significa que a coisa com a qual o eu se identifica é a causa do eu, ou seja, o papel ativo anteriormente desempenhado pelo eu é, no momento, garantido pelo objeto” (NASIO, [1989] 1997, p. 101 – 105).

Uma vez que, para Lacan, a identificação designa o nascimento de um lugar novo, de uma nova instância psíquica, a partir da natureza desse lugar, foram distinguidas três formas de identificação: a imaginária, a simbólica e a fantasística<sup>19</sup>. A identificação imaginária encontra-se no registro do imaginário, portanto, seus componentes são a imagem especular e o eu. A identificação simbólica, por sua vez, encontra-se na ordem do inconsciente, sendo os seus componentes o significante e o sujeito do inconsciente. A fantasística também se encontra na ordem do inconsciente, mas os seus componentes são o sujeito do inconsciente e o objeto *a*.

A identificação imaginária é o que funda o eu para além de uma mera sequência de imagens, aquilo que funde a parte furada da imagem do outro com a do eu. Para Nasio ([1989] 1997, p. 116-117), na identificação imaginária, “o eu só se identifica seletivamente com as imagens em que se reconhece, quer dizer, com imagens pregnantes que de perto ou de longe, evocam apaixonadamente a figura do outro, seu semelhante”. Para melhor compreendermos a identificação imaginária, podemos pensar, por exemplo, em um filho que se veste como seu pai. Ao vestir-se como seu pai, o filho se nutre da imagem do pai para a construção da sua imagem especular, do “eu”.

A identificação simbólica se dá partir da identificação com um mesmo traço significante. Nela, é este traço o responsável por balizar “invariavelmente uma vida significante e, apesar disso, é subtraído dessa vida” (Nasio, [1989] 1997, p. 114); dessa maneira, esse traço é apenas emprestado para a fundação de uma nova instância psíquica. Para ilustrar o que estamos querendo dizer, podemos pensar, por exemplo, em um aluno de

---

<sup>19</sup> Em nosso estudo, trabalharemos, apenas, com os conceitos de identificação imaginária e simbólica.

uma língua dita estrangeira que se identifica com o país e os falantes dessa língua, de modo que, ao inscrever-se nela, incorpora seus traços, como, por exemplo, o sotaque dos falantes daquele país. Podemos dizer que a presença desse traço sugere indícios de uma identificação simbólica, uma vez que, aparentemente, há a identificação com um traço significativo.

A articulação desses conceitos será trabalhada na medida em que indícios dos processos identificatórios dos sujeitos entrevistados emergem, a partir dos excertos. No entanto, é bastante importante ressaltar que não é objetivo de nosso estudo apontar como as identificações ocorrem, pois tal tarefa é da ordem do impossível – sobretudo em uma situação não-clínica, como é o caso desta pesquisa – uma vez que o processo identificatório não é acessível. No entanto, devido à porosidade da língua(gem) buscaremos entrever, a partir do material linguístico-discursivo, os furos ou fragmentos que resvalam, constituindo indícios que podem apontar para momentos de identificação dos sujeitos entrevistados com diferentes aspectos das línguas-culturas com as quais eles se relacionam.

### **1.3. Línguas-culturas: o entre-lugares do sujeito imigrante**

A língua(gem)<sup>20</sup>, como temos buscado pontuar em nosso trabalho, é sempre porosa. Falar sobre a porosidade da língua(gem) implica em entendê-la como o lugar do furo, das irrupções do sujeito do inconsciente, uma vez que, para Lacan (*apud* FINK, 1998), o sujeito não é nada mais do que um furo no discurso. Compreendê-la a partir dessa perspectiva, pressupõe entendê-la também como não transparente, dada a impossibilidade de controle de sentidos.

Por essa razão, compreendemos que os sentidos se (des)constroem sempre na *différance* (DERRIDA, [1967] 2002), no adiamento e, portanto, impossíveis de serem controlados. Pensar a desconstrução, em nosso estudo, é partir do pressuposto da eterna promessa da língua(gem), que os sentidos encontram-se sempre à deriva, permanecendo

---

<sup>20</sup> Uma vez que língua e linguagem se interconstituem, a utilização dos parênteses, em nossa escrita, indica que ambas encontram-se imbricadas.

sempre adiados. Nesse sentido, a des-construção atravessa nosso estudo como um meio (e não um método e/ou uma teoria) de melhor compreender o funcionamento da língua(gem), uma vez falando a partir do próprio edifício da língua(gem).

E se os sentidos estão sempre à deriva, impossíveis de serem apreendidos termo a termo, faz-se necessário também colocar que não compreendemos a língua(gem) como um mero instrumento da e para a comunicação. Tal posicionamento diferencia-se de algumas vertentes teóricas, como, por exemplo, a da teoria da comunicação e sua apropriação dos postulados do linguista Roman Jakobson ([1969] 2005). Ao formular o esquema da comunicação, Jakobson postulou que o ato de comunicar-se consiste na transmissão da mensagem entre um emissor e um receptor, como se fosse possível ao receptor percorrer, através da mensagem, os exatos sentidos deixados pelo emissor, e também houvesse uma exata correspondência entre palavras e pensamentos. Assim sendo, nessa perspectiva, a língua(gem) parece ser compreendida como algo que pode ser controlado e, portanto, como algo que é exterior ao sujeito. Tal postulado foi de muita importância para os estudos linguísticos, sobretudo para os estudos sobre ensino-aprendizagem de línguas, de maneira geral, de modo que é ainda possível encontrar em alguns métodos e, conseqüentemente, também em livros didáticos, rastros dos postulados de Jakobson e seus seguidores. Ao trazermos os recortes que compõem a análise, veremos como tal reflexão, reforçada pelo discurso pedagógico, resvala no dizer de nossos entrevistados.

Partindo de uma perspectiva discursivo-desconstrutivista, nosso trabalho posiciona-se, então, contrário às perspectivas que consideram a língua(gem) como transparente, exterior ao sujeito e passível de controle. Pois, como aqui a entendemos, ela é sempre equívoca, lugar da falha e da falta, constitutivas do sujeito, e, portanto, nunca completa, muito menos transparente.

A esse respeito, do lugar do equívoco da e na língua, Lacan, ao forjar o termo *alíngua*<sup>21</sup>, inaugura um lugar ao equívoco, uma vez que a língua seria um não-todo marcando *alíngua*. A partir de Milner (1987, p. 19), entendemos que uma língua não é nunca uma e/ou idêntica a si mesma, pois:

---

<sup>21</sup> *Lalangue* em francês.



a verdade não é nada mais do que aquilo em relação ao que as palavras faltam; ora, as palavras sempre faltam, e o não-todo que marca a verdade enquanto que ela deve ser dita, marca também a alíngua, enquanto que todo dizer verdadeiro passa por ela. Donde se conclui que, como a própria verdade, a alíngua atinge o real.

Se as palavras sempre faltam e falham, a língua seria o meio no e pelo qual *alíngua* irrompe. Ainda segundo Milner (1987), é possível perseguir o equívoco, pois a língua não cansa de ser desestratificada por ele. Ao ser des-estratificada, o equívoco deixa extratos e/ou rastros possíveis de serem flagrados, através das chamadas manifestações do inconsciente<sup>22</sup>. E se uma língua é sempre o lugar do equívoco, nunca idêntica a si mesma, ao não-todo, e, portanto, aquilo que não cessa de escapar do e pelo sujeito, compreendemos também que uma língua nunca poderia, nem pode ser controlada e/ou nomeada como “minha”. Pois ela é sempre advinda do Outro e ao outro reconduzida.

Sobre a propriedade ou a ilusão de propriedade de uma língua, Derrida (1996), em sua obra *O monolinguismo do outro ou A prótese da origem*, discute a (im)possibilidade de dizer “minha língua”, apesar de o fazermos a todo momento. O desejo por uma monolíngua ou pela prótese da origem sempre existiu. Ainda nos dias de hoje, é possível encontrar tentativas de estabelecer uma monolíngua, como é o caso do inglês e da criação do esperanto (línguas ditas universais), bem como de estudar a origem das línguas no intento de alcançar uma língua-mãe, aquela de onde, possivelmente, teriam vindo todas as outras. Tentativas que entendemos como impossíveis, pois uma língua universal, una, é sempre promessa, eterno adiamento, sem ponto de partida ou origem e impossível de ser entendida como minha ou una, pois para Derrida (1996, p. 57), “não falamos nunca senão uma língua – e ela é dissimetricamente, a ele regressando, sempre, do outro, guardada pelo outro. Vinda do outro, permanecendo do outro, ao outro reconduzida”. Dizer que uma língua não é senão aquela vinda do outro, como também *a vinda* do outro e a ele reconduzida, não implica em somente entendê-la como uma língua estranha ou estrangeira, pois, toda língua (materna e estrangeira)

---

<sup>22</sup> Como já colocamos anteriormente, buscamos, em nosso estudo, esses rastros através de atos falhos, chistes ou outras formações do inconsciente, possíveis de serem flagrados na materialidade linguístico-discursiva que compõe o corpus do nosso trabalho.

não passa de um simulacro de unidade, porque ela se constitui de outras línguas, de outras culturas: não há língua pura e não há língua completa, inteira, una, a não ser na promessa sempre adiada, promessa que é dívida impossível de ser quitada, que é esperança numa racionalidade, numa totalidade jamais alcançada, lugar inacessível da segurança e a da certeza, longe da dúvida e do conflito (CORACINI, 2007a, p. 48-49).

Nesse sentido, dizer que uma língua não é nunca minha, mas do outro, implica em compreender que as línguas encontram-se sempre atravessadas por outras línguas e, conseqüentemente, outras culturas, em uma “con-fusão”. Por isso, assim como as tarefas da prótese da origem e/ou de uma monolíngua são da ordem do impossível, a própria dicotomização entre língua materna e estrangeira também o é. Pois “toda língua é estrangeira, na medida em que provoca em nós estranhamentos, e toda língua é materna, na medida em que nela nos inscrevemos, em que nela se faz ninho, lar, lugar de repouso e de aconchego” (CORACINI, 2007a, p. 48). Portanto, “materna” e “estrangeira” são meros efeitos produzidos nas e pelas línguas, uma vez que toda língua é materna e estrangeira ao mesmo tempo. Como veremos em nossos capítulos de análise, por vezes, a língua estrangeira, aqui chamada e entendida como a língua-cultura do outro, ocupa o lugar do aconchego e refúgio para alguns dos participantes, enquanto a língua dita materna, em alguns momentos, parece ser (re)significada como um lugar no e pelo qual o medo e o estranhamento parecem ocupar – e vice-versa.

Nos estudos da Linguística Aplicada, sobretudo no que se refere àqueles sobre ensino-aprendizagem de uma língua dita estrangeira, as forças e/ou dobras que uma língua exerce sobre a outra no processo de ensino-aprendizagem é de grande relevância para a área. Para situar, ainda que brevemente, as diferentes maneiras que o processo de ensino-aprendizagem de línguas vem sendo abordado e compreendido, trazemos algumas considerações sobre algumas perspectivas teóricas que foram de grande importância para a prática pedagógica e que, inclusive até os dias de hoje, são possíveis de serem encontrados nos chamados “novos” métodos e/ou “novas” práticas.

No percurso do ensino de línguas no Brasil, tivemos, primeiramente, a então chamada metodologia da Gramática-Tradução, onde língua materna e língua estrangeira se relacionavam, mas ainda em uma perspectiva onde a linguagem parecia ser transparente,

como se pudéssemos atravessar de uma língua para a outra sem nenhuma perda ou diferenciação. Em seguida, em uma perspectiva estruturalista, a língua materna já não estava mais na sua relação com a estrangeira, e vice-versa, mas apenas a língua estrangeira era utilizada nas salas de aula, como se a utilização da língua materna fosse verdadeiramente um pecado, uma contaminação. Um exemplo dessa perspectiva é o audiolingualismo, que se baseia em exercícios estruturais e em repetições, mudando-se apenas certos componentes da estrutura. A utilização de materiais considerados “autênticos” também é bastante relevante para esse período.

Como uma tentativa de resgatar o sujeito no processo de ensino e aprendizagem, tivemos também uma grande influência interacionista ou cognitivista. Nesse período, os aspectos cognitivos do processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira são bastante estudados, e surgem também algumas considerações do que seja o “bom” leitor, o “bom” aprendiz, como também a grande apreciação da Teoria do Monitor, desenvolvida por Krashen (1987), segundo a qual o sujeito se tornaria co-responsável pelo sucesso de sua aprendizagem, através do uso de determinadas estratégias meta-cognitivas que o levariam a tornar-se um “bom” aprendiz ou um aluno “competente” naquela língua estrangeira alvo (KATO,1985; CAVALCANTI,1989).

A partir dos estudos de Coracini (1998; 2003; 2007), entendemos que aprender uma outra língua é sempre inscrever-se em novas discursividades, em novas possibilidades de se significar e (re)significar. Mais do que conhecer essa língua, é ser falado por ela<sup>23</sup>. O que está em jogo, de fato, não é se se fala a língua dita estrangeira do mesmo modo que a dita materna, mas, conforme Coracini (2003b, p. 153), mais do que isso, é uma questão de compreender que

a inscrição do sujeito numa língua estrangeira será portadora de novas vozes, novos confrontos, novos questionamentos, alterando, inevitavelmente, a constituição da subjetividade, modificando o sujeito, trazendo-lhe novas

---

<sup>23</sup> Para o psicanalista Melman (1992), há uma diferença entre “saber” e “conhecer” uma língua. Segundo ele, saber uma língua é ser falado por ela, na medida em que ela o constitui e encontra fissuras no inconsciente por onde possa escapar.

identificações, sem que, evidentemente, ocorra o apagamento da discursividade da língua materna que o constitui.

De modo geral, o processo de ensino-aprendizagem de uma língua dita estrangeira nunca é anódino, uma vez que ele traz sempre consigo consequências profundas e indeléveis para a construção identitária do sujeito. Segundo Revuz (1997, p.217), “toda tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós”, e o encontro com essa língua faz surgir um laço e ao mesmo tempo uma ruptura com a chamada língua materna. No caso de imigrantes, a ruptura com a língua é real e esse processo não significa apenas um *tornar-se outro*, mas também habitar o país do outro e, conseqüentemente, a língua-cultura do outro.

Para o imigrante, esse processo de aprendizagem é algo que lhe é muito caro, já que a negociação dos sentidos é sempre na/pela língua-cultura do hospedeiro. Para que essa negociação seja possível, a ruptura com a língua materna se faz necessária para que, então, se possa inscrever na língua-cultura do hospedeiro. E, para que isso aconteça, ou seja, para habitar a língua-cultura do outro, faz-se necessário o luto da própria língua (CORACINI, 2007b).

Segundo Freud ([1915] 2006, p. 141-142), “o luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”. Coracini (2007b), ao mobilizar o conceito de luto em Freud, parece compreender que a inscrição de si em uma outra língua-cultura, por imigrantes, não se dá sem, antes, algum sofrimento: o luto, o que caracterizaria essa reação à perda ou a falta da chamada língua materna do imigrante. É importante ressaltar que o luto, nesse sentido, não significa uma perda completa da chamada língua materna, pois isso seria impossível, uma vez que a língua materna é também aquela na/pela qual o sujeito se constitui. Portanto, entendemos que o luto da própria língua e a inscrição de si na língua do outro poderiam facilitar o acesso à hospitalidade da/pela língua-cultura do outro. Por outro lado, vale ressaltar que esse acesso de que falamos nunca é completo e estável, pois

[o] estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito do país que o acolhe ou que o expulsa; o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito no qual está formulado o dever de hospitalidade, o direito ao asilo, seus limites, suas normas, sua polícia, etc. Ele deve pedir hospitalidade numa língua que, por

definição, não é a sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, o pai, etc. Estes lhe impõem a tradução em sua própria língua, e esta é a primeira violência (DERRIDA, 2003, p. 15).

Essa imposição da língua pelo dono da casa, o hospedeiro, se dá porque, conforme Derrida (1996, p. 39), a língua “condiciona o direito e os limites de um direito de propriedade, de um direito à hospitalidade, de um direito à *ipseidade* em geral, ao ‘poder’ do próprio *hospes*, dono e senhor, e em particular de si-mesmo (...)”. O hospedeiro, ao impor sua língua-cultura como sua propriedade, apaga o dever da hospitalidade, convocando os sentidos de uma hostil hospitalidade à situação migrante ou, nas palavras de Derrida (2003), uma hostipitalidade. Nesse sentido, sua língua materna encontra-se, então, abafada, escondida, em um “entre-lugares” (ECKERT-HOFF, 2010b).

Para finalizar esta seção, afirmamos, junto com Eckert-Hoff (2011b, p. 183), que, se faz necessário “pensar essa relação do sujeito na língua, da língua, pela língua, inserido em contexto de imigração, como dimensões da relação sujeito-língua-cultura, o que argumenta em favor da constituição híbrida, heterogênea e conflituosa da identidade”.

#### **1.4. O estranho-familiar: o corpo imigrante**

Nesta seção, objetivamos trazer algumas considerações a respeito do corpo do imigrante, como materialidade simbólica, no intuito de melhor compreender o seu funcionamento na medida em que o sujeito se desloca espacialmente e se inscreve na língua-cultura do outro. Ainda que este não seja objeto de estudo de nosso projeto de pesquisa, consideramos significativo tecer alguns alinhavos teóricos, uma vez que o nosso primeiro eixo de análise visa a apresentar resultados de análise que apontam para a articulação entre corpo e língua(gem) na construção da subjetividade do imigrante albergado no Brasil. Com isso, buscamos estabelecer as noções teóricas que balizam a nossa compreensão acerca do corpo para que, assim, possamos problematizar, em nossos eixos de análise, o modo pelo qual o corpo significa, ou seja, produz sentidos na construção do imaginário do sujeito imigrante acerca das línguas-culturas que o constituem, bem como as representações de si e do outro.

Durante o mo(vi)mento de análise, como também durante os próprios mo(vi)mentos da pesquisa, o corpo tem nos chamado a atenção de uma maneira bem recorrente. Durante o trabalho de coleta do *corpus*, procuramos, inicialmente, entrevistar imigrantes que estivessem em situação de rua no Brasil. Ao sairmos às ruas, algumas inseguranças emergiam: como identificá-los em meio a tantas outras pessoas em situação de rua? Como abordá-los? Como saber em que língua falar?

Durante as nossas primeiras abordagens, conseguimos, de certo modo, identificá-los através de uma marca que os “diferenciava” dos demais em situação de rua: o corpo e, conseqüentemente, a língua. Estando no albergue, à procura de alguma intermediação para realizar as entrevistas, os possíveis participantes de nossa pesquisa eram sempre endereçados pelos funcionários do local pelas suas marcas corporais, por exemplo, como “aquele com a cicatriz”, ou “o que tem olho de vidro”, ou ainda “aquela com o cabelo estranho, BEM negra”.

Esse olhar para esses corpos nos chamou a atenção, não devido ao fato de ser o corpo que possibilita o endereçamento, pois, independentemente de serem imigrantes ou não, os sujeitos são, por vezes, endereçados pela descrição de seus corpos, por exemplo, quando não se sabe o nome próprio. No caso de imigrantes albergados, o que atentamos é a maneira pela qual esses corpos foram e são endereçados: por marcas que ganham visibilidade, se comparadas a outros corpos, portanto, por aquilo que causa estranhamento – uma cicatriz, um olho de vidro, um cabelo “diferente” e a cor da pele.

Falar sobre o corpo do imigrante é remeter, de certa maneira, à própria história da fundação da Psicanálise. Fuks (2000), em seu livro *Freud e a judeidade: a vocação do exílio*, retoma a biografia do chamado pai da psicanálise, Sigmund Freud, buscando uma articulação com os conceitos por ele desenvolvidos, de modo a vislumbrar de que maneira vida (sobretudo a sua judeidade<sup>24</sup>) e obra se entrecruzam na constituição do seu legado.

---

<sup>24</sup> A partir de Albert Memmi, Fuks (2000) faz uma diferenciação entre três termos que dizem respeito a ser judeu; são eles: “judaísmo”, “judaicidade” e “judeidade”. “Judaísmo” seria aquilo que constitui o conjunto das tradições culturais e religiosas; “judaicidade” é o termo designado para expressar o grupo judeu em sua totalidade demográfica e o termo “judeidade” está relacionado a “sentir-se judeu”, “ao modo como um judeu é subjetiva e objetivamente”, como cada qual vive o seu judaísmo. Para Derrida ([1995]2001), a judeidade pode ser entendida como aquilo que funda um ato, um modo de tornar-se outro (retomaremos essa discussão em nossa próxima seção).

Desde os primeiros registros históricos, os judeus tiveram sua história marcada por diversas perseguições que contribuíram para a ex-patriação e exílio desses sujeitos. Assim sendo, os judeus, nos mo(vi)mentos da história, passaram a ser significados como sujeitos errantes, aqueles que vagam, sem destino. Durante muito tempo, seus corpos foram rotulados como inferiores e portadores de doenças, sobretudo durante o holocausto. Conforme aponta Fuks (2000), o corpo judeu sempre foi marcado, diferenciado dos demais. Como parte dos rituais judaicos, a circuncisão era a prática que marcava a entrada do homem judeu em sua “judaicidade”. Portanto, o corpo circuncidado, considerado como inferior, seria aquilo que se tornou uma categoria de exclusão: aquilo que definia o que o ariano não era.

Além do corpo, o judeu também era marcado e, portanto, excluído pela sua língua: o iídiche. O iídiche, segundo Fuks (2000), era a língua errante e aquela na/pela qual, de certo modo, os rituais judeus ganharam uma sobre-vida – sobreviveram aos exílios e expatriações vividos por esse grupo. Ao nos propormos trazer essas considerações, a partir do corpo judeu, buscamos ressaltar que, além da língua, o corpo do imigrante é aquilo que o marca na sua relação com o outro, aquilo que no e pelo olhar do outro é construído discursivamente como o estranho e errante também.

O estranho, o estrangeiro, o imigrante relaciona-se com o que é assustador, mas àquela “categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (FREUD, 1976, p. 2). Por isso, em suas formulações sobre o “estranho”, Freud traz o termo “estranho-familiar”, pois, a partir de um estudo arqueológico das línguas, foi possível, para o autor, identificar que, em diversas línguas, o estranho carregava em si a própria familiaridade - como é o caso do alemão: *heimlich-unheimlich*. A esse respeito, Kristeva (1994, p. 191) afirma que “a partir do outro, eu me reconcilio com a minha própria alteridade-estranheza, que jogo com ela e vivo com ela”. Nesse sentido, essa categoria de assustador se dá porque o estrangeiro nos coloca diante de nós mesmos, diante do estranho que somos e que nos habita, ou seja, o Outro.

O corpo, na psicanálise lacaniana, relaciona-se com o próprio assujeitamento à linguagem, na medida em que o bebê passa a compreender que o corpo da mãe não é mais uma extensão do seu corpo, que não constitui uma coisa só e, para satisfazer o desejo da

mãe, torna-se um ser falante, ou melhor fal(t)ante<sup>25</sup>. Para que haja essa separação, ou alienação, Lacan (1998) postula que a formação da função do *je*<sup>26</sup> se dá através do estágio do espelho. Segundo o psicanalista, este seria um estágio que corresponde dos seis aos dezoito meses de idade da criança, no qual ela passa a ver sua imagem “totalizada” no espelho, quando, antes, se via, apenas, como “despedaçada” (podendo enxergar somente algumas partes de seu próprio corpo, como as mãos e os pés, por exemplo). O estágio do espelho deve ser compreendido como

uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago* (LACAN, 1998, p. 97).

Além de construir as bases de sua identidade através de várias identificações com os adultos, a criança se identifica, acima de tudo, consigo mesma, mais exatamente com sua imagem especular, no estágio do espelho. Ao visualizar a sua imagem global (Gestalt), a criança percebe que seu corpo é revestido de forma humana e que, portanto, é uma identidade distinta das outras que a cercam, como a mãe, as bonecas e os animais de estimação, por exemplo. No entanto, nesse estágio, a criança se percebe como uma “entidade” e não ainda como ela mesma, uma vez que, somente a partir dos três anos, seu próprio reflexo passa a ser entendido como “ela”, ou “eu”. A partir de Lacan, Nasio (2009, p. 87) afirma que são três as sensações que o bebê experimenta ao se deparar com a sua imagem especular. Na primeira, ele se vê como uma entidade humana distinta; na segunda, como uma entidade humana distinta das outras entidades que o cercam e, na terceira, como

---

<sup>25</sup> Termo emprestado de Coracini (2003). Dizer que o sujeito é falante e faltante implica em entendê-lo como aquele que, ao alienar-se, a linguagem torna-se o meio no e pelo qual a criança se tornaria objeto de desejo da mãe. No entanto, embora a linguagem permita que esse desejo se realize, ela “dá um nó nesse lugar, e nos faz de tal forma que podemos desejar e não desejar a mesma coisa e nunca nos satisfazemos quando conseguimos o que pensávamos desejar, e assim por diante” (FINK, 1998, p. 23). Por isso, a linguagem é aquilo que possibilita o desejo e a falta ao mesmo tempo.

<sup>26</sup> Lacan introduz o conceito de *je* para designar o sujeito do inconsciente, que fala na primeira pessoa, e o *moi* como uma instância narcísica, da ordem do Imaginário. O *je* e o *moi* são duas articulações possíveis do eu (ego) freudiano.



uma unidade coerente e em movimento. Desse modo, o estágio do espelho designa o nascimento do *je*, do *moi*<sup>27</sup> e do outro.

Nesse sentido, ao ver-se, através do espelho, como uma imagem “totalizante”, a criança passa a estabelecer uma relação do seu corpo com a realidade. No entanto, o princípio organizador dessa realidade relaciona-se, sempre, com o olhar do outro. Ao ver a sua imagem invertida no espelho, a criança, na verdade, vê a imagem que o outro possui de seu corpo, portanto, ela se vê no e pelo olhar do outro – uma vez que nos é impossível ter uma imagem totalizante de nosso corpo, mas apenas “despedaçada”. Através da “formação do eu no ‘olhar’ do Outro” (CORACINI, 2003d, p. 242), dá-se a entrada da criança no registro do simbólico.

Segundo Nasio (2009), o corpo, na psicanálise, não é o corpo médico ou o da educação física: o corpo biológico; mas o corpo vivo: como o vivemos, o interpretamos e o fantasiados. A partir dos três registros lacanianos, Nasio também faz uma distinção entre corpo real, imaginário e simbólico, agrupando-os em: corpo sentido, visto e significante. Desse modo,

[o] corpo *sentido* é o corpo real, seja ele sensível, desejante ou regozijante; o corpo *visto* é o corpo visível em sua forma global, refletido num espelho, projetado numa tela ou percebido em meu semelhante; e, finalmente o corpo *significante* é o corpo simbolizado, ele próprio símbolo e, sobretudo, agente de mudanças na realidade do sujeito (NASIO, 2009, p.99).

Ao definir o corpo real como o corpo sentido, podemos pensar no próprio funcionamento do nosso corpo que se dá sem que nos demos conta, mas que o sentimos ainda assim, ou como a própria morte do corpo, como aquilo que escapa a esse funcionamento e não conseguimos significar. O corpo imaginário ou o corpo visto é aquele que construímos através de identificações imaginárias, portanto, no e pelo olhar do outro. O corpo imaginário é aquele que o “eu” tem como sua imagem especular<sup>28</sup>, que imagina habitar. O corpo simbólico ou corpo significante é assim nomeado porque, uma vez que o

---

<sup>27</sup> Conforme nota de rodapé nº 24.

<sup>28</sup> Cabe ressaltar que Lacan não se refere ao estágio do espelho como um estágio, pois ele se repete ao longo da vida do sujeito. As identificações imaginárias e, conseqüentemente, o corpo imaginário, portanto, seriam um eterno retorno a esse estágio.

sujeito é efeito entre significantes, o corpo seria um dos significantes que o balizam e que determinam a sua realidade. Nasio (2009, p. 98) afirma que algumas marcas corporais dos sujeitos os marcam de modo a construí-los simbolicamente, como o caso de Beta, mãe de Carlos Magno, que, segundo o autor, tinha o pé “descomunal” e, ainda que ocupasse um lugar de prestígio na sociedade, era sempre vista pelo outro como “aquela que existiu mais por seu pé ou por seu ser” – de modo que essa marca passou a significá-la, tornando um nome que designava a parte significativa do seu corpo. Em suma, o corpo, na psicanálise, é sempre construído por uma imagem, portanto, o corpo é sempre imagem. Mais ainda, uma imagem que é sempre construída pelo Outro.

De certo modo, essas observações também parecem se alinhar com algumas proposições feitas por Derrida ([2002] 2011), em sua obra “O animal que logo sou”. Ao trazer a metáfora do homem que, ao ser colocado nu diante de um gato, passa a se interrogar: “quem sou eu?”, Derrida levanta algumas questões sobre o que diferencia o que é do homem e o que seria do animal. O homem, ao se colocar como superior, uma vez que a linguagem seria aquilo que o diferencia do animal, por vezes, age com a mesma animalidade. Nesse sentido, ao ser confrontado com uma *psyché*<sup>29</sup>, um espelho que o refletiria nu dos pés à cabeça, o homem se questiona:

[d]everia eu mostrar-me mas, em o fazendo, ver-me nu (e então refletir minha imagem em um espelho) quando isto me olha, esse vivente, esse gato que pode ser captado no mesmo espelho? Existe narcisismo animal? Mas esse gato não pode ser, no fundo de seus olhos, meu primeiro espelho? (DERRIDA, [2002] 2011, p. 99)

Parece-nos que, para Derrida, a imagem do corpo também é construída no e pelo olhar do outro, uma vez que o homem se vê no fundo dos olhos do gato, tão animal quanto ele, como se, nesse momento, houvesse uma identificação que “escondemos”. Sendo assim, as considerações que trouxemos aqui parecem, de uma certa maneira, se aproximar – no que se refere à compreensão do corpo como uma imagem construída através do outro.

É importante ressaltar que, em nossa pesquisa, o corpo, como materialidade não-verbal, não integra o escopo desta dissertação, uma vez que ele se constitui de excertos

---

<sup>29</sup> Conforme nota do tradutor em (DERRIDA, [2002]2011, p. 92), “*psyché*, em francês, tem dois sentidos: 1. psique; 2. Grande espelho onde se pode ver-se da cabeça ao pés.”

discursivos. No entanto, a partir da análise do material linguístico-discursivo, foi-nos possível rastrear algumas representações de língua-cultura nas quais o corpo é significado como o espaço discursivo no/pelo qual a inscrição de si na língua dita estrangeira ocorre, como também o lugar das identificações e/ou resistências à língua-cultura do outro. No que se refere às representações de si e do outro, o corpo parece funcionar como o suporte de língua(gem) que possibilita ao sujeito ser identificado como estrangeiro e, portanto, estranho. Com isso, objetivamos, então, analisar o dizer sobre o corpo e como ele significa e é significado em e para sujeitos entre línguas-culturas.

### **1.5. Memória e arquivo: a escrit(ur)a no/do corpo**

Em concordância com Coracini (2011, p. 25), entendemos que “nunca se testemunhou tanta necessidade de deixar – ainda que ilusoriamente – traços de si num mundo que é de todos e de ninguém”. Ao nos debruçarmos diante do material de análise, notamos que, ainda que as entrevistas tenham sido semi-estruturadas, de maneira geral, as narrativas apontam justamente para esse desejo: o de falar e deixar algo de si. Falar de si é sempre evocar um passado inacabado e que, portanto, se faz presente e futuro a um só tempo; é re-tomar uma (ilusão de) origem, é (des)construir-se.

Segundo Rose ([1996] 2001, p. 162), os álbuns de fotografia e a repetição de rituais de histórias, bem como a própria organização do tempo e do espaço “estabelecem a possibilidade que um passado mais ou menos imaginário possa ser re-evocado, no presente ou no futuro em locais particulares”. Tais aparatos configuram o que o autor chamou de tecnologias da memória, instrumentos que agenciariam a memória. Compreendemos que essas tecnologias da memória possibilitariam ao sujeito a ilusão de que a memória seria ela própria inteira, portanto, una e passível de ser acionada a qualquer momento, como um retrato fiel de seu passado e presente.

Em uma perspectiva discursivo-desconstrutivista, a memória não é aquela compreendida como a capacidade que o indivíduo tem de armazenar informações, muito menos como um espaço localizado no cérebro onde as experiências estariam retidas. A memória, como a entendemos, é sempre fragmentada e construída por esquecimentos, ao

passo que lembrar é também esquecer. No entanto, o esquecimento não deve ser designado como “a perda de alguma coisa que se tenha um dia sabido, como quando se fala ‘perda de memória’, por uma doença da mente, mas o acobertamento da causa do sujeito no próprio interior de seu efeito” (PÊCHEUX *apud* CORACINI, 2011, p. 34).

A memória discursiva, o interdiscurso, constitui-se em fragmentos de múltiplos discursos que constroem o sujeito. Para que a memória seja acionada, tornando o dizer possível, Foucault ([1969] 2010, p. 147) postula que o arquivo seria aquilo que possibilitaria o dizível, “a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares”. O arquivo, portanto, é aquilo que dá sentido ao que é dito e que justifica o que pode e que não deve ser dito, o dito e o não-dito. Nesse sentido,

[se] o arquivo é o que justifica o dito e o não-dito – o que não pôde (ou não pode) ser dito -, ele é também o que faz com que os discursos se modifiquem, que alguns dizeres, longínquos no tempo, permaneçam e outros, mais recentes, se esfumem e até desapareçam. O arquivo é, assim, a garantia da memória – ao mesmo tempo em que é por ela garantido; não da memória cognitiva, consciente, controladora de si e dos outros como querem vertentes da psicologia e da pedagogia, mas daquela que é responsável pela manutenção da tradição, dos aspectos culturais, dos conhecimentos que herdamos, saberes esses – muitas vezes anônimos – que, ao permanecerem, se transformam: ao serem lembrados, são esquecidos (CORACINI, 2007a, p. 16).

Derrida, por sua vez, ao discorrer sobre o conceito de arquivo, expõe que ele não se relaciona apenas ao passado, mas a um por vir. O arquivo “trata-se do futuro, a própria questão do futuro, a questão de uma resposta, de uma promessa e de uma possibilidade para amanhã” (DERRIDA, 2001, p. 51). Em seu livro *Mal de arquivo*, o autor busca estabelecer algumas considerações sobre o conceito de arquivo com a obra de Freud, *Mal estar na civilização*, e sobre os conceitos psicanalíticos de pulsão de vida e de morte, também postulados por Freud.

A respeito do retorno ao passado, que visa a um por-vir, Derrida (2001) retoma a dedicatória de Jakob Freud na Bíblia que entregara a seu filho, Sigmund Freud, como um presente de aniversário dos 35 anos de sua circuncisão. Segundo o autor, este ato de retorno não há nada que retome a uma origem, mas, na verdade, a inauguração de um novo judeu. A partir disso, Fuks (2000, p. 62) afirma que “a circuncisão enquanto arquivo é a espera do futuro, a experiência de uma entidade que só poderá ser declarada e anunciada a partir do

que vem do futuro”. Por isso, a circuncisão, como arquivo, é aquilo que permite ao judeu fundar-se em sua judaicidade que, lembramos, é o modo como cada um vive o seu judaísmo, ou seja, a sua singularidade. Nesse sentido, o arquivo seria aquilo que circuncida, que corta, que inscreve e escreve marcas no corpo de modo a construir a singularidade do sujeito. No que se refere às marcas deixadas no corpo pela memória, Khel (*apud* CORACINI, 2011, p. 36) afirma que a memória é

[...] aquilo que se inscreve no corpo, a partir da intervenção do Outro, e que permite que o sujeito ‘saiba’ quem ele é, reconheça-se, identifique-se com seu nome próprio e seja capaz de dizer: ‘este sou eu’, sem precisar presentificar-se, certificando-se de si mesmo diante de sua imagem especular.

O corpo, assim como a língua-cultura do imigrante, como suportes de linguagem, configuram-se como o meio – corpo-língua(gem) – no e pelo qual a memória discursiva funciona. Em seu estudo sobre o processo de interdição das línguas de imigrantes no Brasil, Payer (1996, p. 108) afirma que a língua é, para o sujeito, “aquilo que lhe é dado falar por sua história”. Assim, ainda que durante o processo de nacionalização do Brasil da era Vargas, se tenha buscado silenciar as línguas de imigrantes, o funcionamento da memória da língua se dava, nesse caso, como “presença constitutiva de traços de uma língua presente em uma ausência” (PAYER, 1996, p.108), como, por exemplo, através de lapsos no dizer de imigrantes.

A partir do estudo de Payer, Hashiguti (2008, p. 61) propõe um olhar para o corpo imigrante, como materialidade não verbal. Ao compreender os gestos, como formulações do corpo, a autora os compreende também como “aquilo que lhe foi dado produzir por sua história”. A partir de sua análise do corpo do imigrante japonês no Brasil, a autora afirma que “mais visível que a língua dos descendentes japoneses, estava o corpo” (HASHIGUTI, 2008, p. 3); pois, o corpo, ao ser olhado, desperta uma memória discursiva que com ele se relaciona. Ainda segundo a autora, as especificidades biofísicas do corpo do imigrante japonês, como o formato amendoado dos olhos e a distância entre eles, por exemplo, contribui para a construção de um imaginário social deste corpo que, no movimento da história, é ecoado através do interdiscurso, ou seja na memória discursiva.

Pensar na língua-cultura e no corpo do imigrante é pensar nesse passado que é (re)evocado, a todo momento, no e pelo olhar do outro. Em nossa pesquisa mais

especificamente, as narrativas dos participantes funcionam como (uma ilusão de) agenciamento dessas memórias que, por vezes, causam mal-estar, que não se quer falar, no caso de alguns; e que, para outros, parecem funcionar como aquilo que lhes garante uma sobre-vida, um meio de re-tomar e perpetuar a última morada/referência.

## CAPÍTULO 2 – A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E MO(VI)MENTO DE ANÁLISE

Com este capítulo, que precede o capítulo de análise, pretendemos trazer à baila algumas considerações sobre a maneira pela qual o nosso olhar para o *corpus* foi sendo construído, uma vez que nosso estudo parte de uma visão teórico-metodológica que privilegia diferentes possibilidades de interpretação para o material de análise. Dessa forma, na primeira parte deste capítulo, em *3.1. Constituindo o material e o mo(vi)mento de análise*, tecemos alguns apontamentos sobre o procedimento metodológico, a partir do qual o *corpus* foi constituído e recortado, como também a maneira pela qual a análise foi engendrada. Na segunda parte, *Os participantes*, apresentamos uma descrição dos participantes da pesquisa. Em seguida, na terceira e última parte, *A Casa do Migrante*, trazemos, a partir de nossas notas de campo, algumas considerações sobre a Casa do Migrante, lugar onde foi possível o acesso aos participantes.

### 2.1. Constituindo o material e o mo(vi)mento<sup>30</sup> de análise

Uma vez que nos situamos em uma perspectiva que também privilegia as condições de produção dos discursos, consideramos relevante tecer algumas considerações sobre as condições de produção do trabalho de coleta do *corpus*, antes de prosseguirmos na descrição do mesmo. Durante o trabalho de coleta do material, inicialmente, procurávamos por imigrantes que estivessem em situação de rua. Durante um mês, julho de 2011, tentamos abordar os chamados moradores de rua, na busca de imigrantes que pudessem, talvez, se encontrar na mesma situação. Encontramos alguns, conversamos com poucos, mas não conseguimos a autorização de nenhum deles para realizar a gravação das entrevistas. Essas negativas chamaram a nossa atenção para algumas condições de produção da errância (pós-)moderna: o medo e desconfiança provocados nos sujeitos migrantes. Somente para ilustrar um dos momentos do nosso trabalho de coleta, lembramos de um casal, que aparentava ser de origem sul-americana e que abordamos em uma

---

<sup>30</sup> Termo emprestado da dissertação de Patrícia Nogueira da Silva (2011).

praça na cidade de Brasília. O que chamou a atenção nessa abordagem, inicialmente, foi o fato de que apenas o senhor respondia as nossas perguntas; a mulher, que estava ao seu lado, sequer nos olhava, parecendo estar apreensiva, com medo. Durante a conversa, a língua espanhola estava absolutamente marcada no dizer do possível participante da pesquisa, mas, ainda que essas marcas estivessem presentes em sua fala, o senhor se disse de origem brasileira, recusando-se a conceder-nos a entrevista.

Ao expor esse breve relato de campo, objetivamos apontar que, antes mesmo de termos o nosso material coletado e recortado, nossos gestos interpretativos já vinham sendo construídos na medida em que fomos vislumbrando as condições de produção da pesquisa, no contexto de imigração e pobreza no Brasil. É importante ressaltar essa questão, pois, como veremos nos resultados de nossa análise, no capítulo que se segue, o medo e a desconfiança são bastante recorrentes em nossos registros.

A partir do insucesso no trabalho de coleta do material e abordagem com a população de rua, procuramos estabelecer contatos com organizações não governamentais para que, desse modo, a nossa abordagem pudesse ser intermediada. Foram várias as instituições com as quais entramos em contato, sobretudo na cidade de Brasília e, em seguida, na cidade de São Paulo. Em meados de setembro de 2011, entramos em contato com a Casa do Migrante, a qual nos concedeu autorização para a realização de entrevistas com os seus acolhidos. Esta casa está localizada na cidade de São Paulo e destina-se a abrigar migrantes e imigrantes, inclusive na situação de refúgio, de todo o Brasil.

As entrevistas foram gravadas durante as nossas visitas à casa, no período de setembro de 2011 a abril de 2012. As entrevistas se deram na forma de relatos e mesmo que tivéssemos algumas perguntas norteadoras, buscamos intervir o mínimo possível durante a conversa, procurando deixar o participante falar sobre suas experiências durante o tempo que desejasse – ainda que, de certo modo, a espontaneidade se encontrasse comprometida devido à presença do entrevistador (pesquisador) e do gravador (CORACINI, 2007a). Para a realização das entrevistas, todos os participantes leram e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando a gravação e utilização das entrevistas para a realização deste estudo. Os termos foram redigidos em português, espanhol e inglês, conforme anexos, e cada participante recebeu uma cópia desse termo.



Antes da realização das entrevistas, contamos com a intermediação ora da assistente social da casa, ora do padre que a coordena, para termos acesso aos imigrantes e ao consentimento dos possíveis entrevistados. Ainda que contássemos com uma intermediação, muitos dos imigrantes, lá acolhidos, se recusaram a nos conceder entrevista, sobretudo aqueles que se encontravam em situação de refúgio. Para ilustrar essa situação, traremos, no recorte 23 de nosso capítulo de análise, a entrevista de Vinícius<sup>31</sup>, um colombiano refugiado que estava no Brasil, no momento da entrevista, havia seis meses. Como veremos, o participante utiliza a palavra “circunstâncias”, várias vezes, para justificar o motivo pelo qual está no Brasil, uma vez que não pode nomear ou contar as reais razões da sua vinda. Por vezes, Vinícius interrompe o seu relato para nos dizer que não gostaria de responder sobre sua vida em seu país de origem e falar sobre a sua situação no Brasil. É interessante também ressaltar que, de modo geral, as entrevistas que compõem o nosso trabalho são curtas, com uma média de 15 a 30 minutos de duração e que, não raro, alguns dos participantes, assim como Vinícius, também pediram para encerrar a gravação, seja por não quererem falar sobre suas vidas ou não se sentirem bem falando sobre suas vidas e a razão pela qual emigraram.

O nosso *corpus* constitui-se de dez entrevistas orais semiestruturadas realizadas na língua portuguesa. Ao apresentarmos os resultados da análise, traremos excertos extraídos dessas entrevistas que consideramos mais significativos, os quais acreditamos sustentar o trabalho de análise desta dissertação.

No que se refere ao olhar teórico-metodológico, em uma perspectiva discursivo-desconstrutivista, diferentemente de um posicionamento positivista, não buscamos trazer esclarecimentos, mas problematizar e investigar o modo como os sentidos são produzidos. Em nosso estudo, buscamos rastrear as representações que permeiam o dizer dos participantes. As representações, como as entendemos, situam-se na ordem do imaginário, compreendido como uma “memória coletiva e é constituído de tudo o que é preconstruído, seja no social ou no simbólico, para onde se remete o sujeito no processo de produção de sentidos” (TAVARES, 2011, p. 198). De acordo com Coracini (2003c, p. 219), “toda

---

<sup>31</sup> Nome fictício.

representação se constrói a partir das experiências pessoais, mas não apenas: elas se constroem a partir das experiências dos outros, daqueles que nos cercam e que nos levam a crer nisto ou naquilo, que nos dizem quem somos”. Assim, uma vez que as representações configuram-se uma “porta de entrada para a percepção das identificações” do sujeito (GRIGOLETTO, 2003, p. 225), ao rastreamos as representações que atravessam o dizer dos entrevistados, buscamos por indícios dos processos identitários de sujeitos imigrantes.

Assim sendo, ao coletarmos o material linguístico-discursivo, através de entrevistas orais, não objetivamos um meio de termos acesso aos fatos, mas uma possibilidade de buscar “fios da memória discursiva que constituem o tecido do dizer” (ECKERT-HOFF, 2003a, p. 270) de imigrantes albergados. Nesse sentido, justificamos a escolha da coleta dos registros através de entrevistas orais, dada a possibilidade de rastrear, em alguns momentos, traços da equivocidade da língua, seja através de atos falhos, risos, hesitações, chistes e/ou silenciamentos, como veremos na medida em que traremos nossos recortes – uma vez que “seria nos momentos em que a língua ‘falha’ que o sujeito encontra a voz de um outro em si mesmo” (ANDRADE, 2008, p. 78).

O trabalho de análise, como pressupõe o título do presente capítulo, constitui um movimento e em momentos, um ir e vir, visitas e re-visitas ao material coletado (ORLANDI, 1999). Desse modo, procuramos entrever os efeitos de sentido que se dão na articulação entre o intradiscurso – o nível das palavras, nível morfológico, sintático, semântico etc. – e o interdiscurso, que está relacionado às condições de produção dos discursos e à historicidade. Desse modo, buscamos vislumbrar, na medida do possível, os *sistemas de regularidade e dispersão* (FOUCAULT, [1969] 2010) que constituem o material de análise.

A análise do material encontra-se cartografada, como um mapa com múltiplas entradas e saídas, a partir do qual (de)lineamos dois eixos temáticos. Os eixos constituem aquilo que atravessa o material e também, num só tempo, se interconstitui. Para pensar o funcionamento da análise do *corpus* e do estabelecimento dos eixos temáticos, trazemos algumas considerações acerca do rizoma que, segundo Deleuze & Guattari ([1995] 2011, p. 43), é aquilo que, oposto a uma estrutura,

se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza.

Dentro dos eixos temáticos e a partir deles, buscamos por essas linhas de segmentaridade e estratificação, o que temos chamado de categorias de análise. Como veremos em nossos capítulos de análise, as categorias representam apenas possibilidades de entrada no material, rastreadas a partir de nosso gesto interpretativo. Além disso, na medida em que discutimos os recortes, observamos que as próprias categorias confluem umas as outras, se (re)atualizam, reterritorializando as possibilidades interpretativas do material. Como veremos no capítulo a seguir, os recortes analisados se entrecruzam, o que nos possibilita múltiplos acessos e possíveis retomadas e reterritorializações de nossas discussões aqui empreendidas.

Assim, ao buscarmos os sistemas de regularidade e dispersão na materialidade linguístico-discursiva, objetivamos vislumbrar atravessamentos de discursos outros que permeiam a constituição identitária do sujeito, uma vez que a identidade é sempre um processo em construção. Entendemos que as histórias de vida que compõem o nosso corpus, configuram-se como um espaço discursivo no/pelo qual se constroem a ficção de si e as identidades (a ilusão do UM), uma vez que “falar de si é, de algum modo, criar (construir) uma história, uma narrativa, uma ficção que se torna pela discursividade, uma verdade, melhor dizendo, uma realidade” (CORACINI, 2007a).

Para incitarmos os entrevistados a falarem de si, a construírem suas narrativas e, portanto, suas ficções, iniciamos as entrevistas com uma pergunta base e, na medida em que a entrevista seguia, inserimos perguntas outras que considerávamos relevantes para a realização da pesquisa, como: 1) Você poderia me contar sobre sua vida em seu país até você chegar ao Brasil? 2) Como você se sente aqui? 3) Como você aprendeu ou tem aprendido o português? 4) Você frequentou aulas de português? Se sim, como são/foram as

aulas? 5) Como é o seu relacionamento com o pessoal aqui da casa? Como você se comunica com eles?<sup>32</sup>

Vale ressaltar que, ao engendrarmos a análise, não buscamos encontrar uma lógica na narração de histórias de vida, por parte dos entrevistados, mas fragmentos que possibilitem flagrar esse encontro com o Outro, com a verdade do sujeito.

## 2.2. Os participantes

Para a escolha dos participantes da pesquisa, foram dois os critérios utilizados, além do fato de serem imigrantes albergados. O primeiro é que os participantes deveriam estar morando no Brasil há, pelo menos, um mês, e o segundo é que deveriam ter alguma fluência na língua portuguesa. Tais critérios se justificam, porque acreditamos que, durante esse período, de pelo menos um mês, seria possível aos participantes estabelecerem algumas impressões sobre o Brasil e a situação de imigração e de exclusão, bem como as suas primeiras entradas nessa nova língua-cultura, o português do Brasil.

Os dez participantes de nossa pesquisa vieram de diferentes países, mas a maioria deles é de origem sul-americana, vindos da Bolívia, da Colômbia e do Chile. O restante dos participantes vem dos Estados Unidos, do Haiti, do Congo, de Portugal e de Angola. A tabela abaixo indica o país de origem de cada um, a idade, o tempo de permanência no país, por ocasião das entrevistas, como também a situação política em que se encontravam. Vejamos:

<b>Nome<sup>33</sup></b>	<b>País de origem</b>	<b>Idade</b>	<b>Tempo de permanência no Brasil</b>	<b>Situação<sup>34</sup></b>
--------------------------	-----------------------	--------------	---------------------------------------	------------------------------

<sup>32</sup> As perguntas não foram, necessariamente, formuladas dessa maneira e nessa ordem, com exceção da pergunta base, a de número 1. Vale também ressaltar que nem todas as perguntas estavam previstas, mas devido às regularidades dos relatos das histórias de vida, estas acabaram por estruturar as entrevistas..

<sup>33</sup> Os nomes aqui colocados são fictícios e, para facilitar, conservou-se apenas a letra inicial do nome original.

<sup>34</sup> Conforme a Convenção das Nações Unidas (1951), relativa ao Estatuto dos Refugiados, o imigrante refugiado é aquele que, em razão de fundados temores, encontra-se fora de seu país de origem e que não pode ou não quer regressar ao mesmo.

Beatriz	Estados Unidos	15 anos	1 mês	Imigrante
Sílvia	Bolívia	42 anos	3 anos	Imigrante refugiada
Nina	Bolívia	35 anos	6 mês	Imigrante
Samuel	Congo	29 anos	8 meses	Imigrante refugiado
Sônia	Haiti	32 anos	5 meses	Imigrante refugiada
Miguel	Chile	49 anos	23 anos	Imigrante
Lúcio	Portugal	29 anos	6 meses	Imigrante
Vinícius	Colômbia	24 anos	3 meses	Imigrante refugiado
Roberto	Haiti	32 anos	1 ano e 6 meses	Imigrante refugiado
Daniel	Angola	32 anos	7 meses	Imigrante refugiado

É importante observar que, ao fim do trabalho de coleta, pensávamos que teríamos dificuldades em encontrar regularidades no dizer dos participantes, em função das diferentes origens de cada um e, conseqüentemente, de suas diferentes histórias de vida. No entanto, como veremos no capítulo seguinte, suas histórias se entrecruzam de maneira bastante interessante, assim como o modo singular como se relacionam através das diferentes línguas (espanhol, francês, inglês, crioulo e português) que os habitam e que, portanto, os constituem.

### **2.3 A Casa do Migrante**

A Casa do Migrante é uma casa de passagem localizada no bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo. No mesmo quarteirão onde funciona a Casa do Migrante, também estão localizados o Centro de Estudos Migratórios de São Paulo (CEM), a Pastoral do Imigrante e a Igreja Nossa Senhora da Paz. Essa casa de passagem é considerada a única casa especializada, no país, a abrigar migrantes, imigrantes e imigrantes refugiados. Segundo o padre que coordena o albergue, os trabalhos realizados pela casa funcionam como uma espécie de tripé: pesquisa, acolhida e fé. A pesquisa realizada pelo CEM, a acolhida na Casa do Migrante e a fé na Igreja Nossa Senhora da Paz.

A Casa do Migrante tem capacidade para 110 pessoas. Conforme dados do Centro de Estudos Migratórios (CEM) <sup>35</sup>, em 2010 foram acolhidas 11695 pessoas de 74 nacionalidades – 267 pessoas da América do Sul, 120 da África, 41 da América Central e Caribe, 30 da Ásia, 17 da Europa e 02 da América do Norte. No ano de 2011, cerca de 84% dos acolhidos pela casa eram imigrantes, refugiados em sua maioria. Foram registrados, no ano de 2011, cerca de 37572 atendimentos e 4158 imigrantes foram acolhidos dentre 66 nacionalidades. Os albergados podem permanecer na casa por até seis meses, mas esse prazo pode ser estendido conforme a necessidade de cada um. Para que permaneçam na casa, os acolhidos devem obedecer a regras pré-estabelecidas pela equipe de voluntários que lá trabalham e, caso essas não forem cumpridas, os albergados são desligados pela casa. A casa conta com a ajuda de uma assistente social, missionários, psicólogas e dois professores de português como língua estrangeira. As aulas de português são ministradas no fim do dia, durante a semana e aos sábados pela manhã. De acordo com a assistente social, a casa conta com a ajuda de várias empresas para a colocação dos acolhidos no mercado de trabalho, mas, para os imigrantes, a maior dificuldade é aprender o português, para que, assim, consigam trabalhar.

Durante as nossas visitas à casa, todos os funcionários se mostraram bastante prestativos e atenciosos conosco. Muitos deles nos ajudaram na intermediação das entrevistas, bem como no próprio (re)conhecimento do local e daqueles que ali moram. Durante as refeições servidas pela casa, por exemplo, fomos convidados a ajudar a servi-las aos acolhidos, como um meio de aproximação e estabelecimento de contato, numa tentativa de amenizar a desconfiança.

Outra observação que consideramos relevante pontuar é uma de nossas conversas com um dos funcionários da casa. Esse funcionário nos contou o quão difícil era contratar funcionários para o local e tê-los trabalhando por muito tempo ali, “por causa do choque entre as culturas”. Para exemplificar o que ele entendia por choque, relatou-nos que, por vezes, não entendia certos hábitos de higiene pessoal de alguns dos acolhidos. Contou-nos que muitos deles, ao invés de lavarem as mãos ou o rosto quando acordam, utilizam a pia

---

<sup>35</sup> Fonte: <http://www.missaonspaz.org/> - último acesso em 30/07/2012 – às 15:38

do banheiro para lavarem os pés e aquilo o incomodava. Nessa conversa-desabafo, disse ser muito difícil manter a higiene do local por causa dos diferentes hábitos ali encontrados e, por isso, muitos funcionários não conseguiam trabalhar ali por muito tempo, devido a esse “choque entre culturas”. Ao trazer esse relato, retirado de nossas notas de campo, propomos, mais uma vez, atentar para o contato-confronto que o ser-estar entre línguas-culturas provoca e que isso pode ser vislumbrado, desde o trabalho de coleta. Sendo assim, passamos ao capítulo seguinte, que apresenta os resultados de análise, onde traremos essas questões mais detidamente.





## CAPÍTULO 3 – CORPO-LÍNGUA(GEM)

No terceiro capítulo de nossa dissertação, apresentamos o nosso primeiro eixo de análise, nomeado *Corpo-língua(gem)*. Este capítulo encontra-se dividido em duas categorias de análise e uma sub-categoria; são elas: *Inscrever-se na língua do outro*; *Corpo-língua(gem): “o instrumento”*; e *Exclusão na/pela língua que me fal(t)a*. Na primeira seção, trazemos uma seleção de recortes discursivos que apontam para representações de aprendizagem da língua-cultura do outro. Em uma subseção, apresentamos um estudo de caso, feito a partir da entrevista de uma participante, que permitiu rastrear representações de língua como uma ferramenta de acesso à mãe biológica. Por fim, apresentamos outra seleção de recortes pelos quais foi-nos possível rastrear representações de corpo e língua-cultura. É importante ressaltar que, ao nomearmos o nosso primeiro eixo de análise: *corpo-língua(gem)*, optamos pelo hífen derrideano, que une e separa ao mesmo tempo, dada a (im)possibilidade de separação entre corpo e língua(gem), uma vez que ambos se interconstituem.

### 3.1.1. Inscrever-se na língua-cultura do outro

Nesta seção, objetivamos trazer para discussão excertos que apontam para as representações do processo de inscrição de si na língua-cultura do outro. Como veremos a seguir, de modo geral, os participantes da pesquisa, antes mesmo de emigrarem para o Brasil, já tinham suas vidas marcadas e/ou atravessadas por outras línguas-culturas, tais como o espanhol, o francês, o inglês e o italiano. A esse respeito, vejamos o primeiro recorte, extraído da entrevista de Roberto, um haitiano que, quando da entrevista, tinha 32 anos e estava no Brasil havia 1 ano e 6 meses:

#### **Recorte 1**

**Pesquisadora:** E como você aprendeu o inglês?

**Roberto:** quando eu tava na escola tem curso / no colégio / mas non era todo mundo que consegui falar inglês / se você amar / se você

gostar da lengua / aí vai ser facile / aí você compra livro / assim  
você vai falar

**Pesquisadora:** e porque você acha que tem que gostar?

**Roberto:** mas... eu gosto falar outra lengua / mas non sei porque /  
só eu gosto de falar outra lengua / é bom é me... é bacana falar outra  
lengua / pra gente conversar com as pessoas do mundo

É curiosa a metaforização que o participante faz do aprendizado de uma língua dita estrangeira como uma relação amorosa, conforme o trecho "se você amar / se você gostar da lengua / aí vai ser facile". O uso do verbo gostar, repetido diversas vezes pelo entrevistado ("se você gostar", "eu gosto falar", "só eu gosto falar"), neste recorte, provoca uma certa sinestesia em seu dizer, convocando os sentidos do próprio gosto da língua, sentido, saboreado por e nela – do gosto que a língua deixa no corpo.

Além disso, ao colocar a necessidade de amar e gostar da língua para, então, aprendê-la, a língua parece ocupar o lugar de objeto de desejo, no dizer do entrevistado. Conforme Prasse (1997), o desejo pelas línguas estrangeiras se dá como um desejo em gozar como o outro, ocupar o lugar do outro. No dizer de Roberto, esse desejo parece se relacionar com um desejo do outro. Como pode ser observado no recorte, o participante procura justificar o tempo todo porque é preciso amar e gostar da língua, para, enfim, dizer que isso se faz necessário "pra gente conversar com as pessoas do mundo". Ou seja, é preciso amar e gostar da língua para satisfazer o desejo do outro, ou seria para também ser objeto de desejo do outro?

Segundo Coracini (2003b, p. 150), "tanto no caso do medo como no caso da atração, é o mesmo desejo do outro, desejo da plenitude que move o amor ou o ódio, a aprendizagem ou a resistência a uma nova língua". Nesse sentido, esse amor da/pela língua e o desejo de "conversar com as pessoas do mundo" parece ser um desejo de plenitude, como se a inscrição de si em várias línguas-culturas possibilitasse ao sujeito tamponar a falta que, como sabemos, lhe é constitutiva.

Ainda sobre o "gosto" da/pelas línguas estrangeiras, trazemos no recorte 2 o relato de Miguel, um chileno que, quando da entrevista, estava no Brasil havia 23 anos. Vejamos:

## Recorte 2<sup>36</sup>

**Pesquisadora:** você queria ter estudado alemão?

**Miguel:** alemão? / não não / eu nunca me gusto... nunca me interessou não / o inglês me gustava muito sabe? el português el italiano / el italiano [inaudível]

**Pesquisadora:** porque você se interessa por essas línguas?

**Miguel:** por el inglês me interessava por el francês nunca me interessei sabe? / porque no me gustava / yo penso que conheço muito francês e el francês / pero... no me... no me llama muito la atención sabe? / pero... pero el inglés siempre me hay gustado porque hay una comunicación global universal / em cualquier lugar do mundo você pode comunicarse através de um... idioma inglês / então eu penso que por eso possivelmente

Nesta parte do relato de Miguel, o participante nos conta sobre as línguas que já estudou e/ou aprendeu, seja na escola ou estando aqui no Brasil, quando trabalhou como guia turístico na cidade do Rio de Janeiro. O alemão era uma das línguas que lhe foi ensinada no colégio; no entanto, ao dizer que não se interessava pela língua, é significativo o fato de ele trazer outras línguas no intento de buscar justificativas para o seu não interesse pelo alemão e interesse pelo inglês. No fragmento “por el inglês me interessava por el francês nunca me interessei sabe? / porque no me gustava yo penso que conheço muito francês e el francês / pero... no me... no me llama muito la atención sabe?”, o participante traz uma comparação do inglês com o francês, língua que, até então, não havia mencionado.

Conforme capítulo teórico, conhecer não é o mesmo que saber uma língua. Saber uma língua é ser falado por ela (MELMAN, 1992) e, quando Miguel diz que a conhece, a língua, de fato, parece não atravessá-lo, não ter gosto, nem ele o gosto por ela. O inglês, por sua vez, já é apresentado como uma língua que lhe interessa, mas, ainda que ele mencione

---

<sup>36</sup> Tradução do recorte 2: **Pesquisadora:** você queria ter estudado alemão? **Miguel:** alemão? / não não / eu nunca gostei... nunca me interessou não / o inglês eu gostava muito sabe? o português o italiano / o italiano [inaudível] **Pesquisadora:** porque você se interessa por essas línguas? **Miguel:** pelo inglês me interessava pelo francês nunca me interessei sabe? / porque não me gostava / eu penso que conheço muito francês e o francês / mas... não me... não me chama muito a atenção sabe? / mas... mas o inglês eu sempre gostei porque tem uma comunicação global universal / em qualquer lugar do mundo você pode se comunicar através de um... idioma inglês / então eu penso que por isso possivelmente

esse interesse, o conhecimento dessa língua já não é colocado, assim como o fez em relação ao francês. Ele apenas justifica seu interesse pela língua inglesa dada a possibilidade de “comunicação global”, conforme o trecho “pero... pero el inglés siempre me hay gustado porque hay una comunicación global universal”. O gosto por essa língua, o inglês, se dá, na verdade, devido a uma injunção social. Como se sabe, o inglês é ainda uma das línguas que ocupa um importante lugar no quadro político mundial. Como observamos no trecho: “em cualquier lugar do mundo você pode comunicarse através de un... idioma inglés”, a língua inglesa parece ser compreendida como aquilo que o possibilita cruzar fronteiras, tornando-o cidadão do mundo. Sendo assim, neste recorte, o gosto pela língua relaciona-se como uma demanda e/ou imposição do outro, uma vez que, para que ele se torne cidadão do mundo, se comunique com o mundo (o outro), ele precisa aprender essa língua.

Como veremos na próxima sequência de recortes, no que se refere ao aprendizado da língua portuguesa, por sua vez, essa demanda também reaparece, mas como uma imposição daquele que hospeda, na e pela lei da hospitalidade. A esse respeito, vejamos:

### **Recorte 3**

**Pesquisadora:** e porque você não conversa em português com o seu amigo?

**Samuel<sup>37</sup>:** oui / conversa também em português // porque não conversa francês pessoa fala francês/ porquê// tem outra coisa... no tenho palavra / no conhece palavras no por... no português / na francês conhece / pode falar na francês que melhor escute / pour...pour... para melhor escute / entende?

A origem dos imigrantes que vivem no albergue e, conseqüentemente, os de nossa pesquisa é bastante heterogênea. Durante o nosso trabalho de coleta, chamou-nos a atenção a maneira pela qual eles se comunicam no albergue, como também as diferentes línguas que utilizam para se comunicarem entre eles. E percebemos que o português não é uma das línguas por eles escolhida para a comunicação, na casa de passagem, mas a língua espanhola. Ao engendrarmos nosso gesto de leitura para essa questão, interpretamos que a

---

<sup>37</sup> Samuel veio do Congo, país cuja língua oficial é o francês, e, quando da entrevista, estava no Brasil havia 8 meses e tinha 29 anos de idade.

escolha dessa língua se deva ao fato de a maioria dos imigrantes acolhidos ser sulamericana, conforme capítulo teórico-metodológico.

Nesta parte do relato de Samuel, ele nos conta sobre a sua comunicação com os colegas do albergue. No trecho “oui / conversa também em português”, ao ser instado a responder sobre a razão de não conversar em português com um amigo do albergue, ele já inicia a sua fala com “oui”, “sim” em francês. Ao responder “oui” e afirmar que também conversa em português, o uso da conjunção aditiva “também” provoca o efeito de sentido de adição mesmo e não de superposição entre uma língua e outra; como uma justaposição: primeiro vem o francês, depois o português. O que parece ser reforçado na sequência do recorte, no trecho “porque não conversa francês pessoa fala francês”. É interessante o fato de, ainda que ele tenha sido instado a falar sobre o motivo de não conversar em português com o amigo, ele responde que fala também o português, mas segue justificando porque, na verdade, fala em francês.

No fragmento “tem outra coisa... não tenho palavra / não conhece palavras no por... no português / na francês conhece”, tal justificativa aponta para o estranhamento vivido pelo imigrante diante da língua-cultura do outro – uma vez que ele não conhece e não tem palavras nessa língua e que, portanto, não tem o português como própria, como sua propriedade, embora uma língua não se deixe apropriar, senão ilusoriamente (DERRIDA, [1996] 2001). Assim, compreendemos que a língua-cultura do outro provoca nele um estranhamento, sendo por ele (re)significada como estranha, de fato.

Já no trecho “na francês conhece / pode falar na francês que melhor escute / pour...pour... para melhor escute / entende?”, a língua-cultura francesa, por sua vez, parece ocupar o lugar da língua materna, de fato, aquela que, para o sujeito, se faz ninho, aconchego (CORACINI, 2003b). Nesse sentido, ao afirmar que “pode” falar francês para melhor ser ouvido, ou compreender, isso, na verdade, não parece como uma busca para comunicar-se com o outro, mas para escutar-se, para compreender-se, pois, conforme pontuado, a língua materna do imigrante é o lugar da última referência, da última morada (DERRIDA, 2003).

É também interessante a maneira pela qual ele justifica o fato de falar francês, estando no Brasil. Samuel não diz que fala francês, mas que “pode falar”, como se lhe tivesse sido concedida uma permissão para tal. Desse modo, ao gaguejar (“pour... pour...”) e finalizar o seu dizer, questionando a pesquisadora se ela entende os seus motivos, ele, parece buscar o aval do hospedeiro, como “um acusado que deve justificar-se na língua do outro” (DERRIDA, 2003, p. 15). Isso parece reverberar na própria representação de ensino-aprendizagem do entrevistado. A esse respeito, vejamos o próximo recorte, do mesmo participante:

#### **Recorte 4**

**Pesquisadora:** e como você está aprendendo português?

**Samuel:** eu aprende português na Sesc... / na Sesc? / para Cáritas/ conhece Cáritas? / Humm... / Cáritas pedi uma oportunidade de aprender português na Sesc.

**Pesquisadora:** e como são as aulas de português?

**Samuel:** Como// sao/ aula?// a: muito bom/ se eu.../ hoje fala um pouco português / g/ graça a aula portu... aula... aula portuguesa com Sesc / muito bom / MUIto importante

De maneira geral, a entrevista de Samuel, se comparada com as dos outros participantes da pesquisa, foi uma das mais difíceis de ser conduzida. Seja pela falta de conhecimento da língua francesa (a língua materna do entrevistado), por parte da pesquisadora, seja pelas próprias dificuldades, encontradas pelo participante, em seu processo de aprendizagem do português. Todavia, é bastante interessante o esforço que Samuel faz para se comunicar na língua do hospedeiro. Neste recorte, podemos observar esse esforço através das várias pausas, hesitações e gaguejos em seu dizer, que também são encontrados durante todo o decorrer da entrevista. Um esforço que parece ser mesmo um esforço do corpo para inserir-se, inscrever-se, para “caber” na língua ou para que essa língua nele se encaixe. Tais hesitações, pausas e gaguejos em sua fala nos mostram os (des)ajustes, as (re)significações, a (des)territorialização e re-territorialização (HAESBAERT, 1996) do corpo do sujeito durante o processo de inscrição de si na língua-cultura do outro. Revuz (1997), ao discorrer sobre esse processo de reconhecimento dos

sons pelo corpo, durante o processo de ensino-aprendizagem de uma língua dita estrangeira, nomeia-o como o estágio de *infans*, retomando o próprio processo de aprendizagem da língua materna pela criança, que ainda não fala, mas apenas balbucia alguns fonemas e palavras. No dizer de Samuel, é possível encontrar balbucios, como no trecho “g/ graça”, que apontam para esse mo(vi)mento de (re)apropriação de gestos outros do corpo, como se estivesse, de fato, no estágio de *infans*.

Se comparado aos outros entrevistados, Samuel parece ser aquele que mais tem encontrado dificuldades em seu processo de aprendizagem do português. Talvez umas das razões para essa dificuldade seja devido à representação de aprendizagem de língua estrangeira que ele possui. No fragmento “eu aprende português na Sesc... / na Sesc? / para Cáritas/ conhece Cáritas? / Humm... / Cáritas pedi uma oportunidade de aprender português na Sesc”, Samuel parece compreender que o seu aprendizado se dá somente em um lugar, no contexto formal de aprendizagem: na sala de aula. Ao colocar que tem aprendido o português em uma instituição, o entrevistado exclui a possibilidade de aprendizado no próprio contexto migratório, uma vez que, a todo momento, o imigrante é exposto à língua-cultura de quem o hospeda. Assim, possivelmente, a sua dificuldade esteja atrelada a essa imagem cristalizada de que somente se aprende português na sala de aula.

Também nos chama a atenção os trechos “pedi uma oportunidade de aprender português na Sesc” e “se eu.../ hoje fala um pouco português / g/ graça a aula portu... aula... aula portuguesa com Sesc”. Além destes trechos reforçarem o atravessamento do discurso didático-pedagógico, o discurso religioso, ao que parece, também permeia seu dizer. Ao afirmar que pediu uma oportunidade para aprender português e que, graças às aulas que tem assistido, fala um pouco essa língua, o imigrante parece ocupar o lugar daquele que necessita entrar na ordem da língua-cultura do outro. Por isso, precisa “pedir uma oportunidade” para entrar na língua-cultura do outro e, quando a fala, nem que seja “um pouco”, é como se uma “graça” fosse alcançada. Talvez essa posição subjetiva se dê em função das condições de produção da pesquisa, uma vez que ele se encontrava em uma casa de passagem dirigida pela igreja católica, por ocasião da entrevista. Além disso, é interessante o fato de ele, ao ser instado a falar sobre como são as suas aulas de português,

não as descrever, mas somente repetir por várias vezes que é “muito bom”, finalizando a sua fala com uma forte entonação em “MUIto importante”. De modo que, não se sabe se é muito bom para ele, para o seu processo de aprendizagem ou se é muito bom e importante apenas o fato de ter conseguido essa “graça”, a oportunidade de frequentar as aulas para, então, inserir-se na língua-cultura brasileira.

No recorte 5, de outro enunciador, também foi possível rastrear uma imagem do aprendizado da língua dita estrangeira atrelada ao contexto formal de aprendizagem. Tal representação de aprendizagem da chamada língua estrangeira é bastante recorrente em nosso material de análise, e, além disso, o papel do professor nesse processo também parece ser compreendido como fundamental. Sobre isso, vejamos o seguinte recorte:

#### **Recorte 5<sup>38</sup>**

**Beatriz:** (...) entonces allí... gracias a esas clases es que he aprendido a entender un poco más a los ... portugués / falarlo no tanto/ un poco / me cuesta un poco / pero en cuanto entenderlo es mucho más fácil

**Pesquisadora:** ¿Y cómo se siente cuando habla portugués?

**Beatriz:** O: me siento aliviada / me siento más que todo aliviada

**Pesquisadora:** ¿Por qué?

**Beatriz:** porque me entienden / me entienden directamente / no lo piensan como “qué será lo que digo” / entonces me entienden directamente / cuando trato de hablar portugués me contestan en el momento / me responden en el momento

Assim como no recorte 4, a participante também parece compreender que o processo de aprendizagem da língua-cultura do outro, no contexto migratório, se dá apenas no espaço da sala de aula, conforme o trecho “entonces allí... gracias a esas clases es que

---

<sup>38</sup> Tradução do recorte 5: **Beatriz:** (...) então ali... graças a essas aulas é que eu aprendi a entender um pouco mais aos... português / falá-lo não tanto / um pouco / me custa um pouco / mas enquanto entendê-lo é muito mais fácil **Pesquisadora:** e como você se sente quando fala português? **Beatriz:** o: me sinto aliviada / me sinto mais que tudo aliviada **Pesquisadora:** por que? **Beatriz:** porque me entendem / me entendem diretamente / não pensam o que será eu digo / então me entendem diretamente / quando trato de falar português me respondam no momento / me respondem no momento



he aprendido a entender un poco más a los ... portugués”. Ainda neste trecho, interessa-nos a hesitação da participante, ao dizer que, graças às aulas, tem entendido um pouco mais do português. Antes de finalizar o seu dizer, a entrevistada hesita, dizendo: “a entender un pouco más a los...” (entender um pouco mais aos...), o que sugere que, talvez, as aulas a tenham ajudado a compreender um pouco mais sobre os próprios brasileiros. Conforme veremos em nosso estudo de caso, Beatriz veio ao Brasil à procura de sua mãe biológica; portanto, sua busca por entender o português se deve ao desejo de “saber” a língua-cultura de sua mãe e, dessa maneira, entender e aprender sobre a língua e sobre si. Assim, o processo de ensino-aprendizagem do português parece ser aquilo que tornaria possível saber um pouco mais dos brasileiros e, conseqüentemente, um pouco de sua mãe também.

Na sequência do excerto, no fragmento “o: me siento aliviada / me siento más que todo aliviada”, que ela se sinta aliviada ao falar português sugere que, quando ela não o fala, isso talvez lhe provoque um certo mal estar. O que reverbera na própria urgência por ser entendida e respondida, como observado no trecho: “porque me entienden / me entienden directamente / no lo piensan como “qué será lo que digo” / entonces me entienden directamente / cuando trato de hablar portugués me contestan en el momento / me responden en el momento”. Essa urgência por ser entendida revela uma importância atribuída ao outro, uma vez que, quando o outro a entende, ela se sente aliviada. Compreendemos que essa importância atribuída ao outro talvez se dê como um meio de conhecer algo sobre si, a partir do outro, do que o outro lhe diz, a partir da maneira que o outro a vê e a entende. Além disso, tal busca por controle de sentidos resvala na própria representação do processo de ensino-aprendizagem do português, como observado no próximo recorte, da mesma entrevistada:

### **Recorte 6<sup>39</sup>**

---

<sup>39</sup> Tradução do recorte 6: **Beatriz:** as aulas de português? / com a pessoa que dá / o professor é muito... // se torna relaxada / relaxada / fácil porque ele faz as traduções pro espanhol / ele o torna mais fácil e é divertido porque ele também o faz com música / então é // muito agradável

**Beatriz:** ¿las clases de portugués? / con la persona que da / el maestro es muy... // se torna relajado / relajado / fácil porque él hace las traducciones al español / que lo hace más fácil y es entretenido porque también él lo hace con música / entonces es // muy agradable

Neste recorte, notamos que o professor ocupa o lugar de agente do seu processo de ensino-aprendizagem. Em trechos como “fácil porque él hace las traducciones al español / que lo hace más fácil y es entretenido porque también él lo hace con música”, a repetição do verbo “hacer” (“fazer” em espanhol) tem sempre como sujeito gramatical o pronome “él” (“ele” em português). Isso aponta para uma representação do professor de línguas como aquele que torna o seu processo de ensino-aprendizagem legítimo.

Além disso, é também significativo o fato de dizer que o seu processo de aprendizagem é fácil. Essa facilidade possivelmente se dê porque o professor recorre à língua materna da participante, o espanhol, uma vez que a tradução possibilita essa promessa de retorno a uma “origem”. No recorte 7, de outro enunciador, também nos foi possível rastrear representações semelhantes. Vejamos:

#### **Recorte 7<sup>40</sup>**

**Pesquisadora:** Cómo son las aulas?

**Nina:** pues... Cláudio<sup>41</sup> es un amor de gente / y pues enseña bien / no sé... palabras muy // muy... nunca suelen / palabras que se utilizan todos los días pero que no las he repasado / desde que ayer... ayer... me ... he molestado un poco yo ... cosas que cuando estás trabada en algo te sulforizas muchas veces y yo también soy de esas que me sulforizo (...)

No trecho “y pues enseña bien / no sé... palabras muy // muy... nunca suelen / palabras que se utilizan todos los días pero que no las he repasado”, percebemos,

---

<sup>40</sup> Tradução do recorte 7: **Pesquisadora:** Como são as aulas? **Nina:** bem... Cláudio é um amor de gente / e porque ensina bem / não sei... palavras muito // muito... nunca acostumam / palavras que utilizamos todos os dias mas que não nos foram repassadas / desde ontem... ontem... me incomodou um pouco... coisas que quando está presa em algo te irrita muitas vezes e eu também sou dessas que me irrita / mas o importante é que quando um quer pode começar de novo / me entende?

<sup>41</sup> Nome fictício.

novamente, que o professor parece ser aquele que legitima o processo de ensino-aprendizagem da língua estrangeira. É significativo o fato de a participante notar que as palavras que lhe são ensinadas são palavras que não está acostumada a ouvir. Que ela diga que são palavras que “nunca suelen”, não compreendemos isso como um costume, mas como algo que não faz eco na memória, que não possibilita o dizível.

Outro fato, que é digno de nota, é a forte presença da língua materna da participante em seu dizer e uma ausência de marcas da língua portuguesa. Tal ausência parece ser justificada na sequência deste mesmo excerto, conforme o fragmento: “desde que ayer... ayer... me ... he molestado un poco yo ... cosas que cuando estás trabada en algo te sulfurizas muchas veces y yo también soy de esas que me sulfurizo”. Ainda que as nossas entrevistas tenham sido semi-estruturadas, os entrevistados, de uma maneira ou de outra, sempre buscam falar de si, como podemos observar no trecho supracitado. Ao ser instada a falar sobre suas aulas de português, Nina fala brevemente sobre o professor e o que ensina e logo passa a falar de si, do seu descontentamento, do que lhe incomoda. Ainda neste mesmo fragmento, sobretudo na parte: “cosas que cuando estás trabada en algo te sulfurizas muchas veces y yo también soy de esas que me sulfurizo”; chama à atenção o uso dos vocábulos “trabada” e “sulfurizas”. Ao dizer que se encontra travada e/ou trancada, Nina remete tanto ao lugar em que ela se encontra, o albergue, como também à língua (como se estivesse trancada e travada no albergue e na língua). Assim, ao relatar seu incômodo, o uso do verbo “sulfurar” revela um sentimento muito forte, de sulfor, de ira. Nesse sentido, talvez esse sentimento incida como uma resistência ao português, ao passo que essa língua parece não atravessar a sua subjetividade. Sobre o esforço e a resistência para inscrever-se na língua-cultura do outro, vejamos o próximo recorte, de outro enunciador:

### Recorte 8<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> Tradução do recorte 8: **Pesquisadora:** e como você aprendeu o português? **Miguel:** na rua / com as pessoas comunicando perguntando / primeiro não sabia nada não / mas com o tempo a gente começa... // é importante se comunicar / a gente começa... te... tem que falar sabe? / porque você tá morando num país que fala um idioma e você não pode não não não po... pode falar um idioma que é seu se não é o seu país sabe? / na sociedade que você tá morando / então por essa razão que eu... que eu falo português **Pesquisadora:** mas

**Pesquisadora:** e como você aprendeu o português?

**Miguel:** na rua / con las personas comunicando preguntando / primero no sabia nada não / mas con el tempo a gente começa...// é importante comunicarse / a gente começa... te...tem que falar sabe? / porque você tá morando num país que fala un idioma e você no pode no no po... pode falar um idioma que é seu se no é seu país sabe? / en la sociedade que você tá morando / então por essa razão que eu... que eu falo português

**Pesquisadora:** mas porque você acha que aqui no Brasil você não pode falar o seu idioma?

**Miguel:** porque uma outra persona no vá a comprender / muitas personas algo captarán pero muitas personas no van entender

Diferentemente dos outros entrevistados, Miguel observa que o seu aprendizado da língua portuguesa se dá no contexto migratório, na exposição a essa língua-cultura, como observamos no trecho “na rua / con las personas comunicando preguntando / primero no sabia nada não”. Além desta observação, ele também relata os seus “métodos” para aprender essa língua: comunicando e perguntando. Que ele aprenda o português comunicando e perguntando re-vela uma representação de língua como uma visão utilitarista, como uma mera ferramenta/instrumento para a comunicação.

No trecho “mas con el tempo a gente começa...// é importante comunicarse / a gente começa... te...tem que falar sabe?”, além de reforçar a importância da comunicação, Miguel parece não encontrar outros argumentos para justificar o seu aprendizado, gaguejando e hesitando, conforme observado no trecho supracitado. Por duas vezes, o participante repete a frase “a gente começa”, mas não a termina. Ao comunicar-se, ele começaria o quê? A aprender a língua? O entrevistado não conclui a sentença e apenas argumenta utilizando-se do deôntico “tem que falar”. O deôntico é a forma verbal que traz a voz do outro, como ordem. Como se falar a língua-cultura do hospedeiro fosse uma obrigação, um mandamento imposto ao imigrante...

---

porque você acha que aqui no Brasil você não pode falar o seu idioma? **Manuel:** porque uma outra pessoa não vai compreender / muitas pessoas algo captarán mas muitas não vão entender

A voz do outro também reaparece, por meio do discurso indireto livre, na sequência do trecho: “porque você tá morando num país que fala un idioma e você no pode no no po... pode falar um idioma que é seu se no é seu país sabe? / en la sociedade que você tá morando / então por essa razão que eu... que eu falo português”. Ao dizer que não pode falar seu idioma no Brasil, esse argumento não parece ser seu, mas do outro. Afinal, por que não se pode falar o seu idioma, estando no Brasil? Haveria uma regra e/ou imposição para tal?

O gaguejo, as hesitações e a tentativa de argumentação para justificar as razões de aprender o português parecem reforçar que aquilo que pensa afirmar é, na verdade, algo que lhe foi imposto pelo outro e que deseja incorporar ou aceitar como verdade, como razão para legitimar o que diz (“então por essa razão que eu... que eu falo português”). Desse modo, temos, mais uma vez, uma representação de aprendizado da língua como uma busca em satisfazer o desejo do outro, como também observado no último fragmento “porque uma outra persona no vá a comprender / muitas personas algo captarán pero muitas personas no van entender”. Ou seja, o imaginário de língua estrangeira constrói-se a partir da demanda do outro, para que o outro possa compreender o que se diz e não, ele.

Contudo, mesmo que, a partir do fio do dizer, tenha sido possível rastrear a voz do outro e a necessidade de satisfazer o desejo do outro, aprender uma língua dita estrangeira requer muito mais do que imposições; requer um trabalho de cortes, de cisões e escrit(ur)a no corpo do sujeito. Podemos observar que, mesmo que ele esteja morando no Brasil há mais de vinte anos, a língua espanhola ainda é bastante marcada em seu dizer – seja através de adjuntos adnominais como “en”, “la” e “el”, em substantivos como “personas”, em verbos como “comunicarse” e “captarán” ou pela própria pronúncia de fonemas, como o “r”, por exemplo, que é bastante característico nessa língua –, de modo que a língua que o sujeito (se) diz parece não ser nem o português nem o espanhol, mas uma entre-línguas, como Eckert-Hoff (2010) postula.

Segundo Deleuze (*apud* HAESBAERT, 2006, p. 99), “não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao

mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte”. No caso de Miguel, observamos um esforço para se reterritorializar e, ao mesmo tempo, uma resistência para se reterritorializar. O esforço parece ser aquilo que se faz de maneira consciente; na materialidade linguístico-discursiva, observamos esse esforço nos momentos em que ele procura falar na língua-cultura da pesquisadora. A resistência, por sua vez, parece algo de ordem inconsciente. Observamos que é nos momentos em que ele fala de si que a língua dita materna irrompe, resiste a língua-cultura do outro<sup>43</sup>. Também acerca da resistência à língua-cultura do hospedeiro, vejamos o próximo recorte:

### **Recorte 9**

**Pesquisadora:** e como você tem aprendido o português do Brasil?

**Lúcio:** bem! / não é muito difícil / não é muito diferente do português de Portugal / então aprendo falando com as pessoas não é difícil

(...)

**Pesquisadora:** mas você tem tentado usar o português do Brasil?

**Lúcio:** algumas vezes sim / outras vezes não

**Pesquisadora:** quando?

**Lúcio:** sei lá / quando tu fala com algum brasileiro / explicar alguma coisa / se fala bem o português português é complicado né? / apesar das novelas aqui no Brasil terem já alguns atores portugueses / há duas pelo menos / a das seis e a da noite / fa... Fina Estampa algo assim tem um português / mas eu vi também uma vez uma reportagem né? / uma revista que ele fala português mais abasileirado porque se falar português correto é difícil de perceber / o português mais pras pessoas perceberem

(...)

**Pesquisadora:** mas quando você conversa com o pessoal aqui da casa você tenta falar o português de Portugal ou o do Brasil?

**Lúcio:** sempre falar o meu português / porque tento ter meu português em ação e quando vem ao caso passo para o Brasil

---

<sup>43</sup> A esse respeito, ver recorte 31, do mesmo entrevistado.

Neste recorte, temos parte do relato de Lúcio, um português que, na ocasião da entrevista, tinha 29 anos e estava no Brasil há 6 meses. O que primeiramente chama a atenção no recorte é a maneira como o entrevistado descreve o seu aprendizado do português do Brasil, caracterizando a língua-cultura brasileira como não difícil, por duas vezes, e como não diferente do português de Portugal. No entanto, ainda que ele diga que não é difícil e que não há tantas diferenças entre as línguas, ele afirma que somente em alguns momentos ele fala o português do Brasil, como vemos no trecho “algumas vezes sim / outras vezes não”.

Levando isso em consideração, interpretamos essa dupla negativa (“não é difícil” e “não é muito diferente”) como uma denegação. A denegação, a partir de uma perspectiva psicanalítica, é compreendida como aquilo que, ainda que o sujeito tente camuflar, acaba por revelar o dito e o não dito, ao mesmo tempo – “como uma presença feita de uma ausência, não apenas como negatividade constitutiva da linguagem, mas também como presença denegada do que está no recalcado” (ECKERT-HOFF, 2003b, p. 290). Nesse sentido, vislumbramos a negativa, no fio do dizer de Lúcio, como uma tentativa de negação para, na verdade, afirmar que sim, que possivelmente ele tenha encontrado dificuldades em aprender o português do Brasil e que, de fato, são línguas diferentes – o que parece ser reforçado no fragmento “se fala bem o português português é complicado né?”. Assim, se não há diferenças ou dificuldades, por que, então, falar bem o “português português” seria complicado? Esse problema que o participante parece encontrar, ao tentar falar a língua-cultura de seu país, de certo modo, coaduna-se com o que temos buscado pontuar em nosso trabalho: que língua e cultura estão sempre imbricadas, de modo que, ainda que o português pareça ser uma língua una, ele é, no entanto, fragmentado em várias outras línguas-culturas.

No que se refere a essa busca por uma unidade linguística, a busca por uma monolíngua (DERRIDA, [1996] 2001) também foi possível ser visualizada no dizer de Lúcio. No fragmento: “eu vi também uma vez uma reportagem né? / uma revista que ele fala português mais abasileirado porque se falar português correto é difícil de perceber”, é interessante o uso dos adjetivos que o entrevistado faz para opor o português de Portugal e o do Brasil. Ao invés de colocar “português mais abasileirado” em contraponto com o

“português mais aportuguesado”, por exemplo, o participante caracteriza as línguas como “mais abasileirado” e “correto”. Nesse sentido, se há o português correto, o uso de tal adjetivo abre a possibilidade para o efeito de sentido de que há o português “errado” que, por analogia, seria o “português mais abasileirado”, ou seja, o português do Brasil.

Uma vez que o Brasil foi colonizado pelo povo português e que Lúcio é também português, compreendemos que o uso de tal adjetivo revela traços da subjetividade do entrevistado. Assim, graças à porosidade da língua, vislumbramos a caracterização do português de Portugal como “correto” como um atravessamento da memória discursiva que o constitui, como a voz do colonizador. Dessa forma, ao afirmarmos anteriormente que há um desejo por uma monolíngua, no dizer de Lúcio, entendemos que o português “correto” retoma, na verdade, a busca por uma origem que ele quer manter e que, no caso, é a língua do colonizador: o português de Portugal.

Ainda a esse respeito, no trecho “sempre falar o meu português / porque tento ter meu português em ação e quando vem ao caso passo para o Brasil”, consideramos como interessante a diferença entre as posições subjetivas de Lúcio e dos outros entrevistados, no que se refere à língua-cultura do hospedeiro. Pois, diferentemente dos outros, o entrevistado busca sempre ter seu português “em ação”, afirmando que apenas se utiliza do português do Brasil quando vem ao caso, ou seja, quando pensa ser necessário, oportuno. Que ele procure ter o “seu” português em ação e que só utilize o português do Brasil quando “quer”, aponta para dois aspectos que consideramos relevantes, neste trecho, são eles: o ciúme da língua, sobre o qual Derrida ([1996] 2001) discorre, e o conflito identitário provocado pelo contexto migratório no sujeito imigrante.

Para Derrida ([1996] 2001, p. 46), “nunca há apropriação ou reapropriação absoluta. Uma vez que não existe propriedade natural da língua, esta só dá lugar à raiva apropriadora, ao ciúme sem apropriação. A língua fala esse ciúme, a língua não é senão o ciúme desprendido”. Assim sendo, compreendemos que o fato de o enunciador colocar a língua como sua revele, talvez, um desejo por uma (re)apropriação da língua, como o ciúme que Derrida comenta. Um ciúme da língua de origem que, agora, encontra-se (re)significada



pelo colono e na qual, no entanto, ele precisa se inscrever, uma vez que, agora, ele também ocupa o lugar de imigrante. Por essa razão, compreendemos que a situação migrante acarreta conflitos em sua constituição identitária, dado o confronto das inúmeras vozes que o constituem, tal qual a do colonizador e do imigrante.

No que se refere à construção da identidade na (pós-)modernidade, no contexto migratório, trazemos, por fim, parte do relato de Roberto sobre o que significa aprender a língua-cultura do outro. Vejamos:

### **Recorte 10**

**Roberto:** é muito importante / quando uma pessoa fala outra lingua ele é outra pessoa

**Pesquisadora:** é?

**Roberto:** é / por exemplo se vem uma pessoa do Estados Unidos eu vou conseguir falar com ele / aí vou ficar como um americano / se vem um outro da França eu vou falar com ele aí eu vou ficar como um francês / você agora / eu to conversando com você agora eu sou brasileiro co... porque tô conversando com você em português / viu? / eu sou... eu sou outra pessoa / se vem um haitiano eu vou falar com ele aí eu vou ficar como haitiano porque já [risos] haitiano [faz gestos com as mãos se mostrando, mostrando que é haitiano]

É bastante interessante a maneira pela qual Roberto justifica a importância de aprender uma língua dita estrangeira. Como temos buscado pontuar em nosso estudo, de fato, “quando uma pessoa fala outra lingua / ele é outra pessoa”, pois aprender uma outra língua-cultura é tornar-se outro, é inscrever-se em novas discursividades, em novos meios de se relacionar com o outro e o outro de si. Nesse sentido, ao afirmar que, quando fala outra língua, ele é outra pessoa, a imagem da inscrição de si na língua-cultura do outro parece estar atrelada à possibilidade de ser Um e outro, ao mesmo tempo.

O uso da locução verbal “vou ficar”, acompanhada pelo advérbio de modo “como” (“vou ficar como”), convoca os sentidos de uma certa mobilidade e/ou não estabilidade, uma vez que ele se transforma (“vou ficar como um americano”), se metamorfoseia, na medida em que se inscreve em outras línguas-culturas, no caso, o inglês e o francês. Como

um camaleão que muda de forma e de cor, a língua parece ser o meio no e pelo qual essa “metamorfose” ocorre. Segundo Robin (*apud* ECKERT-HOFF, 2011b), a identidade, na pós-modernidade, é sempre fugidia, imprevisível, camaleônica. Além disso, ela é sempre dividida entre a identidade “à la carte” e um desmoronamento. A esse respeito, Eckert-Hoff (2011b, p. 63) afirma que esse duplo imbricamento se dá porque

na identidade “à la carte”, o menu de “escolhas” não permite esquecer os laços de pertencimento, os laços de filiação, já que o sujeito é, sempre e inevitavelmente, um pouco daquilo que perde, reinventa, esquece ou até que nega. Já no desmoronamento completo, não há limites, há sempre uma incorporação, uma não-separação, uma metamorfose que se perde entre o eu e o Outro - como o camaleão que muda constantemente de forma e de cor.

Nesse sentido, parece-nos que as línguas-culturas que constituem Roberto funcionam como uma espécie de “menu de escolhas” que é acionado com a vinda do outro. De modo que, ao inscrever-se nessas outras línguas-culturas, ter-se-ia a ilusão de pertencimento, de ser (como) o outro. Também chama a atenção o uso do verbo “ser” no trecho: “eu tô conversando com você agora / eu sou brasileiro co... porque tô conversando com você em português / viu? / eu sou... eu sou outra pessoa”. O uso desse verbo, em oposição à locução verbal “vou ficar como”, ecoa uma certa fixidez, uma não-mobilidade, como se “ser brasileiro” fosse sua idem-tidade. No entanto, ao dizer que agora está conversando com uma brasileira e que, portanto, é brasileiro, o advérbio de tempo “agora” provoca o efeito de sentido de que somente no momento da enunciação ele o é e que em outros talvez possa não ser brasileiro. Desse modo, ainda que haja essa tentativa de ser Um, de capturar uma identidade, ela parece escapar, deslizar e fragmentar-se entre as línguas-culturas que o atravessam.

No trecho seguinte, “se vem um haitiano / eu vou falar com ele / aí eu vou ficar como haitiano porque já [risos] haitiano [faz gestos com as mãos se mostrando, mostrando que é haitiano]”, essa oposição (“vou ficar como” versus “ser”) reaparece. Compreendemos que tal oposição re-vela traços da própria instabilidade identitária na pós-modernidade, pois, se Roberto já afirma que é haitiano, por quê, então, iria ficar como um? Nesse sentido, ao retomarmos o duplo imbricamento identitário de que Eckert-Hoff comenta, compreendemos, a partir do fio do dizer de Roberto, que a inscrição de si na língua-cultura

do outro parece ser aquilo que permite ao sujeito uma ilusão de pertencimento, mas que, ao mesmo tempo, também o impede de esquecer seus laços de filiação, pois, ainda que haja uma incorporação de traços outros, o sujeito nunca deixa de ser um, mas um outro – uma vez que o “Um está amalgamado no Outro” (ECKERT-HOFF, 2011b, p. 63).

Além dessas questões, o que também chama a atenção, neste mesmo fragmento, é o uso do advérbio “já” e a supressão do verbo “ser” quando o entrevistado diz “aí eu vou ficar como haitiano porque já [risos] haitiano”. É interessante o fato de, ao invés de dizer que já é haitiano, o participante apenas ri e faz gestos apontando para seu corpo, mostrando que é haitiano. A partir de Hashiguti (2008), compreendemos que, no caso do imigrante, mais visível que sua língua, está o corpo. O corpo do imigrante é aquele que, ao ser olhado, desperta uma memória discursiva que com ele se relaciona, sendo ele próprio atravessado e constituído nela e por ela. Ao produzir esse gesto, de mostrar-se como haitiano, bem como o fato de anunciar-se, antecipar-se como tal (“já [risos] haitiano), vislumbramos esta formulação do corpo como uma maneira de despertar a memória discursiva que o atravessa, revelando assim o corpo visto<sup>44</sup>, aquele que o sujeito imagina habitar, construído por identificações imaginárias (no e pelo olhar do outro). Nesse sentido, notamos que, mais uma vez, há essa busca por uma inteireza, por uma identidade una e indivisa. O que queremos dizer com isso é que, ainda que o sujeito se veja, ao mesmo tempo, como um e outro, a identidade é aquilo que possibilita ao sujeito a ilusão de unidade. Neste recorte, ao mostrar-se como haitiano, apontando para o seu corpo, o corpo parece ser aquilo que possibilita essa unidade, pois, mesmo que ele seja outro (um americano, brasileiro ou francês), o seu corpo é significado como Gestalt, uma vez que ele é representado, em seu dizer, como uma totalidade imaginária. Desse modo, ao finalizarmos a primeira seção de nosso primeiro eixo de análise com o recorte supracitado, além de trazermos os sistemas de dispersão do corpus, objetivamos também trazer uma representação de aprendizagem da

---

<sup>44</sup> Sobre o corpo visto e/ou imaginário, ver seção 1.4. *O estranho-familiar: o corpo imigrante*, nesta dissertação.

língua dita estrangeira que, de certo modo, corrobora as abordagens teóricas nas quais esta pesquisa se ancora.

### 3.1.2. Exclusão na/pela língua que me fal(t)a

Conforme antes discutido, os discursos, que estão sempre em formação, organizam-se em sistemas de regularidade e dispersão (FOUCAULT, [1969] 2010). Assim, o trabalho de análise, em uma perspectiva discursivo-desconstrutivista, consiste em localizar tanto as regularidades, como as dispersões que constituem os discursos que atravessam o *corpus*. Por essa razão, com esta subseção, objetivamos trazer fragmentos dos sistemas de dispersão do material de análise, por meio de um estudo de caso realizado a partir da entrevista de uma participante, aqui chamada de Beatriz. Uma vez que um dos objetivos específicos de nossa pesquisa é compreender de que maneira a língua-cultura do outro incide na constituição identitária de sujeitos imigrantes albergados, tal estudo se justifica pela maneira singular com que a participante se relaciona com a chamada língua estrangeira, como veremos nos recortes, a seguir.

Beatriz, quando entrevistada, estava no Brasil havia um mês. A participante nasceu nos Estados Unidos, no estado da Flórida. É falante de inglês e espanhol, tinha quinze anos, quando da entrevista; é emancipada e, segundo ela, veio para o país em busca dos avós maternos, pois não os via havia treze anos. Ao chegar ao país, foi assaltada no aeroporto e, por esse motivo, encontrava-se na casa de acolhida. Beatriz é filha de um mexicano e uma brasileira, o pai vive em Nova Iorque e a mãe, não se sabe. Vale observar que, ainda que a entrevistada seja bilíngue, a entrevista com Beatriz foi realizada em espanhol por escolha da própria entrevistada.

No seguinte recorte, temos o relato da participante sobre sua vida nos Estados Unidos. Vejamos:

#### **Recorte 11<sup>45</sup>**

---

<sup>45</sup> Tradução do recorte 11: **Beatriz:** (...) eu estive em um internato / o internato? // é agradável / está... vive ali / convive com meninos com meninas / está em uma relação de irmandade na casa / e... o mal é que quando

**Beatriz:** (...) Yo estuve en un internado/ ¿El internado?/ Es agradable /estás... vives allí/ convive con chicos con chicas/ estás en una relación de hermandad en la casa / y... lo malo es que cuando sales tienes que salir con permiso / no es la libertad que tú tienes cuando sales del colegio normal y te vas con tus amigas por ahí/ acá no/ acá al colegio es adentro/ y tienes que ficar adentro / entonces... sólo si te dan permiso de tu representante y eso es tu papá y mamá puedes salir/ mientras tanto no / si ellos no quieren no sales/ entonces...// y no se sale de lunes a jueves / sólo puedes salir los viernes

No recorte 11, o que, primeiramente, chama a atenção no dizer de Beatriz é o uso do presente do indicativo para falar sobre o internato onde morou, nos Estados Unidos. Conforme o trecho: “estás... vives allí/ convive con chicos con chicas/ estás en una relación de hermandad en la casa”, o uso dos verbos “estar”, “vivir” e “convivir”, conjugados no presente do indicativo, traz o efeito de sentido de algo que acontece no presente, como se a entrevistada ainda estivesse vivendo no internato. Na sequência do recorte, no fragmento “acá no/ acá al colegio es adentro/ y tienes que ficar adentro”, ao falar sobre a falta de liberdade que tinha quando estava nos Estados Unidos, a entrevistada utiliza-se, por duas vezes, do advérbio de lugar “acá”, “aqui” em português, para referir-se a esse outro lugar, o internato.

Para melhor compreendermos o funcionamento deste tempo verbal e advérbios utilizados, recorreremos a algumas considerações de Foucault ([1979] 2010), a respeito dos mecanismos que instituem a educação vigiada. Segundo o filósofo, as prisões, assim como as escolas e os abrigos constituem uma das séries de controle que conformam a educação vigiada. Nesse sentido, no dizer de Beatriz, o uso do presente do indicativo, assim como o do advérbio “acá”, ao invés de “lá”, para referir-se ao internato, nos Estados Unidos, parecem indicar, na verdade, uma insatisfação da participante com a “prisão-domiciliar”

---

sai tem que sair com permissão / não é a liberdade que você tem no colégio normal e vai com as suas amigas por aí / aqui no colégio é dentro / e tem que ficar dentro / então... só se te dão permissão de seu representante e isso é o seu pai e sua mãe... pode sair / do contrário não / se eles não querem não sai / então... // e não se sai de segunda à quinta / só pode sair na sexta

novamente vivida, pois, morando no albergue, assim como em um internato, Beatriz não pode sair a passeio sem a permissão da assistente social ou de um dos padres e, diferentemente do internato onde estudava e morava, no albergue, a participante não possui nem menos dias pré-estabelecidos para saídas. Beatriz só pode sair se acompanhada por uma pessoa que tenha mais de 18 anos e se nenhum dos que trabalham no albergue tem essa disponibilidade, ela se vê forçada a permanecer dentro do albergue.

Ainda sobre o internato onde morava, a participante relata as aulas de inglês, conforme o próximo recorte:

### **Recorte 12<sup>46</sup>**

**Pesquisadora:** Sobre las clases en inglés [no internato nos EUA].  
¿Cuál es su opinión?

**Beatriz:** Ah / bueno / las clases en inglés no me gustan

**Pesquisadora:** ¿Por qué?

**Beatriz:** porque el inglés no me gusta en sí/ no sé...// claro que lo hablo desde que era una niña práctica.../ porque nací obviamente allá y crecí allá/ pero ... prefiero el español// se supone que debería hablar portugués ya que mi mamá es brasileña / DEBERÍA...// pero como yo no ten... no tuve contacto con ella/ no sé de ella// no lo hablo (...)

O fato de a entrevistada ser americana e nos conceder a entrevista em espanhol nos intrigou desde o primeiro contato que tivemos com ela. Neste recorte, o que chama a atenção é essa aparente “obviedade” que Beatriz aponta sobre falar a língua inglesa. No fragmento “porque el inglés no me gusta en sí/ no sé...// claro que lo hablo desde que era una niña práctica.../ porque nací obviamente allá y crecí allá”, ao buscar justificativas para o fato de não gostar do inglês, a participante não o faz, mas apenas aponta para uma certa “obviedade” em falar essa língua, uma vez que nasceu e cresceu nos Estados Unidos. No

---

<sup>46</sup> Tradução do recorte 12: **Pesquisadora:** sobre as aulas de inglês [no internato nos Estados Unidos] qual é a sua opinião? **Beatriz:** ah / bem / eu não gosto das aulas de inglês **Pesquisadora:** por que? **Beatriz:** porque eu não gosto do inglês em si / não sei... // claro que eu o falo desde que eu era uma criança pratica... / porque nasci obviamente lá e cresci lá / mas... prefiro o espanhol // se supõe que eu deveria falar português já que a minha mãe é brasileira / DEVERIA... // mas como eu não tenho... não tive contato com ela / não sei de ela // não o falo (...)

entanto, não somente neste recorte, como também ao longo da entrevista, não conseguimos rastrear marcas da língua inglesa em seu dizer. Assim, questionamo-nos: por que isso estaria claro e óbvio?

Em seguida, Beatriz já diz que prefere o espanhol e, ainda sem justificar o motivo pelo qual não gosta das aulas e do inglês, a participante já traz o que parece ser uma queixa: o fato de não ter aprendido português, conforme o fragmento “se supone que debería hablar portugués ya que mi mamá es brasileña / DEBERÍA...”. O uso do pretérito imperfeito do verbo “deber”, sobretudo a maneira enfática com que o pronuncia, na segunda vez, traz o efeito de sentido de queixa ou de frustração de expectativa, uma vez que o pretérito imperfeito remete a algo que não aconteceu e que não irá acontecer. Ainda neste trecho, a entrevistada busca trazer, mais uma vez, a obviedade, ao dizer que se supõe que ela deveria falar português. De modo que, essa aparente obviedade, encontrada neste fragmento, não parece reverberar como uma queixa pelo fato de não ter aprendido a língua portuguesa de fato, mas por não ter sabido e/ou conhecido algo de sua mãe. Isso parece ser reforçado na sequência do recorte, no trecho “pero como yo no ten... no tuve contacto con ella/ no sé de ella// no lo hablo”. Ao dizer que não teve contato com “ela” e que não sabe “dela” não sabemos se está falando da língua portuguesa ou de sua mãe, uma vez que não teve contato ou se sabe de ambas. No recorte 13, Beatriz já nos relata o seu desejo de ter aprendido o português. Vejamos:

### **Recorte 13<sup>47</sup>**

**Entrevistadora:** ¿Te gustaría haber aprendido portugués?

**Beatriz:** me GUSTARÍA// Me habría gustado / Me ... de ley si/ yo hubiera estado con mi mamá habría aprendido portugués/ eso sí/ eso sí es cierto/ 100% SEGURO de que habría sido así. / pero gustaría porque es primero/ primero sería lengua materna también/ lengua

---

<sup>47</sup> Tradução do recorte 13: **Entrevistadora:** você gostaria de ter aprendido o português? **Beatriz:** GOSTARIA // teria gostado / me... com certeza que sim / se eu tivesse estado com a minha mãe teria aprendido português / isso sim / isso sim é certo / 100% certeza de que teria sido assim / mas gostaria porque é primeiro / primeiro seria língua materna também / língua materna / outra porque é outro idioma / sempre tem que sempre tem que ver mais adiante / se tratar de aprender mais / nunca se deixa de aprender / sempre tem que aprender para aprender algo todos os dias / então aprender um idioma / por exemplo se eu o tivesse falado / eu estaria aqui / me comunicaria melhor / então... por isso

materna/ otra: porque es otro idioma/ siempre hay que: siempre hay que ver más allá/ se tratar de aprender más/ nunca se deja de aprender/ siempre tienes que se aprender para se aprender algo todos los días/ entonces aprender un idioma/ por ejemplo si yo lo hubiese hablado/ yo estaría aquí/ me comunicaría mejor/ entonces... por eso

No recorte 13, temos a repetição do uso do futuro do pretérito (“gustaría”, “me habría gustado”, “habría aprendido” e “habría sido”). Este tempo verbal ecoa uma hipótese para algo que é irreal, que não aconteceu, nem acontecerá. Nesse sentido, o uso deste tempo verbal provoca, no dizer de Beatriz, efeitos de sentido que reverberam em uma espécie de ressentimento pela ausência da mãe, pois a condição para que ela tivesse aprendido e gostado do português seria ter conhecido a sua mãe, o que não aconteceu. Ao dizer-se segura de que teria aprendido o português, se tivesse convivido com sua mãe, esse ressentimento se dá na mudança de posição subjetiva da participante, pois ela passa de falante do português a aluna, a aprendiz dessa língua, que, segundo ela, deveria ter sido sua língua materna. Isso faz com que a participante termine sua fala apenas justificando o contato linguístico com a mãe para somente comunicar-se melhor.

No trecho “pero gustaría porque es primero/ primero sería lengua materna también/ lengua materna” nota-se que, para Beatriz, o português seria sua língua materna, uma vez que ela a concebe “ao pé da letra”, como a língua de sua mãe. Ao hesitar, ao justificar, inicialmente, porque teria gostado de tê-la aprendido, a entrevistada também repete a palavra “primeiro” por duas vezes, como também “lengua materna”, reforçando, dessa forma, o seu desejo de ter aprendido, o que para ela, a língua portuguesa seria: sua língua primeira e materna.

No entanto, essa língua não é a dita materna, uma vez que não foi nela e por ela que Beatriz se constituiu como sujeito. Tal representação de língua dita materna corrobora o que temos buscado pontuar sobre as dicotomizações encontradas nos estudos e no ensino de línguas, entre “materna” e “estrangeira”, para polarizar a sequência de aprendizagem de línguas. Conforme mencionado, “materna” e “estrangeira” são efeitos produzidos nas e pelas línguas em que o sujeito se inscreve (CORACINI, 2003; 2007a). No dizer de Beatriz,



as suas línguas maternas (espanhol e inglês) parecem funcionar, na verdade, como línguas madrastas, já que impõem, de certo modo, uma barreira para o seu aprendizado da língua portuguesa e, também, colocam limites para encontrar a sua mãe, como veremos no próximo recorte:

#### **Recorte 14<sup>48</sup>**

**Beatriz:** ¿Ahora? / no me siento tan bien porque no falo portugués/ pero si lo aprendiera/ por ejemplo un mes más digamos/ un mes más practicándolo y si lo llego a hablar/ por mí estaría bien / es... siempre la barrera es esa/ porque uno debe... uno tiene que entenderse con otras personas/ y si no hablan el mismo idioma es más complicado/ se complican las cosas/ aunque el portugués con el español no es que es tan... tan diferente/ pero tampoco es igual/ tienen algo parecido.

**Pesquisadora:** ¿Pero, comprendes bien el portugués?

**Beatriz:** Comprendo el portugués / sí / gracias a las clases comprendo el portugués / pero todavía no lo hablo / todavía no / me falta

No fragmento “no me siento tan bien porque no falo portugués”, interessa-nos o fato de, ao dizer que não fala português, ela o diz em português, quando utiliza o verbo “falar”, ao invés de “hablar”, em espanhol. No entanto, ainda que ela diga que dentro de um mês aprenderia o português, se o praticar, no trecho “un mes más practicándolo y si lo llego a hablar/ por mí estaría bien / es... siempre la barrera es esa”, a participante afirma encontrar dificuldades em inscrever-se nessa língua cultura, mas não diz qual seria.

---

<sup>48</sup> Tradução do recorte 14: **Beatriz:** agora? / não me sinto tão bem porque não falo português / mas se eu aprendesse / por exemplo um mês mais digamos / um mês mais praticando e se chego a falar / para mim estaria bem / é... sempre a barreira é essa / porque um deve... um tem que se entender com outras pessoas / e se não falam o mesmo idioma é mais complicado / se complicam as coisas / além disso o português com o espanhol não é que são tão... tão diferente / mas tão pouco é igual / têm algo parecido **Pesquisadora:** mas compreende bem o português? **Beatriz:** compreendo o português / sim / graças às aulas compreendo o português / mas no entanto não falo / ainda não / me falta

Ao buscarmos algumas hipóteses interpretativas para essa barreira, remetemos, inicialmente, a *O Monolingüismo do Outro*, de Derrida ([1996] 2001). Em seu livro, o filósofo franco-argelino, ao contar sobre a interdição do árabe e berbere em seu país e sobre a imposição do francês como oficial pela colonização francesa, apresenta também, de certo modo, um sentimento de perda com relação ao árabe, que, assim como no caso de Beatriz, deveria ter sido sua língua dita materna. Citando Khatibi, Derrida afirma: “sim, a minha língua materna perdeu-me”. Parece-nos que a história de Beatriz assemelha-se, de certa maneira, ao interdito do árabe na Argélia. No caso da entrevistada, o português lhe foi interditado, também a perdeu, e por isso, lhe falta, conforme o fragmento “pero todavía no lo hablo / todavía no / me falta”.

No trecho “pero si lo aprendiera/ por ejemplo un mes más digamos/ un mes más practicándolo y si lo llevo a hablar/ por mí estaría bien”, ao falar sobre o seu desejo de falar português, na certeza de que dentro de um mês aprenderia essa língua, vislumbramos que a inscrição de si no português se dê como uma possibilidade de tamponar essa falta. Na psicanálise, como pontuado anteriormente, a falta é compreendida como constitutiva do sujeito. Nesse sentido, compreendemos que a sua inscrição na língua do desejo talvez se realize, mas isso não implica no tamponamento da falta, que lhe é constitutiva.

Para finalizar este item, gostaríamos de (re)lembrar que, de modo geral, a maneira pela qual os sujeitos se relacionam com as línguas-culturas que os constituem se dá de maneira singular. Ao problematizarmos as representações de língua-cultura, bem como do próprio processo de aprendizagem de uma língua dita estrangeira, no dizer de Beatriz, buscamos pontuar que, diferentemente da maioria dos participantes da pesquisa, a língua portuguesa, para ela e nela, ocupa o lugar de objeto de desejo. Compreendemos que o português não é uma língua que falta somente a ela, mas a todos os participantes. No entanto, ao deter-nos em seu caso, objetivamos trazer para a discussão fragmentos de dispersão em nosso corpus, devido à maneira singular pela qual ela se relaciona com a língua portuguesa. A partir disso, compreendemos que, no caso de Beatriz, a exclusão se dá pelas línguas que lhe falam (o inglês e o espanhol), nela e por ela, e naquilo e por aquilo que lhe falta, a mãe e o que, para ela, é a sua língua-cultura materna: a língua portuguesa.

### 3.2. Corpo-língua(gem): “o instrumento”

Ao trazermos a primeira seleção de recortes desta seção, objetivamos apontar, a princípio, as representações de corpo e língua que circulam no imaginário dos imigrantes. Como veremos, muitas dessas imagens estão atreladas a uma concepção de corpo e língua como ferramentas, seja para a comunicação, seja para o trabalho, como também para o próprio deslocamento, a errância.

Para começar, trazemos, em uma mesma sequência, dois recortes discursivos extraídos de duas entrevistas com participantes vindos do Haiti<sup>49</sup>. Dado o grande fluxo migratório de haitianos para o Brasil, optamos por trazer esses recortes representativos, de modo a levar a uma melhor compreensão de como o processo migratório ecoa para esses e nesses sujeitos.

Conforme antes mencionado, todos os entrevistados foram instados a responder uma pergunta inicial, que chamamos de pergunta-base, a saber: “Você poderia me contar sobre a sua história no seu país até você chegar ao Brasil?”. Nos recortes que se seguem, trazemos as respostas, para essa pergunta, de Roberto e Sônia. Roberto tem 32 anos, nasceu no Haiti e, no momento da entrevista, estava no Brasil havia 1 ano e 6 meses. Sônia também é haitiana, tem 35 anos e, na época da entrevista, estava no Brasil havia 5 meses. Vejamos os recortes:

#### **Recorte 15**

**Pesquisadora:** você poderia falar da sua história até chegar aqui no Brasil?

**Roberto:** a minha história? / depois do terremoto / aí quebrou tudo lá no Haiti / mas não tem como pra gente ficar / a gente perdeu trabalho / então a gente procura outro país (...)

---

<sup>49</sup> Os haitianos são vistos politicamente como imigrantes refugiados, em função do terremoto que arrasou o país em 2010.

## Recorte 16<sup>50</sup>

**Pesquisadora:** como era a sua vida no Haiti?

**Sônia:** por el terremoto que hay pasado em Haiti / por eso yo vine al Brasil / por qué mi país se acabo todo / no tiene trabajo / por eso que yo vine aqui

Em ambos os recortes, ao serem instados a falarem sobre suas vidas em seu país de origem, os participantes apenas justificam a sua vinda ao Brasil – como observamos na repetição das conjunções causais “por eso” e “porque”, no dizer de Sônia, como também no trecho: “mas não tem como pra gente ficar”, no dizer de Roberto –, mas não respondem sobre suas vidas, suas histórias, em seu país, de fato. Os participantes silenciam a sua história. Consideramos relevante salientar que, de modo geral, a entrevista de Sônia é marcada pelo silêncio, uma vez que sua entrevista é a mais curta de nosso *corpus*, com respostas lacônicas, durante todo o decorrer da conversa. Já a de Roberto é consideravelmente mais longa que a de Sônia; porém, no que se refere à sua história em seu país de origem, esta também é silenciada. O silêncio, assim como os lapsos, as hesitações e, até mesmo os risos, configuram-se como uma manifestação da equivocidade da língua e da dificuldade de “escolher” as palavras, de pensar na língua portuguesa, ou seja, enunciar de modo a controlar os possíveis efeitos de seu dizer. Compreender o silêncio como equívoco, implica em dizer que, por mais que o inconsciente se estruture como uma linguagem, sempre haverá um resto, um *non-sense*, algo da ordem do irrepresentável, um não dito – aquilo que escapa à linguagem, o real da língua.

Ao não responderem a pergunta inicial, justificando apenas a sua vinda ao Brasil, os entrevistados explicam que sua vinda se deve ao fato de seu país ter “quebrado” e “acabado”. O que chama a atenção, nos trechos “aí quebrou tudo lá no Haiti” e “porque mi país se acabó todo”, é o uso dos verbos “quebrar” e “acabar” para caracterizar a atual

---

<sup>50</sup> Tradução do recorte 16: **Pesquisadora:** como era a sua vida no Haiti? **Sônia:** por causa do terremoto que passou no Haiti / por isso eu vim ao Brasil / porque meu país se acabou todo / não tem trabalho / por isso eu vim aqui

situação de seu país. O verbo “quebrar” é, geralmente, utilizado para se referir ao ato de reduzir algo a pedaços, partir, ou fragmentar. Já o verbo “acabar” convoca os sentidos de “concluir”, “terminar”, como também “matar”. Isso aponta para uma imagem do processo migratório como, na verdade, uma possibilidade de (re)construção identitária.

Ao buscarmos algumas hipóteses interpretativas, vemos o silêncio das histórias dos participantes desta pesquisa em seu país de origem e o “fim” ou a “fragmentação” de seu país, por eles anunciada, como uma tentativa de fazer luto (CORACINI, 2007b). Como uma possibilidade de, após algum sofrimento, de aceitar a perda e/ou a falta de sua língua-cultura, de entregar “o morto”, para, então, inscrever-se na língua-cultura do outro. Nesse sentido, a partir dos recortes 15 e 16, entendemos que o silêncio dos entrevistados e os trechos “mi país se acabo todo” e “aí quebrou tudo lá no Haiti” não significam apenas o fim de seu país de origem ou, melhor dizendo, da imagem de seu país, mas também, de certo modo, um recomeço, um (re)nascimento que, no contexto migratório, se dá na/pela inscrição de si na língua-cultura do outro, uma vez que esse processo possibilita ao sujeito constituir-se em outras discursividades. Portanto, aprender uma outra língua-cultura é um (re)começar, um (re)nascer. É interessante relembrar que Sônia e Roberto são considerados politicamente como imigrantes refugiados. Desse modo, a língua-cultura do outro, ao representar esse (re)nascer, também con-formaria uma espécie de refúgio para esses sujeitos.

Contudo, através da materialidade linguístico-discursiva, é possível observar que o que chamamos de (re)nascimento na/ pela língua-cultura do outro se dá em duas línguas-culturas diferentes: o espanhol, no caso de Sônia, e o português, no caso de Roberto – , uma vez que estas línguas-culturas encontram-se marcadas no dizer dos participantes. Sabemos que, antes de virem para o Brasil, os dois participantes moraram em países onde o espanhol é a língua nacional. Sônia imigrou do Haiti para a República Dominicana, onde morou 1 ano e 5 meses e, em seguida, para o Equador, onde morou por dois meses. Roberto emigrou do Haiti para o Equador, onde também morou por 2 meses, antes de vir para o Brasil.

Para pensarmos essa questão, ao retomarmos o nosso material de análise, observamos que o espanhol é uma língua bastante marcada no dizer da maioria de nossos entrevistados, seja na entrevista como um todo, ou em forma de lapsos. Ao buscarmos vislumbrar os efeitos de sentido da presença dessa língua no dizer dos imigrantes – uma vez estando no Brasil, um país cuja língua nacional é o português –, entendemos que essa presença se dá, possivelmente, por três possibilidades de identificação: 1) dada a posição político-econômico-social que a língua espanhola ocupa no contexto atual, sendo considerada, depois da língua inglesa, a segunda língua mais “importante” no mundo; 2) por provocar identificações desses sujeitos com essa língua-cultura; e 3) no caso de imigrantes latinos, cuja língua materna é o espanhol, como uma resistência à língua-cultura do outro, no caso, o português.

Com a instituição do tratado de cooperação econômica entre países sul-americanos, o Tratado do Mercosul, a língua espanhola passou a ter um destaque no contexto mundial. Tal destaque contribuiu para a construção de um imaginário social em que a língua espanhola “assume também o posto de uma língua para a comunicação voltada à realização de negócios, ou seja, é uma ferramenta para o trabalho, uma habilidade a mais de que o trabalhador dispõe para se sair bem na vida profissional” (CELADA *apud* ANDRADE, 2008, p. 69). No dizer de Sônia, atribuímos essa constante marca da língua espanhola como uma representação dessa língua como uma ferramenta para o trabalho, dada a impossibilidade de permanecer no seu país pela falta de trabalho, o que fez com que ela emigrasse, antes de vir para o Brasil, para a República Dominicana e, posteriormente, Equador, países cuja língua nacional é a espanhola. Por outro lado, estando no Brasil e tendo vindo também em busca de trabalho, observamos que a língua portuguesa parece não a constituir, não atravessar seu corpo (CORACINI, 2007a), o que nos leva a considerar que, talvez, o português não seja representado, ainda, nela/para ela como uma ferramenta para o trabalho. Nesse sentido, a marca da língua espanhola em seu dizer, bem como a incorporação de traços dessa língua, como o sotaque, dão indícios de que, talvez, a sua relação com essa língua se dê através de uma identificação simbólica.

Em suma, através de ambos os recortes, compreendemos que a imigração e, mais especificamente, a inscrição de si na língua-cultura do outro configura uma possibilidade de (re)construção identitária, uma vez que o terremoto parece não ter apenas “quebrado” ou “acabado” com o país desses sujeitos, mas também provocado deslocamentos em seus processos identitários, dada a necessidade do exílio.

O exílio, como o entendemos, é o estado de estar longe da própria casa, seja do país de origem, como também da própria língua, e pode ser definido como a expatriação, voluntária ou forçada. Em busca de melhores condições de vida, como observado em “mas não tem como pra gente ficar / a gente perdeu trabalho / então a gente procura outro país” e “no tiene trabajo / por eso que yo vine aqui”; o imigrante, não raro, assume uma faixa de significação como sujeitos errantes, por se deslocarem de um país para outro, sem se fixarem. Em nosso material de análise, percebemos que a maioria dos entrevistados já morou em outros países, antes de virem ao Brasil. A esse respeito, vejamos um excerto extraído de uma entrevista realizada com Nina, que nasceu na Bolívia, tem 39 anos e, no período da entrevista, estava no Brasil havia 6 meses:

### **Recorte 17**<sup>51</sup>

**Pesquisadora:** por que você foi para a Catalunha?

**Nina:** Pues bueno / al comienzo porque tenía muchas ganas de cambiar de aire / de venir de Bolivia / aquí es una hora de vuelo / es un salto que tú das / y me gustaría que tanto los sudamericanos se metan en su cabeza que no es una cosa fuera del otro mundo / que querer es poder / porque imagínate que un día precise una persona / un extranjero agarra un día y viaja para Cataluña / otro día agarra para Madrid / pasa Italia / pasa a

---

<sup>51</sup> Tradução do recorte 17: **Pesquisadora:** por que você foi para a Catalunha? **Nina:** pois bem / no começo porque tinha muita vontade de trocar de ares / de vir da Bolívia / aqui é uma hora de vôo / é um salto que você dá / e eu gostaria que tanto os sul-americanos coloquem na cabeça que não é uma coisa de outro mundo / querer é poder / porque imagina que um dia uma pessoa precisa / um estrangeiro empolga um dia e viaja para a Catalunha / outro dia empolga para Madrid / passa Itália / passa na Suécia / logo que se eu volto à Norte América / volto a Tóquio / volto assim...

Suecia / luego que se yo vuelve a Norteamérica / vuelve a Tokio / vuelve así (...)

Gostaríamos de chamar a atenção, neste recorte, para a aparente facilidade da mobilidade do imigrante, sobretudo no contexto atual, da chamada (pós-)modernidade. Ao pontuar a rapidez com que chegou ao Brasil, em apenas uma hora de voo, a participante caracteriza seu deslocamento como “um salto que tu das”. Entendemos essa rapidez no deslocamento espacial e o apontamento de que a imigração não é algo impossível, pois, “querer es poder”, como algo que os discursos da globalização colocam como uma injunção social.

Na sequência, temos o trecho: “porque imagínate que un día precise una persona / un extranjero agarra un día y viaja para Cataluña / otro día agarra para Madrid / pasa Italia / pasa a Suecia / luego que sé yo vuelve a Norteamérica / vuelve a Tokio / vuelve así...”. É interessante a escolha desses países e também a utilização de verbos como “agarrar” (empolgar), “pasar” (passar) e “volver” (voltar) apontando a possibilidade de cruzar o mundo. Se localizarmos os países, por ela listados, em suas posições geográficas (Catalunha, Madrid, Suécia, Tóquio e Norteamérica) e seguirmos a mesma sequência por ela elencada, como “escalas”, poderíamos dar a volta ao mundo. Tal movimento remete a uma certa circularidade, a um mundo, de fato, “redondo”, o que aponta para um desejo de completude. O sujeito, lembramos, é constituído na/pela falta, por isso, é incompleto. Assim, esse desejo por cruzar fronteiras (dar a volta ao mundo) aponta, a nosso ver, para uma tentativa de tamponar a falta, que lhe é constitutiva.

A escolha dos verbos (“agarrar”, “pasar” e “volver”) ecoam uma espécie de movimento, da própria não fixidez, da liquidez que caracteriza a errância na (pós-)modernidade. E, nessa fluidez, nesse “empolgar-passar-voltar”, nesse movimento que se quer circular, observamos atravessamentos dos discursos da globalização, que reverberam numa espécie de apagamento das fronteiras do mundo, sejam elas geográficas ou simbólicas - como se habitássemos, ilusoriamente, um mundo sem muros e sem fronteiras, um mundo semanticamente estável e inteiro.



A fronteira, enquanto lugar físico, foi feita para não ser atravessada (DUARTE *apud* BARBAI, 2008). Já enquanto espaço simbólico, segundo Barbai (2008, p. 87), “está investida de formas delimitadas de poder, de identidades, de valores e de códigos que flutuam, resistem e cooperam entre si”. Nesse sentido, a fronteira consiste em um espaço simbólico onde o Estado exerce seu poder sobre os sujeitos, ou seja, uma biopolítica e, conseqüentemente, um biopoder<sup>52</sup> (FOUCAULT, 2004, P. 316). A biopolítica e o biopoder confluem para uma sociedade da disciplina. O biopoder, em sua microfísica, se estabelece de modo a normatizar os corpos, controlando-os. Desse modo, a fronteira configura um espaço discursivo de exercício de poder, de controle do que entra e do que sai. Como exemplo de um dos instrumentos de controle do biopoder (da vida e do corpo), podemos citar o passaporte e o visto, documentos que autorizam, ou não, a entrada e saída de estrangeiros. Todavia, ainda que estes sejam instrumentos de regulação de poder, vigiando quem entra e quem sai, parece-nos que, no dizer de Nina, estes não são obstáculos à errância, ou melhor, não parecem nem ao menos existir. A aparente facilidade em atravessar fronteiras – seja a de seu país com outros países, sejam fronteiras outras (imaginárias), entre seu país e a Espanha, Japão e Suécia, a exemplo dos países que a própria entrevistada lista em seu dizer – aponta para a construção de um imaginário de um mundo sem fronteiras que dá lugar ao chamado “cidadão do mundo”. Tal imagem também é possível de ser vislumbrada no recorte abaixo:

### **Recorte 18**

**Pesquisadora:** então / me conta da sua história até você chegar aqui no Brasil?

**Lúcio**<sup>53</sup>: ah foi boa / eu tava lá em casa dos pai / já havia conhecido o Brasil / não é a primeira não / bem / minha vida aqui no Brasil resume-se a... a aventura né? / sempre saltar de um lado pro outro

---

<sup>52</sup> Sobre biopolítica e biopoder, rever a seção *1.1 Subjetividade e Subjetivação*, localizada no primeiro capítulo desta dissertação.

<sup>53</sup> Lúcio, o nosso sétimo entrevistado, veio de Portugal, tinha 29 anos e estava no Brasil havia seis meses, na época da entrevista.

Note-se que, ao iniciar o relato, Lúcio faz uma avaliação da sua história, conforme fragmento: “ah foi boa”. O uso do pretérito perfeito do verbo “ser” sugere que somente quando estava na casa de seus pais sua história de vida era boa e que, agora, ele talvez não a avalie da mesma forma.

Na sequência do recorte, no trecho: “minha vida aqui no Brasil resume-se a... a aventura né? / sempre saltar de um lado pro outro”; a mesma facilidade em deslocar-se espacialmente, rastreada no recorte 17, é possível ser encontrada no recorte 18. Entretanto, ao dizer que sua vinda ao país se resume “a aventura”, vislumbramos atravessamentos das outras vozes que o constituem, por exemplo: a do colonizador.

Para compreendermos o funcionamento dessas vozes, retomamos algumas considerações de Payer (2006) sobre a memória da/na língua. Payer (2006, p.39) afirma que “o modo como uma sociedade, um povo, produz sentidos historicamente encontra-se marcado em sua linguagem, no modo como ele fala a sua língua, ou melhor, a língua que lhe é dado falar por sua história”. O povo português tem sua história marcada pelas grandes navegações, pelas aventuras marítimas, sendo, por vezes, identificado como um povo desbravador, “descobridor”, que está sempre a “saltar de um lado pro outro”. Sendo assim, o dizer do entrevistado possibilita compreender o lugar de onde o sujeito enuncia, ou seja, sua formação discursiva nos seus diferentes atravessamentos. Contudo, mesmo que seu dizer seja marcado pela memória de sua língua-cultura, consideramos importante salientar que, dadas as condições atuais de produção dos discursos que o constituem e que, portanto, permeiam a sua formação discursiva em que se inscreve o sujeito, observamos que essa falsa liberdade em mover-se, em cruzar fronteiras – conforme também atentado no recorte 17, “es un salto que tu das”, e no recorte 18, “sempre saltar de um lado pro outro” – seja também engendrada nos/pelos discursos da globalização que possibilitam a construção da imagem de um “cidadão do mundo”.

A política neoliberal, em particular, propala a ideia de que o sujeito está/é “livre” para realizar suas próprias escolhas; portanto, que pode realizar suas travessias, contribuindo, dessa maneira, para a construção de um imaginário social de um mundo sem

fronteiras. A própria internet, a “grande ferramenta” (pós-)moderna, contribui também para essa construção, dada a possibilidade de “ocupar” vários lugares ao mesmo tempo, seja através de acessos a noticiários de diferentes países, com vídeos de exibição ao vivo, como também a possibilidade de comunicar-se com “o mundo”, seja pelas redes sociais, chat, webcam etc. Dados esses atravessamentos e as condições de produção, esses sujeitos, os imigrantes, na chamada (pós-)modernidade, se constroem nessa contradição: de serem livres e errantes, ao mesmo tempo. Pois, ainda que se venda um mundo sem muros e sem fronteiras, ou seja, uma pseudo-liberdade, o corpo do imigrante, como materialidade simbólica, ocupa, por vezes, a faixa de significação de corpo errante<sup>54</sup>, ou seja, daquele que vaga sem destino, causando medo e desconfiança a sujeitos de outros grupos, que hostilizam ou desconfiam daqueles que desconhecem ou que estranham.

Ao se apagarem as fronteiras, portanto, as diferenças, homogeneízam-se subjetividades e se impossibilita o sujeito de vir a exercer a sua singularidade. Paradoxalmente, o apagamento das fronteiras, das diferenças, nos convida a uma experiência com o outro. Experiência essa que, se por um lado, possibilita a errância (pós-)moderna, por outro, se quer desprovida de sua alteridade (BARBAI, 2008).

Objetivamos, com a discussão desses excertos, problematizar o funcionamento da língua e do corpo no processo migratório e, conseqüentemente, nos processos identificatórios desses sujeitos. A priori, o corpo, biológico e simbólico, parece ser representado como um instrumento da/para a errância, o suporte para o deslocamento espacial; a língua-cultura do outro, por sua vez, inscrita no corpo do sujeito migrante, embora pareça funcionar como um instrumento para a errância, é também aquilo que provoca deslocamentos nos processos identitários, (re)significando, de fato, o exílio<sup>55</sup>.

---

<sup>54</sup>Acerca do corpo errante, trabalharemos mais detidamente em uma seção do nosso segundo eixo de análise: “(Des)territorialização de si e do outro: o dentro-fora”.

<sup>55</sup>O exílio, nesse momento de nossa escrita, remete aos sentidos do exílio que a inscrição de si na/pela língua-cultura do outro provoca na subjetividade. Nasio (*apud* FUKS, 2000) também atribui à “invenção freudiana”, a psicanálise, um exílio, pois, o exílio analítico é uma experiência de alteridade, permitindo o sujeito “buscar pela palavra uma designação para aquilo que, vindo de fora, está nele mesmo, embora lhe seja estranho” (FUKS, 2000 p. 76). Ao trazeremos essa consideração para a experiência imigratória, entendemos que a língua

Nos recortes que se seguem, também foi possível notar essas representações. No recorte 19, trazemos outro excerto retirado da entrevista de Roberto:

### **Recorte 19**

**Pesquisadora:** e porque você veio pra São Paulo?

**Roberto:** eu venho pra São Paulo porque eu acho que São Paulo é o melhor estado que tem no Brasil / lá é bom / o salário é melhor que Manaus / porque o Manaus tem MUIta gente / MUIto haitiano / non tem como pra todo mundo ficar em Manaus / tem que espalhar aí no Brasil / entendeu? / pra dar outra vaga pra outro / tem gente que chega agora no Amazonas / você que tava lá desde um ano tem que ir pro outro estado porque você já tem um al... um conhecimento na lingua do português / tem que ir pra outro estado / aí deixa ele no Manaus / vai procurar outro emprego / é por isso que eu venho pra cá pro São Paulo

**Pesquisadora:** e por que você acha que tem que ter o conhecimento da língua?

**Roberto:** a:... pra conversar com as outras pessoas / se a gente não conseguir falar com as pessoas não vai dar / se você chega lá por exemplo quando eu descer lá em Campinas / se eu não sabia falar o português / um pouquinho de português / não vai dar pra mim vir pra cá na Casa do Migrante / vai ser muito difícil porque não tem como conversar com as pessoas / tem que saber / pra trabalhar nas construção também tem que saber o ferramento / tem que saber / algumas coisas

Ao responder sobre o motivo da sua vinda para São Paulo e dizer que este é o melhor estado do Brasil, tal comentário mostra-se como uma injunção social, uma vez que o entrevistado utiliza-se do estilo indireto livre, ao assumir, tomar para si o que, provavelmente, teria lido, ouvido, conversado com alguém, conforme o fragmento: “eu venho pra São Paulo porque eu acho que São Paulo é o melhor estado que tem no Brasil / lá é bom / o salário é melhor que Manaus”. O discurso indireto livre, a voz do outro, provoca o efeito de sentido de verdade inquestionável, portanto, se o outro diz que São Paulo é o melhor estado, é para onde ele vai.

---

do outro possibilita essa ruptura, o exílio de si, ao passo que ao também buscar pela palavra a negociação dos sentidos, ela se dá por/em algo que lhe é estranho, a língua do outro.

Em seguida, ao referir-se a São Paulo, o participante diz “lá é bom”, utilizando o advérbio de lugar “lá”, ao invés de “aqui”, para referir-se ao local em que se encontrava no momento da enunciação. Por ser haitiano, Roberto tem como línguas maternas o francês e o crioulo, línguas oficiais de seu país. Em francês, o advérbio “aqui”, do português, pode ser traduzido por “là”. Ao buscarmos algumas hipóteses interpretativas para o uso deste advérbio, compreendemo-lo de dois modos: como uma maneira de reafirmar, trazer a voz do outro (via língua materna) e como uma referência à sua terra natal (via língua dita estrangeira, o português).

Ao levarmos em conta a presença da voz do outro em seu dizer, através do discurso indireto livre, “là”, em francês, pode ser interpretado como “aqui”, em português. Ou seja, se o outro disse que aqui é o melhor lugar, Roberto traz essa voz para o seu dizer. Por outro lado, ao trazermos nossas leituras para o nosso material de análise, identificamos como bastante recorrente em nosso *corpus* essa troca entre os advérbios “aqui” e “lá”, para se referirem ao Brasil ou a São Paulo; de tal modo que a troca desses advérbios também possibilita a interpretação de uma maneira de se referir à sua própria nação. Assim, ao dizer “lá é bom”, isso poderia remeter à sua terra natal e, não, à estrangeira.

Ao justificar o motivo da sua vinda para São Paulo, Roberto diz que, como tem muito haitiano em Manaus, eles precisam se “espalhar” pelo Brasil para poder ter emprego para todos. É interessante o uso do verbo “espalhar” para caracterizar a errância. “Espalhar” convoca os sentidos de “separar o grão da palha” (ex-palhar), como também mover-se em diferentes sentidos. Ao se espalharem pelo Brasil, os haitianos, de fato, estarão separando o grão da palha. O que antes parecia uno, o que dava uma ilusão de coletividade (“MUITos haitianos”), agora se fragmenta, se separa e se desloca em diferentes sentidos. Interpretamos tais práticas, a de “espalharem-se” pelo Brasil, como também a sua vinda para São Paulo, como resultantes de uma lógica que visa ao bem coletivo, como uma maneira de garantir a sobre-vida da identidade do grupo, mesmo que em terra estrangeira.

Na continuação de sua narrativa, Roberto fala daqueles que já podem se espalhar pelo Brasil: aqueles que já conhecem o português, como notamos no trecho “um

conocimento na lengua do português”. Quando é questionado sobre o “por quê” da necessidade do conhecimento da língua para se espalharem, o entrevistado coloca a dificuldade que enfrentaria para comunicar-se com o outro, caso não conhecesse essa língua. O que, primeiramente, é possível perceber, nesse trecho, é o uso da língua espanhola para referir-se a “conhecimento” da língua portuguesa e “língua”. Vale lembrar a história do imigrante: antes de vir para o Brasil, ele morou no Equador, país cuja língua nacional é o espanhol. Assim, uma vez que o imigrante é aquele que vem pelo trabalho vencer em terra estrangeira (KRISTEVA, 1994), compreendemos que essa presença do espanhol em seu dizer se dê, possivelmente, a uma imagem da língua espanhola como ferramenta para o trabalho, conforme antes discutido. No trecho: “tem que saber / pra trabalhar nas construção também tem que saber o ferramenta / tem que saber / algumas coisas”, por duas vezes Roberto utiliza o modal deôntico “tem que”, colocando língua e trabalho em um mesmo patamar, pois, assim como para o trabalho faz-se necessário o conhecimento das ferramentas, tem-se que também saber a língua para poder trabalhar. De tal modo que a língua ocupa a mesma faixa de significação que “ferramenta”. É também interessante o uso que ele faz do modal deôntico “tem que”, nesse mesmo fragmento, para falar sobre o conhecimento da língua como uma necessidade, um mandamento. Ao colocar essa necessidade de saber a língua, quem teria lhe dito isso? Quem exige que seja assim? O deôntico é aquilo que traz a voz do outro como verdade absoluta, como dever. No dizer de Roberto, o deôntico parece trazer a voz do hospedeiro que impõe sua língua-cultura ao hóspede, o imigrante.

Para finalizar o recorte, observamos, mais uma vez, que corpo e língua são representados como ferramentas: para a errância e para a comunicação. Pois o que possibilita o “espalhar-se”, o “deslocar-se em vários sentidos” é o corpo e esse deslocamento só se faz possível através do conhecimento da língua do outro, do atravessamento dessa língua no corpo desses sujeitos. Além dessas imagens de corpo-língua(gem), ressaltamos a representação de língua-cultura do outro, também possível de ser rastreada nesse recorte. Em uma de nossas conversas com a assistente social da casa de passagem, foi-nos dito que a maior dificuldade encontrada, pela assistente e pela casa, para

colocar os imigrantes no mercado de trabalho, deve-se ao não conhecimento, por parte dos imigrantes, da língua portuguesa. Portanto, entendemos essa necessidade de conhecer a língua portuguesa, tornando possível sua vinda para São Paulo e a inserção no mercado de trabalho, como uma representação de nossa língua-cultura, como um mandamento do outro, uma imposição do hospedeiro, do brasileiro.

A esse respeito, no que se refere aos limites que a língua do outro impõe, trazemos, no recorte 20, um excerto retirado da entrevista de Beatriz. Durante o período da realização da entrevista, a participante estava no Brasil havia 1 mês. Vejamos o recorte:

**Recorte 20**<sup>56</sup>

**Beatriz:** Ah / por ejemplo / cuando he ido de compras la gente es muy amable.

**Pesquisadora:** ¿Son amables?

**Beatriz:** Sí / el problema es cuando ya se trata de comunicar algo que se quiere y no está en la mano / y le pregunta / es un poco más complicado porque tienes que hacerle con señas / con señas para que pueda entenderlo (...)

No fragmento “el problema es cuando ya se trata de comunicar algo que se quiere y no está en la mano”, é interessante notar a imagem que a participante tem do corpo no processo de comunicação. O problema está quando se quer algo que não está ao alcance das mãos, visível, portanto, temos o problema: quando não se pode representar<sup>57</sup> algo que não está no seu corpo. E como essa língua, a portuguesa, ainda não a constitui, não atravessa seu corpo e não se faz corpo (CORACINI, 2007a), temos “el problema” (o problema). A língua, como aqui a entendemos, é sempre faltosa, equívoco (MILNER, 1987), porosa (AUTHIER-REVUZ, 1998) e, nesse sentido, o que chama a atenção, no dizer de Beatriz, é

---

<sup>56</sup> Tradução do recorte 20: **Beatriz:** ah / por exemplo / quando eu fui às compras a gente é muito amável **Pesquisadora:** são amáveis? **Beatriz:** sim / o problema é quando já se trata de comunicar algo que se quer e não está na mão / e lhe pergunta / é um pouco mais complicado porque tem que fazer com sinais / com sinais para que possam te entender

<sup>57</sup>Fazer presente.

o fato de que, quando a língua falha, o corpo lhe serve de ferramenta para comunicar-se, “com señas para que pueda entenderlo” (com sinais para que possa entendê-lo). A esse respeito, outro fato, que é digno de nota, é o uso da palavra “señas” para designar os gestos, os sinais que utiliza através do corpo para que a comunicação seja “bem-sucedida”. A palavra “señas”, além de significar “sinais” ou “gestos do corpo”, também pode ser entendida como “senha”, como “código”. Nesse sentido, os gestos formulados pelo corpo parecem configurar uma espécie de código para designar aquilo que não é biomecanicamente e opticamente acessível, ou aquilo que não se tem acesso por meio do dizível. Assim, a formulação dos gestos sugere uma busca pela realização do processo da comunicação.

A partir disso, compreendemos, então, que a entrevistada parece ter uma representação de língua e corpo como uma visão utilitarista, como meras ferramentas para o “sucesso” em sua comunicação com o outro. Tal representação remete ao esquema de comunicação, inspirado nos postulados do linguista Roman Jakobson<sup>58</sup>. Diferentemente desse posicionamento, como já foi mencionado, entendemos a língua(gem) como opaca, não transparente; sendo assim, a nosso ver, os sentidos não podem ser controlados. O corpo, como suporte de linguagem, sendo constituído por e nela, assim como a língua, é opaco (HASHIGUTI, 2008). Consequentemente, ainda que a participante se utilize do corpo para comunicar-se, para fazer-se entender, nem mesmo o corpo é garantia de controle do dizer, de controle de sentidos.

De modo geral, é bastante recorrente em nosso material certa preocupação em fazer-se entender, em comunicar-se e comunicar-se “bem”. A esse respeito, vejamos o recorte abaixo:

### **Recorte 21<sup>59</sup>**

---

<sup>58</sup> Sobre essa perspectiva, retomar seção 1.3. *Inscrição de si na língua-cultura do outro*, localizada no primeiro capítulo desta dissertação.

<sup>59</sup> Tradução do recorte 21: **Nina:** o português / eu gosto de aprender o português com inteligência digamos / repassando como quando nós estud... em minha época estudava / ler uma vez / ler duas vezes / ler quatro vezes / cinco vezes / quantas vezes seja necessário / porque assim ou seja aprende / quando lê assim muitas



**Nina:** El portugués / a mí me gusta aprender el portugués con inteligencia digámoslo / repasando como cuando nosotros estud... en mi época estudiaba / leer una vez / leer dos veces / tres cuatro veces / cinco veces / cuantas veces sea necesaria / pues así o sea aprendes /cuando... cuando lees así muchas veces / pues aprendes una humm ... para para toda la vida... no estás cada vez que te eso / entonces es muy bueno / o sea mi época ha sido muy sana la verdad.

**Pesquisadora:** você conversa com alguém em português?

**Nina:** En en portugués? / pero la verdad es que cuando hablan en portugués yo les entiendo / y cuando yo también hablo cuando... en portugués / yo también me trato de hacer entender / hago mímica y todo / me entienden para que yo también pueda hablarles / comunicarnos.

No trecho acima negritado, é possível rastrear uma representação de ensino-aprendizagem de língua estrangeira atrelada à leitura. Para Nina, a leitura seria a maneira na e pela qual a sua inserção na língua-cultura do outro se daria. Além disso, nesse mesmo fragmento, ao afirmar que a maneira inteligente para aprender o português é a leitura exaustiva (“leer una vez / leer dos veces / tres cuatro veces / cinco veces / cuantas veces sea necesaria”), o imaginário construído acerca do ensino de línguas parece relacionar-se a um treinamento do corpo, como um exercício físico. A leitura executada várias vezes se parece com um exercício que o corpo deve fazer, como se aprender uma língua fosse um exercício de músculos. Assim, a representação de língua-cultura se dá como algo que lhe é exterior e, conseqüentemente, como algo que não a atravessa ou a constitui. Isso parece reverberar no seu aparente insucesso em aprender a língua portuguesa, que pode ser vislumbrado através dos gaguejos e hesitações presentes na sequência do recorte. Quando é questionada sobre falar o português, a entrevistada gagueja inicialmente, como observamos em “en... en portugués” e, em seguida, utiliza-se da conjunção adversativa “pero” para dizer que “a verdade” é que, quando falam português, ou seja, os outros e não ela, ela os entende. Ao

---

vezes / então aprende uma hum... para para a vida toda... não está cada vez que lhe... isso / então é muito bom / ou seja minha época foi muito sã na verdade **Pesquisadora:** você conversa com alguém em português? **Nina:** em em português? / mas a verdade é que quando falam em português eu os entendo / e também quando eu falo... em português / eu também trato de me fazer entender / faço mímica e tudo / me entendem para que eu também possa lhes falar / comunicar-nos

utilizar o pronome de primeira pessoa do singular, “yo”, para aí, então, referir-se ao momento em que ela fala português, Nina hesita novamente. É relevante observar que, mesmo que a participante esteja relatando o seu aprendizado nessa língua, não conseguimos identificar, em seu dizer, marcas da língua portuguesa.

Essa maneira inteligente de que a participante diz utilizar-se para aprender o português parece não dar conta do “sucesso” em seu aprendizado em si, reverberando em “yo también me trato de hacer entender / hago mímica y todo / me entienden para que yo también pueda hablarles / comunicarnos”. O que queremos dizer é que, ao gaguejar e hesitar, quando é instada a falar sobre a sua experiência como aprendiz do português, Nina re-vela que a língua, ou, as línguas envolvidas – português e espanhol – falharam, que as palavras faltaram (MILNER, 1987) e, para se fazer entender, ela faz mímica, gestos, sinais com o corpo para comunicar-se, “para que pueda hablarles / comunicarnos” (para que eu lhes possa falar / comunicar-nos). Ou seja, para comunicar, precisa de seu corpo, que seu corpo “fale”.

Tanto no recorte 20, quanto no recorte 21, percebemos uma preocupação das participantes em se fazer entender, como vemos em “con señas para que pueda entenderlo” e “yo también me trato de hacer entender”. Interpretamos essa preocupação como um desejo de controlar os sentidos, conforme Pêcheux (1988) observa, atrelado a uma concepção de sujeito consciente, que deseja controlar o que diz.

No que se refere à ausência de marcas da língua portuguesa, no dizer de Nina, e à presença de sua língua materna, retomamos nossos comentários, tecidos anteriormente, acerca dos efeitos dessa língua no dizer dos entrevistados. No caso de Nina, a língua espanhola é aquela que imprimiu suas marcas primeiras, na/pela qual se deu a sua entrada no registro do simbólico; portanto, essa seria a chamada língua materna. Ao elaborarmos nossas hipóteses interpretativas para a presença do espanhol em nosso material de análise, a nosso ver, no caso de Nina (e de outros imigrantes latinos também, como veremos no próximo subcapítulo), a presença de sua língua materna aponta para uma resistência à inscrição de si na língua-cultura do hospedeiro.

Em suas considerações sobre a lei da hospitalidade, Derrida (2003) propõe que a língua materna, no contexto migratório, ocupa o lugar da última morada, da última referência para o imigrante. Contudo, o contato-confronto entre as línguas chamadas maternas e estrangeiras transforma-as, contribuindo para que o sujeito ocupe um entre-lugares. Neste caso, conforme aponta Eckert-Hoff (2010, p. 98), “o que ocorre visivelmente é o entre-lugares, a entre-línguas, a necessidade de relançar a(s) língua(s) com outra vida, com um modo de inscrição, de estar no outro”. Desse modo, vemos que a entre-línguas, que Eckert-Hoff observa, se dá no/pelo confronto entre línguas-culturas, pois, mesmo que a língua materna seja sua última morada, última referência, essa língua já não é mais a mesma e nunca foi nem será homogênea, una, inteira.

Para finalizar a primeira parte de nossa análise, trazemos, no recorte 22, algumas considerações de um dos entrevistados sobre o papel da língua portuguesa como possibilidade de saída da situação de exclusão socioeconômica. Nos excertos que se seguem, apresentamos dois recortes extraídos do relato de Vinícius, um colombiano refugiado, que, na época da entrevista, tinha 24 anos e estava no Brasil havia 3 meses. Vejamos:

### **Recorte 22<sup>60</sup>**

---

<sup>60</sup> Tradução do recorte 22: **Pesquisadora:** e você acha que se você soubesse o português, teria um emprego melhor? **Vinícius:** eu acho que sim // não / não que se eu falasse português não teria um emprego melhor / eu acho que... que é mais ou menos relativo entende? / porque eu acreditar que sim que se eu falar português vou conseguir... mas não / agora acredito que não / não eu acredito que mais ou menos / não é... não tenho certeza que se falo português vou traba... vou ter melhor trabalho / porque hoje estou... brasileiro... brasileiros e que trabalham / entende? **Pesquisadora:** como? **Vinícius:** eles são brasileiros que falam portu... / são brasileiros mas têm trabalhos mais ou menos entende? / agora eu vou aprender português entende? [em tom de descrença] / não acredito muito nisso / mas... mas eu creio que mais estudando estudando / estudar um curso / humm... aprender a fazer algo / ou não preciso falar português ou senão sabe? / a trabalhar / é isso / só isso / só tem que trabalhar em algo (...)

**Pesquisadora:** e você acha que se você soubesse o português, teria um emprego melhor?

**Vinícius:** yo acho que sim // não // não que se eu falasse português no teria un emprego melhor / bom / eu acho que... que es más o menos relativo / entende? / porque eu acreditar que si que se eu falar português voy a conseguir... mas não / agora acredito que não / não eu acredito que mais o menos / no es... no tenho certeza que se falo português voy traba... voy a ter mejor trabalho / porque hoje estou... brasileiro... brasileiros e que trabalham / entende?

**Pesquisadora:** como?

**Vinícius:** eles son brasileiros que falam portu... / son brasileiros mas tem trabalhos más o menos entende? / agora eu vou aprender português entende? [em tom de descrença] / no acredito en muito eso / mas... mas eu creio que mais estudando estudando / estudiar um curso / humm... aprender a fazer algo / o no preciso falar português o sinó sabes? / a trabalhar / é isso / só isso / só hay que trabalhar en algo (...)

Vinícius parece estar confuso. Ao responder sobre a aprendizagem do português como uma possibilidade de mobilidade social, o entrevistado hesita por várias vezes, oscilando entre o “sim”, o “não” e “más o menos”. Primeiramente, diz que sim, depois diz que não, em seguida, já diz que é relativo e, por fim, acaba assumindo a posição de que não vê o aprendizado da língua como possibilidade de mobilidade social. Na busca por possíveis interpretações de tamanha hesitação, compreendemos que a presença da pesquisadora, que é brasileira, tenha possivelmente contribuído para essa demora em uma tomada de posição. Nos trechos: “porque eu acreditar que si que se eu falar português voy a conseguir... mas não / agora acredito que não / não eu acredito que mais o menos”; as voltas enunciativas (AUTHIER-REVUZ, [1998] 2001), os retornos do dizer na cadeia enunciativa, no dizer de Vinícius, apontam para um eterno formular e reformular das imagens que estão em jogo no momento da enunciação – como podemos observar nos trechos “yo acho que sim // não / não que se eu falasse português no teria un emprego melhor” e “poque eu eu acreditar que si / que se eu falar português voy a a conseguir... mas não”.

Uma vez que compreendemos os discursos como redes de significação que estão, sempre, em constante formação, ao tentar elaborar o seu posicionamento sobre a língua

portuguesa, falando com uma brasileira, o entrevistado parece, de certo modo, intimado a assumir a posição de que não vê a língua do outro, portanto, a da pesquisadora, como uma “ferramenta” para conseguir um emprego melhor. O que parece apontar para uma oscilação do próprio lugar que ocupa no momento da enunciação: ora como aquele que é entrevistado por uma brasileira, ora como um imigrante que se encontra insatisfeito com a terra prometida. Nesse sentido, uma vez que construímos nossa identidade no e pelo olhar do outro, tal oscilação remete ao próprio jogo de imagens, ou melhor, de espelhos, que caracteriza a construção identitária do sujeito, de que já comentamos em nosso capítulo teórico.

É bastante interessante a lógica que o entrevistado utiliza para, enfim, assumir o dizer, pois, para ele, os brasileiros com quem trabalha possuem o mesmo emprego que o dele, encontram-se na “mesma” situação. Por essa razão, o participante, aparentemente, não vê a língua, ou melhor, a sua inscrição na língua portuguesa como uma possibilidade de mobilidade social. Entendemos que isso talvez se dê como uma decepção com a terra prometida, já que, inclusive os que aqui habitam e que falam essa língua estrangeira, encontram-se na mesma situação de exclusão socioeconômica. No entanto, ainda que o participante busque uma lógica em seu dizer, buscando ter controle do que diz, devido ao caráter equívoco da língua, Vinícius acaba por deixar escapar sua heterogeneidade constitutiva.

Apesar de o participante dizer que não acha importante o aprendizado da língua portuguesa como uma possibilidade de mobilidade social, é possível visualizar, no recorte, marcas da língua portuguesa, como, por exemplo, no uso do verbo “falar”, ao invés de “hablar”, “trabalhar”, ao invés de “trabajar” e “ter” ao invés de “tener”. Isso revela que o sujeito se encontra em uma con-fusão entre línguas e culturas que o atravessam. O que pontuamos, a esse respeito, é que, ainda que ele tente marcar em seu dizer uma provável resistência à língua-cultura do outro, é possível vislumbrar que essa língua-cultura encontra-se já marcada, emergindo em seu dizer. Tais marcas também são possíveis de serem vislumbradas no próximo recorte, do mesmo entrevistado:

### Recorte 23<sup>61</sup>

**Pesquisadora:** Então / Vinícius / você pode me contar a sua história até chegar aqui no Brasil?

**Vinícius:** si / yo vine al Brasil por las circunstancias entente? / pra mi es el país más per... más perto / entonces eu decidi vir acá / además que devido a mi caso [refúgio] / aquí fala outro idioma / aquí es muito grande entente? / muito melhor aqui / São Paulo está muy longe de Colômbia / isso é bom

É interessante observar que, ao procurar justificativas para a sua vinda ao Brasil, o entrevistado, inicialmente, diz que o Brasil era o país mais próximo e, em seguida, que São Paulo está muito longe da Colômbia, conforme os trechos “pra mi es el país más per... más perto” e “São Paulo está muy longe de Colômbia / isso é bom”. Essa oposição no dizer do participante, *perto-longe*, parece estar atrelada ao efeitos de sentido que a própria situação migrante provoca nos sujeitos. Pois o imigrante é aquele que, “ao se deslocar espacialmente, encontra-se num espaço contraditório de provisoriedade subjetiva, onde há o desejo de retorno e de permanência real e efetiva” (VIANA *apud* OLIVEIRA, 2005, p.155), o que para Sayad (1998) configura a condição *provisório-permanente*.

Compreendemos que essa condição provisório-permanente, perto-longe, reforçada pela situação de exclusão socioeconômica, resvala na própria resistência a inscrição de si nessa outra língua-cultura. No entanto, mesmo que o entrevistado tente marcar em seu dizer uma resistência ao aprendizado da língua portuguesa, como visualizamos no recorte 22, ela irrompe, mais uma vez, na cadeia enunciativa, como podemos vislumbrar em trechos como “fala outro idioma”, “muito grande”, “muito melhor”, “longe” e “isso é bom”.

Sabemos que o motivo da vinda do entrevistado ao Brasil se deve ao fato de sua vida estar em risco em seu país de origem. Assim, as “circunstancias” fizeram com que

---

<sup>61</sup> Tradução do recorte 23: **Pesquisadora:** Então / Vinícius / você pode me contar a sua história até chegar aqui no Brasil? **Vinícius:** sim / eu vim ao Brasil pelas circunstâncias entente/ pra mim é o país mais per... mais perto / então eu decidi vir pra cá devido ao meu caso [refúgio] / aqui fala outro idioma / aqui é muito grande entente? / muito melhor aqui / São Paulo está muito longe da Colômbia / isso é bom

Vinícius viesse ao Brasil em busca de refúgio, de exílio. Para melhor compreender essa questão, lembramos que a inscrição de si na língua-cultura do outro, na língua dita estrangeira, possibilita ao sujeito a inscrição em novas discursividades, como também uma ruptura com a língua dita materna. Portanto, uma vez que a distância, ou exílio, da língua dita materna é aquilo que promove as significações na e pela língua dita estrangeira (REVUZ, 1997), compreendemos que as tentativas para justificar sua vinda ao Brasil, bem como as irrupções da língua portuguesa em seu dizer, dão indícios de que, para Vinícius, a língua-cultura do outro configuraria uma espécie de refúgio, um meio no e pelo qual seria possível a esse sujeito exilar-se: tanto espacialmente, como de sua língua-cultura materna – uma vez que o processo de aprendizagem de uma língua dita estrangeira possibilita deslocamentos nos processos identitários do sujeito, (re)significando as imagens com as quais o “eu” se relaciona e, conseqüentemente, a sua própria imagem, pois o “eu” na língua dita estrangeira não é, jamais, o da língua dita materna (REVUZ, 1997, p. 225).

### **3.3. Sobre os resultados de análise**

Para finalizar, trazemos, a seguir, algumas considerações possíveis de serem apreendidas, a partir dos resultados de análise apresentados em nosso primeiro eixo de análise. De maneira geral, tanto as representações de língua-cultura, como as de aprendizagem da língua dita estrangeira apontam para uma visão utilitarista de língua, como uma ferramenta para conseguir trabalho, como também para se deslocar espacialmente.

No que se refere aos efeitos de sentido que a pobreza provoca nas representações rastreadas, parece-nos que ela incide como uma resistência no aprendizado da língua portuguesa. Resistência que se manifesta no que temos chamado de corpo-língua(gem). O corpo-língua(gem) funciona, para o e no imigrante, como um território simbólico, mas também imaginário e imaginado. Pois, tanto o corpo como a língua-cultura configuram-se como o espaço discursivo que o sujeito habita, ou seja, onde quer que esteja, ele carrega esse espaço dentro de si, como um território de si. Assim, ao resistir à inscrição de si na

língua-cultura do outro, o corpo-língua(gem) é aquilo que possibilita ao imigrante habitar e “perpetuar” a última morada e/ou última referência: o território de origem

No entanto, ainda que haja uma resistência e um desejo de perpetuar e habitar o território de “origem”, ao deslocar-se espacialmente, corpo e língua são (re)significados no e pelo confronto entre a língua dita materna e a estrangeira, a do outro. Dessa maneira, o sujeito imigrante ocupa um entre-lugares, localizando-se no entre-meio das línguas-culturas que o constituem.



## CAPÍTULO 4 – (DES)TERRITORIALIZAÇÃO DE SI E DO OUTRO:

### O DENTRO-FORA

Neste capítulo, pretendemos desenvolver o nosso segundo eixo de análise, no qual objetivamos problematizar as representações dos participantes sobre os seus processos identitários como uma dicotomização do que lhes é exterior e interior, o dentro-fora. Este capítulo encontra-se dividido em três categorias de análise. Na primeira seção, intitulada *O outro de si*, trazemos uma seleção de recortes que aponta para a construção da narrativa como um meio de, ao falar do outro, deixar algo de si, do outro que o constitui. Num segundo momento, na seção intitulada *O corpo errante*, problematizamos excertos que apontam para uma forte relação da construção identitária com o aval daquele que hospeda, como também de instrumentos que legitimam o sujeito migrante estar no Brasil. Por fim, na seção nomeada *Mal-estar na e da hostipitalidade* apresentamos uma seleção de recortes a partir da qual visamos a problematizar a construção da ficção de si e de que maneira o mal-estar incide na irrupção da memória discursiva no dizer dos participantes.

#### 4.1. O outro de si

No primeiro recorte, desta seção, apresentamos parte do relato de Nina sobre a sua decepção com o Brasil. A esse respeito, vejamos:

#### **Recorte 24<sup>62</sup>**

---

<sup>62</sup> Tradução do recorte 24: **Nina:** bem / minha vida de lá é um pouco complicada porque / hum... vivi parte da minha vida na Bolívia trabalhando / minha vida profissional na Bolívia tem sido muito boa / minha vida de desenvolvimento profissional também tem sido muito boa / mas teve uma fase da minha vida que / bem / vivi no estrangeiro // então a vinda da Europa / um pouco que teve uma defasagem / vi um retrocesso muito muito grande / muito significativo na questão de desenvolvimento / tanto da Bolívia como dos países que esse foi o motivo mais principal... primordial / como quem diz... que me fez pensar em vir ao Brasil / porque me parecia que tinha um desenvolvimento mais... / esperava mais do Brasil então na verdade eu me decepcionei bastante porque não... / ou seja... é que... é como dizer em meu país não existe digamos / tanta... tanta pobreza digamos / e aqui no Brasil se nota em cada esquina / em cada caminhar e tudo isso / e quando a pessoa não está acostumada / (...) então muitas vezes eu ... me encanta... Rio de Janeiro não se vê muita pobreza / me parece porque há um pouco mais de fluxo econômico / pode ser digamos / que já também está mais consolidado e já também / este Rio de Janeiro há muito dinheiro também / não sei

**Nina:** bueno / mi vida de allá es un poco complicada porque / hum... he vivido parte de mi vida en Bolivia trabajando / mi vida profesional en Bolivia ha sido muy óptima / mi vida de desarrollo profesional también ha sido muy óptimo / pero ha habido una fase de mi vida que / bueno / he vivido en el extranjero// entonces la venida de Europa / un poco como que ha habido un desfase / he visto un retroceso muy muy grande / muy significativo en cuestión de desarrollo / tanto de Bolivia como de los países / ese ha sido el motivo más principal... primordial / como quien dice... que me ha hecho pensar de venir aquí a Brasil / porque me parecía que había un desarrollo más.../ esperaba más de Brasil entonces la verdad yo me he decepcionado bastante porque no... / o sea... es de que... es como decir en mi país no existe digamos / tanta... tanta pobreza digámoslo / y aquí en Brasil se nota en cada esquina / en cada caminar y todo eso / y cuando la persona no está acostumbrada / (...) / entonces muchas veces yo... me encanta a mí... Río de Janeiro no se ve mucha pobreza / me parece porque hay un poco más de flujo económico / puede ser digámoslo / que ya también está muy consolidado y ya también / este Río de Janeiro también hay mucho dinero también / no sé

Ao iniciar o seu relato, no trecho “mi vida de allá es un poco complicada”, interessa-nos o uso do presente do indicativo para falar sobre a sua vida na Bolívia. O uso deste tempo verbal provoca o efeito de sentido de algo que está presente, de fato, como se ainda vivesse em seu país de origem. Ao retomarmos alguns de nossos apontamentos a respeito da entrevista desta participante, lembramos da ausência de marcas e/ou atravessamentos da língua portuguesa em seu dizer. Assim sendo, ao dizer que a sua vida na Bolívia é um pouco complicada, ao invés de dizer que “foi” complicada, talvez, o uso deste tempo verbal se dê pelo fato de a participante ainda ocupar esse lugar, o território de origem, que, neste caso, parece ser re-evocado na chamada língua materna, o espanhol. Além disso, o uso do presente do indicativo e a presença da língua dita materna também remetem, de certo modo, à condição *provisório-permanente* do imigrante, ao desejo de permanecer e de, ao mesmo tempo, voltar para o território de origem (SAYAD, 1998), como se a participante ainda estivesse habitando esse lugar, na e através da língua.

Na sequência, no fragmento “he vivido en el extranjero // entonces la venida de Europa”, é relevante a representação que a participante possui da terra estrangeira que, para ela, é o continente europeu. Ao engendrarmos nosso gesto de leitura, compreendemos que

essa representação do estrangeiro, no seu dizer, parece estar atrelada à imagem do colonizador. Não somente neste, mas em outros momentos da entrevista, Nina sempre procura trazer para a sua narrativa o fato de ter vivido na Europa, mais especificamente na Catalunha (uma comunidade da Espanha, país que colonizou a Bolívia, o país de origem da participante). Num outro momento, Nina nos conta que o que a motivou viajar para a Catalunha foi o seu desejo de casar-se com um homem espanhol que, segundo ela, são homens fieis e amorosos (“porqué son muy fieles / son muy amorosos”<sup>63</sup>). Ao trazermos essas considerações, objetivamos atentar para o funcionamento dos adjetivos “extranjero” e “amorosos”, em seu dizer, pois, mesmo que a participante caracterize a Europa como o “el extranjero”, um lugar estranho, ela buscava, o familiar, o “amoroso”. Isso parece apontar para um deslize de sentidos entre “extranjero” e “amorosos”. Esse possível deslizamento remete ao estranho-familiar freudiano que, lembramos, designa o caráter familiar e ao mesmo tempo estranho, que o desconhecido desperta em nós. Nesse sentido, ao deslocar-se para a Espanha, na busca de um espanhol para casar-se, o “extranjero” parece se relacionar, na verdade, ao estranho-familiar da origem, como um atravessamento da voz do colonizador espanhol.

De maneira geral, chama a nossa atenção o modo como Nina constrói a sua narrativa, falando do outro para, no entanto, falar de si. No trecho “un poco como que ha habido un desfase / he visto un retroceso muy muy grande / muy significativo en cuestión de desarrollo / tanto de Bolivia como de los países”, o substantivo “desfase”, que pode ser traduzido para o português como “defasagem”, remete a algo que está em falta. Também consideramos relevante a marca do tempo verbal “pretérito perfecto”, em seu dizer. Ainda que ela esteja se referindo a algo que já aconteceu, o uso deste tempo verbal (“he vivido”, “ha visto” e “ha habido”) expressa uma ação passada, mas que retoma um presente próximo, como se passado e presente estivessem conectados. Assim, essa decepção ou esse “retroceso” de que a participante se queixa, além de ser um retrocesso econômico dos países por onde passou, também parece se relacionar a essa falta que, ainda que ela tente

---

<sup>63</sup> Optamos por apenas mencionar parte desse relato e não transformá-lo em excerto por acreditarmos que o recorte 24 seja mais significativo para as questões que buscamos problematizar, neste capítulo.

preencher, parece estar (e está) sempre presente, latente. Queremos com isso dizer que, ao tentar relatar o retrocesso de seu país e de outros países, ela parece, na verdade, dizer algo de si, do retrocesso e da falta que ela vive.

É também interessante a ausência de hesitações no dizer da entrevistada até o momento em que ela começa a falar sobre o que a fez vir para o Brasil. A partir do momento em que começa a falar sobre o Brasil – no fragmento: “ese ha sido el motivo más principal... primordial (...) / o sea... es de que... es como decir en mi país no existe digamos / tanta... tanta pobreza digámoslo” –, a participante hesita por várias vezes, ao relatar a sua decepção com o país. As hesitações sugerem um certo desconforto em relatar ao hospedeiro (a pesquisadora) que ela se encontra decepcionada com o seu país e que não esperava encontrar tanta pobreza. No restante do recorte, ela apenas passa a justificar por que aqui há tanta pobreza e finaliza dizendo que se encanta com o Rio de Janeiro porque, segundo ela, não se vê muita pobreza. Essa comparação entre São Paulo e Rio de Janeiro é bastante recorrente no dizer dos participantes, bem como a representação de um lugar onde se vê pobreza (São Paulo) e outro desenvolvido economicamente (Rio de Janeiro).

Como se sabe, no que se refere ao desenvolvimento econômico, São Paulo é considerada a cidade mais desenvolvida do país. Nesse sentido, ao relatar a sua decepção com a sua ida a Europa e, em seguida, com a sua vinda ao Brasil e, mesmo assim, esperar um “desarrollo” no Rio de Janeiro, Nina sugere uma eterna busca de um lugar imaginário e/ou imaginado. O imigrante, como o compreendemos, é aquele que está sempre a buscar, a fantasiar, um lugar que não existe. A errância parece ser aquilo que lhe possibilita a busca da terra prometida, “desse país que não existe mas que ele [o imigrante] traz no seu sonho e que deve realmente ser chamado de um além” (KRISTEVA, 1998, p. 13). No dizer de Nina, talvez esse “desarrollo”, em que ela está sempre a “esbarrar”, represente esse lugar sonhado e/ou esperado.

Além disso, ao buscarmos possíveis interpretações para essa comparação entre São Paulo e Rio de Janeiro, no dizer dos participantes, compreendemos que isso provavelmente se dê em função da construção do imaginário social acerca do Brasil. O Rio de Janeiro é

representado como o lugar do samba, das pessoas felizes e bonitas, de lugares maravilhosos, ou seja, como um lugar fantasiado, “um além”, um paraíso.

Ainda a respeito desse lugar que o imigrante espera encontrar, vejamos o próximo recorte, da mesma entrevistada:

### **Recorte 25<sup>64</sup>**

**Nina:** (...) en mi país casi no hay muchos balnearios donde hay gran flujo de gente extranjera / y a mí me gusta estar con gente extranjera

**Pesquisadora:** por quê?

**Nina:** es que ese es mi ambiente / entonces yo me siento / o sea porque si ellos son los extranjeros / pues yo me siento más... como así... como si no estuviera ... no sé... como si fuese un pez en el agua / como si estuviera en mi casa / entonces...

**Pesquisadora:** Você gosta de ser estrangeira?

**Nina:** é... no gosto / yo ante todo soy tarijeña / soy boliviana / soy cat ... a ver soy / catalana / porque a veces exagero más en catalán / entonces y pues el extranjero por ejemplo aquí en Brasil / yo me siento orgullosa de ser extranjera porque... porque encuentro muchos... conozco muchos... hay personas que conocen mucho más / pero / bueno yo me siento orgullosa con todo lo que yo tengo de conocimiento / y me siento orgullosa de lo que soy

Observamos, inicialmente, no recorte 25, uma aparente necessidade, por parte da entrevistada, de subjetivar, “tornar ‘seu’ algo que antes era estranho” (FINK, 1998). Como podemos observar em fragmentos como “mi ambiente”, “yo me siento” e “me siento

---

<sup>64</sup> Tradução do recorte 25: **Nina:** (...) no meu país quase não tem muitos balneários onde tem grande fluxo de gente estrangeira / e eu gosto de estar com gente estrangeira. **Pesquisadora:** por quê? **Nina:** esse é o meu ambiente / então eu me sinto / ou seja porque se eles são estrangeiros / pois eu me sinto mais... como assim... como se não estivesse... não sei... como se fosse um peixe na água / como se estivesse em minha casa / então... **Pesquisadora:** você gosta de ser estrangeira? **Nina:** é... não gosto / eu antes de tudo sou tarijeña / sou boliviana / ... a ver sou / catalana / porque às vezes exagero mais no catalão / então e o estrangeiro por exemplo aqui no Brasil / eu me sinto orgulhosa de ser estrangeira porque... porque encontro muitos... conheço muitos... há pessoas que conhecem muito mais / mas / bem eu me sinto orgulhosa com tudo o que eu tenho de conhecimento / e também me sinto orgulhosa do que sou

más...”, Nina parece tentar colocar algo de si, algo dela para falar do lugar estrangeiro que ocupa e no qual diz gostar de estar.

Ao dizer que gosta de estar com estrangeiros, que esse é o seu ambiente, a entrevistada hesita por várias vezes no intuito de explicar porque se sente assim. No fragmento “o sea porque si ellos son los extranjeros / pues yo me siento más... como así... como si no estuviera ... no sé... como si fuese un pez en el agua / como si estuviera en mi casa / entonces...”, podemos observar vários retornos na cadeia enunciativa que apontam para essa tentativa de significar o sentimento de pertença que os estrangeiros lhe despertam.

É também bastante significativo o uso das expressões “como si fuese un pez en el agua”, bem como “como si estuviera en mi casa” que designam o seu ambiente, o lugar que ela habita e com que ela se identifica. Assim, o outro (os estrangeiros e o albergue) parece ser aquilo que lhe possibilita o sentimento de pertença, ao passo que ela se identifica, se vê no estranho, como se estivesse, de fato, em sua própria casa. Tanto que, ao ser instada a falar se gosta de ser estrangeira, durante todo o percurso da narrativa, ela busca fixar o seu lugar, a sua origem.

Interessa-nos, particularmente, nesta última parte do recorte, observar a maneira pela qual ela procura construir a sua identidade até chegar a conclusão de que se orgulha do que é. No fragmento “é... no gosto / yo ante todo soy tarijeña / soy boliviana / soy cat ... a ver soy / catalana / porque a veces exagero más en catalán”, Nina re-vela um certo apego às suas raízes, à sua origem, como se não quisesse perder a sua identidade. Interessa-nos, sobretudo, o papel que a língua ocupa na “manutenção” dessa identidade que não se quer perder. Conforme o fragmento supracitado, ao dizer-se tarijeña, boliviana e, por fim, assumir-se como catalana, o argumento que ela utiliza para justificar essa construção é o fato de exagerar mais no catalão quando se comunica. Assim, a língua parece ser aquilo que lhe garante uma sobre-vida em terra estrangeira. Portanto, o ambiente que ela ocupa, o seu ambiente é o lugar da e na língua que ela habita. Ao buscarmos possíveis interpretações para essa questão, lembramos das condições de produção de nossa pesquisa, no que se refere ao funcionamento das línguas-culturas que habitam o albergue onde foi realizado a

pesquisa. Conforme apontado no capítulo teórico-metodológico, a língua falada pelos acolhidos não é o português, mas o espanhol. Ao retomarmos essa questão, queremos dizer que a predominância do uso do espanhol dentro do albergue também reforça esse lugar de aconchego que Nina parece ocupar, uma vez que a sua língua dita materna é bastante utilizada no albergue e a participante não necessita esforçar-se para inscrever-se na língua-cultura do outro, estando no albergue.

No último trecho deste recorte “yo me siento orgullosa de ser extranjera porque... porque encuentro muchos... conozco muchos... hay personas que conocen mucho más / pero / bueno yo me siento orgullosa con todo lo que yo tengo de conocimiento / y me siento orgullosa de lo que soy”, ao buscar justificativas para esse sentimento (o orgulho de si), a participante hesita bastante e por várias vezes utiliza-se do advérbio de quantidade “muchos”. No entanto, ao dizer que encontra muitos, conhece muitos, que há pessoas que conhecem muito mais, a entrevistada não diz o que se encontra, o que se conhece. Estaria Nina orgulhosa de encontrar muitos e conhecer muitos estrangeiros como ela? Ela não conclui. Para melhor compreendermos essa passagem, retomamos alguns apontamentos de Kristeva, acerca do estrangeiro. Segundo a psicanalista,

o estrangeiro fortifica-se com esse intervalo que o separa dos outros e de si mesmo, dando-lhe um sentimento altivo, não por estar de posse da verdade, mas por relativizar a si próprio e aos demais, quando estes encontram-se nas garras da rotina da monovalência. Os outros talvez possuam coisas, mas o estrangeiro sabe que ele é o único a ter uma biografia, isto é, uma vida feita de provas (KRISTEVA, 1994, p. 14).

A partir disso, compreendemos que, no dizer de Nina, esse “orgulho” de ser o que é se relaciona a esse intervalo que a separa dos outros e de si. O fato de ser estrangeira parece-lhe conferir esse lugar de conhecimento, de distanciamento, possibilitando-lhe “viver o outro” e a si própria. Para melhor compreendermos essa questão, retomamos um outro momento de sua entrevista, quando ela nos confessa sua vontade de escrever um livro sobre as suas “aventuras”, dizendo: “te aseguro que yo ... qué sé yo en mis aventuras que voy a escribir íntegra”. A partir do recorte e relato supracitados, compreendemos que, ainda que a participante se queixe do retrocesso e da pobreza que tem visto e vivido, a errância também parece ser encarada com um meio de se auto-biografar, de deixar algo de si.

Para reforçar algumas das questões problematizadas a partir da entrevista de Nina, trazemos, na sequência, um recorte extraído do relato de Beatriz, no qual ela nos conta suas impressões sobre o povo brasileiro. Vejamos:

### **Recorte 26<sup>65</sup>**

**Beatriz:** (...) pero de allí la gente [aponta para a rua]... la que está en la calle / son gente muy // yo digo que son gente fría / ¿por qué? / porque sólo pasa / van al trabajo a casa al trabajo a casa / pasan pasan pasan / caminan súper-rápido y no se fijan en otras cosas / solamente van a una meta / van directo al trabajo o a su casa / eso / frío / porque no escuchan mucha música en la calle / muchos dicen que en Río hacen más... es más alegre... es mucho más alegre / acá no // es mucho más callado / pero más robótico dicen

Antes desta parte de seu relato, Beatriz nos contava as suas impressões acerca daqueles que se encontravam dentro da casa de passagem que, segundo ela, são pessoas amáveis e que procuram entender o imigrante. Logo em seguida, ao falar daqueles que se encontram do lado de fora do albergue, a participante parece encontrar um certo estranhamento nesse contato. É interessante o fato de caracterizá-los como “a gente que está na rua” (“la que está en la calle”), como também gesticular e apontar para o lado de fora do albergue, no momento da entrevista. A rua remete ao desconhecido, ao estranho, ao que está “fora” do ambiente em que vive. No trecho “yo digo que son gente fría”, o adjetivo “frio”, assim como o espaço da rua, também aponta para esse estranhamento diante do outro. Além disso, é também significativo o modo como justifica o fato de dizer que as pessoas da rua são frias.

No fragmento “porque sólo pasa / van al trabajo a casa al trabajo a casa / pasan pasan pasan / caminan súper-rápido y no se fijan en otras cosas / solamente van a una meta / van directo al trabajo o a su casa / eso / frío”, observamos a repetição do verbo “pasar”

---

<sup>65</sup> Tradução do recorte 26: **Beatriz:** (...) mas de ali as pessoas [aponta para a rua]... as que estão na rua / são gente muito // eu digo que são gente fria / por quê? / porque só passam / vão do trabalho pra casa do trabalho pra casa / passam passam passam / caminham super rápido e não se fixam em outras coisas / somente vão em uma meta / vão direto ao trabalho ou para casa / isso / frio / porque não escutam muito música na rua / muitos dizem que no Rio fazem mais... é mais alegre... é muito mais alegre / aqui não // é muito mais calado / mas mais robótico dizem



(passar) e o uso do verbo “fixarse” (fixar-se), bem como o próprio incomodo que ela sente com esse “passar” e “não fixar”. Ao interpretarmos esse “incomodo” que ela sente, compreendemos que, ao falar do outro, daquele que se encontra do lado de fora, Beatriz aponte para um lado de dentro, para um falar de si.

Para pensarmos essa questão, lembramos que o imigrante é, por vezes, compreendido como “errante”, aquele que vaga sem destino, que está de passagem, ou seja, que não se fixa. Curiosamente, estando no albergue, eles são, por vezes, nomeados como “passantes”, haja vista a própria designação do albergue como “casa de passagem”. Assim sendo, compreendemos que esse incômodo que ela sente se dê possivelmente pelo fato de Beatriz se ver no outro, naquilo que o outro lhe desperta e que já se encontra marcado nela, uma vez que ela é uma passante, alguém que não se fixa, que passa sem deixar rastros.

Na sequência do relato, temos, mais uma vez, uma comparação entre São Paulo e Rio de Janeiro, conforme o fragmento “muchos dicen que en Río hacen más... es más alegre... es mucho más alegre / acá no // es mucho más callado”. Assim como no recorte 24, o Rio de Janeiro parece ser representado como um lugar sonhado e/ou imaginado pela imigrante, como um “além” que se espera encontrar. No recorte 27, por sua vez, o Brasil é representado como um lugar hospitaleiro. A esse respeito, vejamos:

### **Recorte 27**

**Roberto:** aí depois do terremoto non conseguí trabalho / vem pra cá pro Bra... eu não vem direito [direto] pro Brasil / saí do meu país / eu acho que quando a gente saí de lá vai pro outro país vai ter outra coisa / aí a gente vi que o povo brasi... que o povo do Brasil é um povo / que non tem racista / é bom / é um povo acolhido / a gente vem pra cá no Brasil e ficar aqui no Brasil

**Pesquisadora:** e porque você escolheu o Brasil e não outro país?

**Roberto:** o Brasil? / eu já te falo / porque o Brasil é um povo hospitaleiro / é um povo que é bom / tem muito trabalho aqui no Brasil pra gente faz também / mas a gente não ganha muito mas ganha pouco mas é bom também / que no ganha nada que non tem nada né? / é bom

Note-se que, ao relatar o motivo de sua vinda ao Brasil, Roberto ora se coloca como parte do grupo de haitianos e/ou imigrantes, ora como fora deste grupo. No trecho “eu acho que quando a gente sai de lá vai pro outro país vai ter outra coisa / aí a gente vi que o povo brasi... que o povo do Brasil é um povo / que non tem racista / é bom / é um povo acolhido / a gente vem pra cá no Brasil e ficar aqui no Brasil”, por três vezes o participante utiliza o pronome “a gente” que parece lhe conferir o lugar daquele que fala em nome do grupo, como um representante.

Outro fato, que consideramos relevante, é a justificativa para a sua vinda, ou a vinda dos haitianos, para o Brasil. Conforme trecho supracitado, o povo brasileiro é representado como aquele que não é racista e como um povo acolhedor. Em outros momentos da entrevista, Roberto sempre traz para o seu dizer o fato de ter sofrido racismo no país que emigrou após a sua saída do Haiti. Nesse sentido, a imagem do Brasil parece estar atrelada a um lugar possível para esses corpos transitarem e serem, de fato, abrigados e/ou acolhidos.

No entanto, na sequência do recorte, chama a atenção uma certa queixa, em seu dizer, a respeito do Brasil. No trecho “eu já te falo / porque o Brasil é um povo hospitaleiro / é um povo que é bom / tem muito trabalho aqui no Brasil pra gente faz também / mas a gente não ganha muito... mas ganha pouco... mas é bom também”, Roberto começa a sua fala utilizando o pronome pessoal na primeira pessoa do singular (“eu já te falo”), mas, logo em seguida, volta a utilizar “a gente”. Não somente neste, mas em outros momentos da entrevista, o uso do pronome “a gente” é bastante recorrente no dizer de Roberto. A partir de nosso gesto de leitura, compreendemos que a presença desse pronome sugere uma busca por legitimação daquilo que se diz, uma vez que se fala em nome de um grupo. Queremos com isso observar que, o fato de dizer “pra gente” e “mas a gente não ganha muito”, ao invés de dizer “pra mim” ou “mas eu não ganho muito”, reforça o seu argumento. Tanto que, num outro momento, o participante comenta que gostaria que a sua mensagem chegasse à presidenta do Brasil, Dilma Rouseff. Nesse sentido, ao trazer essa coletividade para o seu dizer, Roberto parece buscar ocupar esse lugar de porta voz, daquele que representa o seu grupo.

Chama também à atenção o fato de que, ainda que ele procure marcar sua satisfação com o povo brasileiro, caracterizando-o como “povo hospitaleiro” e “um povo que é bom”, a repetição da conjunção adversativa “mas”, na sequência de sua fala, sugere um certo descontentamento do participante com o país. As marcas das hesitações, nesse momento de sua fala, revelam que, mesmo que ele procure deixar essa queixa, ao hesitar e dizer “mas é bom também”, isso aponta para uma certa intimidação em queixar-se da terra prometida para aquele que representa o hospedeiro (a pesquisadora). Roberto parece procurar suavizar a sua queixa, quando ele poderia dizer que ganha pouco, ao invés de dizer que não ganha muito, por exemplo. Isso nos faz pensar sobre o funcionamento das línguas-culturas que o habitam, bem como as suas possibilidades e os seus limites.

Ao retomarmos os recortes 24, de Nina, e o recorte 26, de Beatriz, por exemplo, parece-nos não haver essa preocupação em suavizar a queixa e/ou o incômodo com o Brasil. Tanto que Nina é uma das únicas entrevistadas a falar abertamente sobre a pobreza que vê e que vive, estando no Brasil. Ao buscarmos algumas interpretações possíveis para essa questão, observamos que as entrevistas de Nina e Beatriz foram feitas em espanhol e a de Roberto em português. Assim, talvez o fato de a entrevista ter sido feita na língua (dita) materna das entrevistadas possibilite um lugar de conforto para falar sobre a terra de quem as hospeda. No caso de Roberto, pelo contrário, o fato de falar na língua-cultura do outro, de habitar a língua-cultura do hospedeiro, talvez lhe imponha limites entre o que se quer e o que se pode dizer – o que vem a reforçar as hesitações e a maneira pela qual ele busca suavizar o que diz.

#### **4.2. O corpo errante**

Nesta seção, objetivamos trazer para discussão uma seleção de recortes que aponta para a construção identitária do imigrante na sua relação com o olhar do outro, sobretudo daquele que o hospeda. No primeiro recorte, apresentamos parte do relato de Sílvia, uma boliviana que, na época da entrevista, tinha 42 anos e estava no Brasil havia 3 anos. Vejamos:

### Recorte 28<sup>66</sup>

**Sílvia:** ellos me han dicho.../ porqué no tengo documentos para ver cómo puedo salir de acá / pero eso es lo que yo quiero y estoy pensando / pedir una vía que tenga documentos / demostrar lo que tengo / alguna cosa tienes que tener para mostrar antecedente / que no estamos escapando de nuestro país para ocultarnos aquí / eso es lo que piensa en Brasil la gente o no... pero como yo le digo ... te voy a demostrar con lo que tengo inocencia en mi país / y tengo para mi hija el apoyo / una vez que tengo el documento / porque lo único que me falta ahora es los antecedentes / y con eso puedo demostrar que todo es verdad

Antes de discutir o recorte supracitado, gostaríamos de tecer alguns comentários sobre a história de vida da participante. Sílvia é uma boliviana que veio para o Brasil através do chamado “tráfico de pessoas”, que tem por objetivo emigrar pessoas ilegalmente. Numa parte de seu relato, Sílvia nos contou que lhe prometeram um emprego e uma vida melhor no Brasil e que, ao chegar ao país, foi obrigada a trabalhar em uma oficina de costura irregular na cidade de São Paulo. A maioria das oficinas de costura irregular está localizada na região do Brás, um bairro na cidade de São Paulo que é conhecido pela presença massiva de latino-americanos e italianos que trabalham na região. Na busca por melhores condições de vida, muitos imigrantes se sujeitam a trabalhar em oficinas de costura, como é o caso de Sílvia. As oficinas de costura funcionam irregularmente pelo fato de oferecem precárias condições de trabalho, tais como a falta de registro dos trabalhadores, escalas de trabalho sobrecarregadas e pagamento bem abaixo da média de mercado.

Ao retomarmos o recorte da participante, consideramos significativa a repetição dos verbos “mostrar” e “demostrar”, conforme os trechos “demostrar lo que tengo”, “mostrar antecedente”, “te voy a demostrar con lo que tengo inocencia en mi país” e “y con eso

---

<sup>66</sup> Tradução do recorte 28: **Sílvia:** eles me disseram... / porque não tenho documentos para ver como posso sair daqui / mas isso é o que quero e estou pensando / pedir uma via que tenha documentos / demonstrar o que tenho / alguma coisa tem que ter para mostrar os antecedentes / que não estamos escapando de nosso país para escondermos aqui / isso é o que se pensa no Brasil as pessoas ou não... mas como eu te digo... vou te mostrar que tenho inocência no meu país / e tenho o apoio da minha filha / uma vez que tenho o documento / porque o único que falta agora é o de antecedentes / e com isso posso provar que tudo isso é verdade

puedo demostrar que todo es verdad”. Interessa-nos, sobretudo, o papel da escrita na legitimação daquilo que se diz ou se busca provar. Não somente na entrevista de Sílvia, mas na de outros participantes, a questão da documentação e da chamada “legalidade” é bastante recorrente no dizer dos entrevistados. Lembramo-nos da entrevista de Miguel, por exemplo, na qual o entrevistado segurava e nos mostrava papéis com a sua documentação, durante todo o decorrer da entrevista.

Ainda que em nenhum momento os participantes de nossa pesquisa tenham sido instados a falar sobre a sua situação documental e/ou política no país, é muito interessante o fato de trazerem para o seu dizer essa questão, como se fossem acusados que devem provar a sua inocência àquele que os hospeda. A partir do dizer de Sílvia, visualizamos essa questão quando a participante nos promete provar que é inocente, como se tivesse sido acusada de algo, conforme fragmento “te voy a demostrar con lo que tengo inocencia en mi país”. Ao nos fazer essa promessa, a participante também parece reconhecer que somente o fato de dizer-se inocente não é o suficiente, mas que só após obter a documentação poderá ser “absolvida”, deixando de ser acusada. Para entender o funcionamento da documentação, ou melhor, da escrita, em seu dizer, retomamos algumas considerações de Coracini (2011, p. 27), que afirma que “a passagem para a escrita veio abrir uma fenda na certeza da verdade promovida pela oralidade”. Nesse sentido, a escrita é aquilo que produz o efeito de verdade inquestionável. No dizer de Sílvia, podemos observar que a oralidade, o fato de dizer-se inocente, não lhe dá garantias de ser portadora da “verdade”. Assim, a documentação é, portanto, o instrumento que lhe confere o acesso à dita “verdade”, à credibilidade, àquilo que “prova”, “demonstra” e “mostra” a sua inocência ao hospedeiro. Ou seja, aquilo que, a partir do outro (hospedeiro), o legitima, o “aceita” (ainda que ilusoriamente), permitindo-lhe circular e deslocar-se no território do outro.

Além dessas questões, no próximo recorte, trazemos uma discussão acerca do estranhamento que o corpo imigrante causa no outro. A esse respeito, vejamos parte do relato de Daniel, um angolano que, na época da entrevista, tinha 32 anos e estava no Brasil havia 7 meses:

## Recorte 29

**Daniel:** (...) me... os brasileiros comporta mil leituras / tem uns que gOSta de todo mundo / tem uns já... a maioria aqui são // tão vendo nós somos outra coisa não é? / e pra mim / eu não vou dizer que pra todos / mas pra mim / eu já encontrou muitas pessoa // bom eu não sei se é por minha cicatriz / eu não sei / elas me tratam um jeito que // que eu não gostou / nem é todos

**Pesquisadora:** quem? / os brasileiros te trataram desse jeito?

**Daniel:** sim / mesmo depois / às vezes assim / se eu... se eu pego o ônibus / amanhã por exemplo que eu pega ônibus / tô vendo que outras pessoa esconde a bolsa / desencosta [imita as pessoas se afastando] / eu fico preocupado eu fico triste / depois quando eu pego o metrô / mesmo assim se o metrô tá lotado / se eu me... se eu entra assim / todo mundo desencosta / e deixa lugar / aí eu fico triste / eu não sei

**Pesquisadora:** e por que você acha que as pessoas fazem isso?

**Daniel:** eu não sei / às vezes eu só acho que é mesmo a cicatriz / aí eu fico triste / um dia mesmo eu fui lá na Cáritas chorando / cheguei lá falando que... / se eles pode me ajudar com a...a fazer a cirurgia / eu acho que se eu operar a cirurgia / minha vida vai ser mais // mais fácil

No trecho “os brasileiros comporta mil leituras / tem uns que gOSta de todo mundo / tem uns já... a maioria aqui são // tão vendo nós somos outra coisa não é?”, é interessante o uso do verbo “comportar”, como também o fato de sua opinião sobre os brasileiros ser compreendida como uma leitura. “Comportar” significa portar em si ou portar consigo, “com-portar”. Ao dizer que os brasileiros comportam mil leituras, que podem ser interpretados de várias maneiras, Daniel parece dividi-los em apenas dois grupos. Ao dizer “tem uns que gOSta de todo mundo / tem uns já...”, o entrevistado apenas denomina o primeiro grupo e, ao falar do segundo, não conclui e aponta para uma generalização, conforme fragmento “a maioria aqui são”. O fato de dizer que há alguns que gostam de todo mundo abre a possibilidade de sentido para que o segundo grupo seja aquele que não

gosta de “todo mundo”. No entanto, Daniel não o diz e, na sequência, passa a falar de um terceiro grupo, o que parece ser aquele ao qual pertence.

Que ele diga “nós somos outra coisa né?” sugere uma comparação entre o seu grupo e “todo mundo”, como se houvesse aqueles que gostassem de todo mundo e aqueles que não gostassem do que ele e seu grupo são, do que “nós somos”. Além disso, é significativo o fato de ele dizer que eles são “outra coisa”. O uso desse substantivo, “coisa”, aponta para uma (im)possibilidade de designar-se, de dizer-se. Ora, se eles são uma “outra coisa”, que coisa seria? Além disso, o uso do adjetivo “outra” sugere uma marcação da diferença, daquilo que os separa dos brasileiros ou de “todo mundo”, mas que, mesmo assim, não consegue designar, significar. Também chama a atenção o tom retórico com que o participante formula a pergunta supracitada. Que ele finalize a pergunta dizendo “não é?”, buscando uma confirmação da pesquisadora, sugere que aquilo que diz já é algo pressuposto, como se a pesquisadora também soubesse e concordasse com o que afirma e/ou pergunta, algo que ele pressupõe já sabido.

Na sequência do recorte, ao passar a falar na primeira pessoa do singular, ao invés da primeira do plural, Daniel parece buscar deixar algo de si, da sua leitura acerca dos brasileiros, conforme se observa na repetição do dizer “pra mim”. Ao expor a sua leitura, observamos as várias pausas no seu dizer ao relatar que não gostou da maneira com que foi tratado. As pausas revelam uma certa cautela do participante, com o que diz, como uma maneira de apreender os sentidos, de não se deixar trair, tanto que, ainda que ele tenha dito que não gosta da maneira como é tratado, ele procura suavizar, amenizar essa reclamação, conforme trecho “nem é todos”.

Essa busca por uma suavização no dizer remete ao recorte 29, no qual buscamos problematizar os limites e as possibilidades da/na língua. O Congo, país de origem de Daniel, é um país que foi colonizado por Portugal e que tem como língua oficial o português, assim como o Brasil. No entanto, ainda que ambos os países tenham supostamente a mesma língua, se retomarmos os pressupostos teóricos que balizam nossa dissertação, lembramos que língua é sempre cultura e que, portanto, Congo e Brasil falam

línguas-culturas diferentes. No dizer de Daniel, percebemos alguns atravessamentos da língua-cultura brasileira, em trechos como “não é?”, “tô vendo” e “tá lotado”. Queremos com isso dizer que a inscrição na língua-cultura brasileira faça com que o entrevistado se sinta intimidado ao falar na e da língua-cultura do outro e para quem representa o hospedeiro (a pesquisadora) que não gostou da maneira com que foi tratado pelos brasileiros, uma vez que ele busca amenizar a sua reclamação para não ferir quem o hospeda.

Em seguida, ao falar sobre como os brasileiros o tratam, é interessante o fato de Daniel utilizar o presente do indicativo para narrar fatos passados. No trecho “se eu... se eu pego o ônibus / amanhã por exemplo que eu pega ônibus / tô vendo que outras pessoa esconde a bolsa / desencosta”, observamos o uso do tempo verbal presente do indicativo para contar algo que, provavelmente, já lhe tenha acontecido e que ele também prevê que lhe acontecerá no futuro (“amanhã por exemplo”). Que ele não utilize o passado simples para falar que isso já aconteceu, nem o futuro do presente para dizer que isso lhe acontecerá, mas o presente do indicativo, aponta para algo que o participante vivencia a todo instante. O presente do indicativo remete a hábitos, a ações repetidas, a atividades rotineiras. Além disso, no trecho supracitado, também foi-nos possível visualizar o uso do gerúndio (“tô vendo”) que produz o efeito de sentido de contemporaneidade da ação. Assim, as marcas desse tempo e modo verbal, na materialidade linguística, sugerem que essa situação, a de exclusão, é algo latente, algo que ele vive diariamente.

O corpo de Daniel, sobretudo a sua cicatriz, parece ser aquilo que o exclui, marcando a diferença na relação com o outro. Para melhor compreender essa questão, gostaríamos de retomar algumas considerações de Nasio acerca do corpo e da construção identitária do sujeito. Segundo Nasio (2009), o corpo é um dos significantes que baliza e determina a realidade do sujeito. Ainda segundo o autor, algumas marcas corporais marcam o sujeito de modo a construí-los simbolicamente. A cicatriz de Daniel parece ser aquilo que o marca de tal maneira que lhe causa mal-estar, como podemos observar no trecho “eu fico preocupado eu fico triste”. No entanto, esse mal-estar só é causado a partir do outro, do



estranhamento provocado no outro e que, ao ser envergado, dobrado, passa a constituí-lo, causando-lhe preocupação e tristeza.

No fragmento “eu não sei / às vezes eu só acho que é mesmo a cicatriz”, que ele diga que às vezes ele pensa que as pessoas o tratam assim devido à sua cicatriz, sugere que, em outro momento, talvez ele não pense dessa maneira, ou melhor, que não atribua esse tratamento somente à cicatriz. Daniel é negro, mas em nenhum momento da entrevista ele se diz negro, tampouco que tenha sido vítima de algum tipo de preconceito em função da sua cor. Como já pontuamos anteriormente, o Brasil é representado, no dizer dos entrevistados, como um país hospitaleiro, de pessoas boas, um lugar onde não há racismo, onde o corpo do imigrante é aceito. A esse respeito, do estranhamento que o corpo imigrante causa, Kristeva (1994, p. 11) afirma que “a sua singularidade [a do estrangeiro] impressiona: esses olhos, esses lábios, essas faces, essa pele diferente das outras o destacam e lembram que ali existe alguém”. Assim, o rosto do estrangeiro vem nos perturbar, nos des-figurar, pois ele nos coloca diante de nós mesmos. Ainda a respeito dessa perturbação, vejamos o próximo recorte:

### **Recorte 30<sup>67</sup>**

**Beatriz:** (...) una fiesta boliviana y una misa boliviana a la que asistí con una amiga boliviana / a ella la aceptaron / pero a mí no / a mí no me aceptaron por el hecho de no ser boliviana / pero soy latina / tengo todo el aspecto de latina / pero no me aceptaron // solamente por el hecho de no pertenecer a su etnia / a su casa / a no ser de su mismo país / entonces / eso es discriminación discriminación absoluta / que cuando debería o no debería existir /

---

<sup>67</sup>Tradução do recorte 30: **Beatriz:** (...) uma festa boliviana e uma missa boliviana que eu assisti com uma amiga boliviana / a ela aceitaram / mas a mim não / não me aceitaram pelo fato de não ser boliviana / mas sou latina / tenho todo o aspecto de latina / mas não me aceitaram // somente pelo fato de não pertencer à sua etnia / à sua casa / por não ser de seu mesmo país / então / isso é discriminação absoluta / quando deveria ou não deveria existir / mais que tudo na América Latina quando os latino-americanos se queixam quando seus compatriotas são discriminados na Europa / nos Estados Unidos e eles... quando existe a discriminação também na América Latina (...) **Pesquisadora:** por quê você pensa que foi discriminada? **Beatriz:** porque a forma como me olharam / não somente por exemplo / fui com uma amiga / a boliviana / e ela cumprimentava e as pessoas / os bolivianos / a cumprimentavam também mas se eu os cumprimentava não me cumprimentavam / e me olhavam mal / como dizendo e pensando “o que ela faz aqui se não é boliviana?” // eu senti claro / essa olhada não me disseram / mas vi diretamente em seus olhos

más que todo en Latinoamérica cuando los latinoamericanos se quejan de cuando sus compatriotas son discriminados en Europa / en los Estados Unidos y ellos... cuando existe la discriminación también en Latinoamérica / (...)

**Pesquisadora:** ¿Por qué piensas que fue discriminada?

**Beatriz:** porqué la forma como me miraron / no solamente por ejemplo / iba con una amiga / la boliviana / y ella saludaba y la gente / los bolivianos / la saludaban también pero si yo los saludaba no me saludaban / y me miraban mal / como diciendo y pensando “qué hace ella aquí si no es boliviana”// yo sentí claro / esa mirada no me lo dijeron / pero lo vi directamente en los ojos

No recorte 30, Beatriz aponta para uma contradição: o fato de latino-americanos não aceitarem a discriminação, mas discriminarem, ao mesmo tempo. No entanto, a própria generalização em “latinoamérica” torna também a discriminação generalizável, como se todos aqueles pertencentes à América Latina agissem da mesma maneira, embora ela diga que tenha sido vítima de discriminação apenas por um grupo de bolivianos.

Além disso, é bastante significativa a questão do corpo e do olhar na construção identitária da entrevistada. No trecho “soy latina / tengo todo el aspecto de latina / pero no me aceptaron // solamente por el hecho de no pertenecer a su etnia / a su casa”, a representação de si é construída a partir da imagem que a participante tem de seu corpo. Ao dizer-se latina e que tem todo o aspecto de latina, Beatriz parece se identificar com o grupo de latinoamericanos, ao passo que ela se vê e se insere no grupo. É interessante também o fato de colocar “etnia” e “casa” como sinônimos. Entendemos que corpo e língua, o que temos chamado de corpo-língua(gem), são essa casa, esse território que nunca abandona o sujeito. Assim, ao colocar “etnia” e “casa” em um mesmo patamar, Beatriz remete a essa casa, esse território que o sujeito leva aonde quer que vá, como um território de si, nas palavras de Derrida (2003, p. 81): “um chez-soi móvel”.

No trecho “porqué la forma como me miraron”, chama a atenção o uso do verbo “mirarse”. Além de convocar os sentidos de “olhar”, “observar”, este verbo também produz o efeito de sentido de “apontar”, de “mirar”, como se o corpo de Beatriz fosse um alvo. Na finalização do recorte, no fragmento “yo sentí claro / esa mirada no me lo dijeron / pero lo

vi directamente en los ojos”, é relevante o fato de, ainda que não tenham lhe dito nada, ela tenha sentido, lido em seus olhos que não era aceita. Uma vez que o sujeito se constrói no e pelo olhar do outro, conforme já pontuado, o olhar para esse corpo parece ser aquilo que o marca como estranho, como diferente dos demais, aquilo que o constrói como estrangeiro.

O que causa estranhamento no dizer de Beatriz é o fato de ela não se ver ou não querer se ver como americana, mas dizer-se latina. Acerca dessa questão, Kristeva (1994, p. 100) afirma que “o estrangeiro se define principalmente segundo dois regimes jurídicos: *jus solis* e *jus sanguinis*, o direito segundo a terra e o direito segundo o sangue”. Ao retomarmos a história de Beatriz, lembramos que ela é filha de um mexicano e uma brasileira, latinoamericanos. Assim, talvez ela não se veja, ou não queira se ver, como americana, devido aos laços de sangue que parecem lhe conferir a pertença ao grupo de latino-americanos.

### **4.3. Mal estar na e da hospitalidade**

Na última seção, deste capítulo, apresentamos alguns recortes que permitirão discutir a questão do mal-estar no processo migratório. Antes de prosseguirmos para a apresentação dos resultados de análise, consideramos importante tecer algumas breves considerações a respeito do modo como compreendemos o mal-estar. A partir de Freud ([1930] 2010), compreendemos que, apesar de todos os avanços tecnocientíficos, no processo civilizatório, o homem não se tornou mais feliz. Ainda que o sujeito busque uma eterna satisfação para o seu prazer, tal satisfação é impossível de ser realizada, um vez que “a civilização é construída sobre a renúncia instintual” (FREUD, [1930] 2010, p. 60), que pressupõe justamente a não satisfação, o mal-estar.

Para começar a abordar essa questão no contexto migratório, trazemos, em nosso primeiro recorte, parte do relato de Miguel. Vejamos:

#### **Recorte 31**

**Pesquisadora:** e como você se sente aqui no Brasil?

**Miguel:** por enquanto me sinto e... // para ser franco sinceramente sinto una incertitumbre total... totalmente sem rumo // porque eu não sei o que vai acontecer comigo ainda sabe? / é algo imprevisible que nunca hay acontecido en mi vida sabe? / mas tarde amanhã sabe? / son vários fatores que estoy así... con respeto a tener una vida MÁS legal / legal digo assim através de:... / de la ley brasileira / de poder ficar legal no país

Algo que nos interessou no dizer de Miguel, desde o momento da entrevista, é a forte presença da língua dita materna nos momentos em que ele fala de si. Neste recorte, observamos que, no início de sua fala, ele utiliza o português (“por enquanto me sinto e...”), mas, na sequência, ele hesita, faz uma pausa, e o espanhol passa a marcar a sua fala, conforme o trecho “é algo imprevisible que nunca hay acontecido en mi vida sabe? / mas tarde amanhã sabe? / son vários fatores que estoy así... con respeto a tener una vida MÁS legal”. É significativa também a escolha lexical na língua espanhola para tentar descrever o que sente, conforme o uso dos vocábulos “incertitumbre” e “imprevisible”. Essas passagens da língua dita estrangeira para a chamada materna apontam para as possibilidades e os limites do que pode ser dito em ambas as línguas. No dizer de Miguel, a língua dita materna parece conferir ao sujeito um espaço no qual ele pode apresentar-se como é, se (des)nudar, um lugar no e pelo qual ele pode deixar algo de si. Tanto é verdade que, ao iniciar a sua resposta, Miguel diz, pleonasticamente, “para ser franco sinceramente” e, em seguida, a língua dita materna irrompe em seu dizer. Assim, a franqueza parece ser uma das possibilidades na e da língua materna e, em contrapartida, talvez a língua dita estrangeira sugira uma certa falsidade.

A questão das incertezas e imprevisibilidades é bastante recorrente no dizer dos participantes. Conforme já apontado, na errância (pós-)moderna os sujeitos migrantes se constroem numa antinomia: serem livres e errantes ao mesmo tempo. Isso parece reverberar num mal-estar, uma vez que eles têm que se determinar por eles mesmos, pois, ainda que se propale uma certa facilidade em cruzar fronteiras, eles não sabem para onde ir ou o que fazer com essa pseudo-liberdade que lhes foi/é colocada.

No fragmento “con respeto a tener una vida MÁS legal / legal digo assim através de:... / de la ley brasileira / de poder ficar legal no país”, a questão da documentação

reaparece como aquilo que traz ao sujeito migrante uma certa segurança, “um rumo”, ou como uma insegurança, quando não se tem a documentação. No fragmento supracitado, é também significativa a tentativa do entrevistado de capturar os sentidos daquilo que diz, pois, ainda que ele diga que espera ter uma vida legal, reforçando os sentidos de “dentro das leis brasileiras”, o uso desse adjetivo também possibilita o efeito de sentido de uma vida melhor, uma vez que ele diz ter seu destino incerto, imprevisível.

No próximo recorte, trazemos parte do relato de Vinícius, onde ele também nos conta sobre a angústia no processo migratório. Vejamos:

### **Recorte 32**

**Pesquisadora:** e como é viver aqui na casa?

**Vinícius:** (...) eu cheguei aqui enfermo estava sozinho estava / muy depri... muy deprimido / depois... depois empecé a trabalhar y todo hay mejorado e me curei ya / muito bom / la en Colômbia eu morou em um lugar que é muy quente muito calor / entonces quando eu viajei para cá el cambio de clima / muy diferente / el cambio de clima afetou / enton... fiquei enfermo mas agora to bom

**Pesquisadora:** e você tem contato com a sua família?

**Vinícius:** eu tenho eu falo con eles

**Pesquisadora:** e eles sabem que você está aqui?

**Vinícius:** no / ellos no sabem [faz sinal com as mãos para não falar mais/ acabar a entrevista]

No trecho “depois empecé a trabalhar y todo hay mejorado e me curei ya”, ao buscar uma “lógica” para narrar a sequencia de eventos da sua chegada ao Brasil, é relevante o fato de Vinícius dizer que, após ter começado a trabalhar, sua vida melhorou. O trabalho é representado, no dizer do participante, como uma cura. Compreendemos que, para o imigrante, o trabalho é aquilo que lhe possibilita afirmar-se, “como se fosse ele a terra eleita, a única fonte de sucesso possível e, sobretudo, a qualidade pessoal inalterável, intransferível, mas transportável para além das fronteiras e das propriedades” (KRISTEVA, 1994, p. 25). Nesse sentido, o trabalho é um meio no/pelo qual o sujeito migrante se constrói, se (re)conhece.

Na sequência do recorte, chama a atenção o fato de Vinícius trazer a questão da mudança de clima para justificar a sua depressão. No trecho “la en Colômbia eu morou em um lugar que é muy quente muito calor / entonces quando eu viajei para cá el cambio de clima / muy diferente”, o uso do adjetivo “quente” remete ao uso do adjetivo “frio” no recorte 26, já analisado. Este adjetivo, além de descrever as condições climáticas de seu país de origem, também sugere a própria familiaridade da terra natal, do aconchego, ao passo que também sugere o estranhamento com o território do outro.

Por fim, interessa-nos, sobretudo, a maneira pela qual Vinícius encerra a entrevista. Conforme exposto, o entrevistado é imigrante refugiado e emigrou para o Brasil pelo fato de estar correndo risco de vida em seu país de origem. Que ele finalize o seu relato, após ser instado a falar sobre os seus pais, aponta para um mal-estar provocado por e nessas memórias que ele traz para o seu dizer. Isso nos remete as considerações de Derrida (2001) sobre o mal de arquivo. Conforme capítulo teórico, o arquivo relaciona-se a um por-vir, aquilo que coloca em questão a chegada do futuro. No dizer de Vinícius, o fato de ele interromper o relato aponta para um mal-estar que essas memórias parecem lhe causar, mas não na sua relação com um passado, mas ao presente e ao próprio futuro, a uma perturbação do futuro, do que pode acontecer na sua vida, a partir da retomada dessas memórias.

Essa perturbação também aparece no recorte 33. A esse respeito, vejamos:

### **Recorte 33**

**Daniel:** (...) às vezes eu penso que eu não quero viver mais // eu posso dizer // lá em Angola vou dizer que eu tenho... vou dizer que eu não tenho família / porque a família do sangue não tem mais / era só nós três e duas foi embora / aí eu tá sozinho / tenho mas não é do sangue / são meus sobrinhos / não é do sangue / às vezes eu penso nisso aqui eu quero se matar (...)

Após o assassinato do seu pai, Daniel começou a ser ameaçado de morte e veio para o Brasil em busca de asilo. Passados alguns meses de sua estada no país, Daniel teve a notícia de que suas duas irmãs também haviam sido assassinadas. Posto isso, atentamos para a relevância da questão dos laços de sangue, no dizer de Daniel. No fragmento “lá em Angola vou dizer que eu tenho... vou dizer que eu não tenho família / porque a família do

sangue não tem mais”, é interessante a reformulação no dizer do entrevistado, ao dizer, primeiramente, que tem, mas, em seguida, dizer que não tem família em sua terra natal. Ao justificar o fato de não ter família em seu país de origem, é significativa a representação de família, como “do sangue”, bem como a repetição desse argumento durante todo o recorte.

Para compreendermos a questão dos laços de sangue, no dizer de Daniel, retomamos os estudos de Derrida acerca da pertença. Derrida ([1996] 2001) afirma que há três tipos de nascimento: o nascimento pelo solo, o nascimento pelo sangue e o nascimento pela língua. Ao deslocarmos essas considerações para o contexto migratório, compreendemos que o sangue, assim como o território e a língua, são aquilo que parece conferir ao sujeito migrante o sentimento de pertença. No dizer de Daniel, a morte desse laço, ou melhor, a lembrança da ausência desse laço faz com que ele não queira viver mais, como podemos notar no trecho “às vezes eu penso nisso aqui eu quero se matar”.

Para pensarmos essa questão, trazemos algumas considerações de Deleuze (1998, p. 244) sobre a morte. Segundo o autor,

[t]oda morte é dupla: pela anulação da grande diferença que ela representa em extensão, pelo formigamento e pela liberação das pequenas diferenças que ela implica em intensidade. (...) Querida por dentro, a morte chega sempre de fora, sob outra figura, passiva, acidental. O suicídio é uma tentativa de tornar adequadas e fazer com que coincidam essas duas faces que se subtraem uma à outra. Mas as duas bordas não se reúnem, continuando cada morte a ser dupla.

A morte, como a compreendemos, é aquilo que vem de fora, o que há de mais estrangeiro. O suicídio é uma maneira de trazer aquilo que vem de fora para dentro, é querer que o futuro seja sem segredo, é aniquilar a perturbação do futuro, é tornar-se senhor de seu fim. Ao dizer “às vezes eu penso nisso aqui e eu quero se matar”, notamos que essa perturbação só aparece em alguns momentos (às vezes), que é quando essas memórias (re)surgem no seu dizer. Além disso, Daniel parece colocar essas memórias em um lugar, localizando-as como “nisso aqui”. A lembrança parece significar uma visita a esse lugar, visita que corta, que machuca, ao passo que o esquecimento representa a fuga desse lugar, dessa agressão. No entanto, mesmo que se queira escapar, ir para alhures, a memória, como a compreendemos, se constrói entre a lembrança e o esquecimento e se lembrar é sempre

interpretar, cada retorno a esse “lugar”, a essa suposta “origem”, fica, sempre, fadado a uma possível reterritorialização.

#### **4.4. Sobre os resultados de análise**

Ao observarmos o modo como as relações com o exterior vem sendo invaginadas e/ou dobradas (DELEUZE, [1985] 2001), para constituir um suposto lado de dentro, notamos que a construção identitária do imigrante albergado no Brasil relaciona-se sempre com o olhar ou, melhor dizendo, o aval do outro e de instrumentos que o legitimam estar no país e/ou que lhes garantem (uma ilusão de) pertencimento. Por exemplo, a questão da documentação, da legalidade e de ter um emprego parecem significar instrumentos pelos quais os sujeitos migrantes se constroem e se afirmam em terra estrangeira. Quando não encontram o (re)conhecimento e/ou aval do outro, a situação migrante provoca mal-estares nesses sujeitos, pois, ainda que se venda um mundo sem fronteiras, ao chegarem na terra estrangeira, muitos dos participantes se dizem “perdidos”, numa “incertitumbre” (incerteza), já que seus destinos são incertos e não sabem o que fazer com essa pseudo-liberdade que lhes é oferecida.

A partir disso, compreendemos que o suposto apagamento das fronteiras e o convite à errância, na (pós-)modernidade, visam somente a uma suposta “domesticação” da condição estrangeira, como uma tentativa de trazer para dentro o que se encontra fora. Isso porque “para constituir o espaço de uma casa habitável e um lar, é preciso também uma abertura, uma porta e janela, é preciso dar passagem ao estrangeiro” (DERRIDA, 2003, p. 55). No entanto, ao estrangeiro fica reservada somente a borda do território daquele que hospeda. Desse modo, ao invés de encontrarem um espaço de acolhida, uma entrada para esse território, esses sujeitos acabam se construindo num espaço de provisoriedade e de marcação da diferença, do estranho.



## RE-TERRITORIALIZAÇÕES

Com esta investigação, buscamos abordar a temática da aprendizagem das chamadas línguas estrangeiras e suas dobras na subjetividade do imigrante albergado no Brasil, na busca de subsídios para uma melhor compreensão do que significa ser-estar entre línguas-culturas, em contexto de pobreza e exclusão. Ao revisitar a nossa hipótese – segundo a qual compreendíamos que a pobreza incidiria como resistência ao processo de inscrição de si na língua-cultura do outro -, notamos que ela se confirmou parcialmente, pois, ainda que nos tenha sido possível entrever do material uma resistência à inscrição de si na língua portuguesa, a relação do sujeito com uma língua dita estrangeira é sempre singular e, para alguns de nossos participantes, a língua portuguesa parece ocupar o lugar de objeto de desejo.

O que pudemos observar, de modo geral, é que aquilo que move o imigrante e que o faz permanecer em terra estrangeira, apesar da exclusão socioeconômica vivida, é o desejo de vencer no território do outro. A partir dos estudos de Kristeva (1994), compreendemos que o fato de viver com o outro, ou seja, o fato de viver os outros, confronta o estrangeiro com a possibilidade de não ser *um outro*, ou seja, de não fazer parte, restando-lhe apenas a borda, a margem. A marcação da diferença faz com que se construa um ódio ao hospedeiro e esse sentimento parece ser aquilo que fortifica o estrangeiro na sua relação com aquele que hospeda. Sobre essa questão, Kristeva (1994, p. 20-21) afirma que “o ódio proporciona uma consistência ao estrangeiro. É contra essa parede dolorosa, mas segura – e, nesse sentido, familiar -, que ele se choca na tentativa de se afirmar para os outros e para si mesmo”. Em nosso estudo, o ódio pelo hospedeiro não parece ser aquilo que fortifica o imigrante albergado no Brasil, pois o imaginário construído acerca do brasileiro aponta para uma imagem daquele que é “bom”, “hospitaleiro” e “acolhedor”. Assim, em nossa investigação, a tentativa de se afirmar para os outros e para si mesmo parece reverberar em uma espécie de resiliência. Ao retomarmos as entrevistas de Sílvia, Nina, Samuel e Daniel, por exemplo, observamos que, apesar de todas as dificuldades que enfrentaram – o tráfico de pessoas, trabalho escravo, o não reconhecimento de seus diplomas de graduação e o

preconceito, respectivamente -, há algo que os faz permanecer no país: o desejo de vencer em terra estrangeira, vencendo o outro.

Acerca das relações entre hóspede e hospedeiro, também foi-nos possível entrever dos resultados de análise que há uma relação de poder entre hóspede e hospedeiro, imigrante e brasileiro. Assim, uma vez que, para Foucault ([1979] 2010), só existe relação de poder, se há possibilidade de resistência, os resultados de análise mostraram que, na maioria dos entrevistados, a exclusão socioeconômica provoca uma resistência à inscrição de si na língua-cultura do outro.

No que se refere à resistência à inscrição de si na língua portuguesa, ela se mostrou como da ordem do inconsciente, ao passo que o esforço para inscrever-se na língua-cultura do outro se mostrou como da ordem consciente. Durante a realização das entrevistas, observamos um esforço, por parte dos entrevistados, para se comunicarem na língua-cultura da pesquisadora. Já nos momentos em que os participantes falam de si ou de suas frustrações de expectativas com relação à terra prometida, a língua dita materna irrompe a fala dos entrevistados, resistindo à língua-cultura do outro.

As entrevistas, de modo geral, apresentaram-se como um espaço no/pelo qual os participantes buscam deixar algo de si. Ainda que as entrevistas tenham sido semiestruturadas, observamos que, por vezes, os entrevistados não respondiam às perguntas que lhes eram endereçadas, mas nos contavam sobre suas histórias de vida ou aquilo que lhes causam angústia e mal-estar. A partir disso, também notamos que as representações de si re-velaram o jogo de espelhamentos pelo qual a construção identitária se dá (LACAN, 1998) – uma vez que, ao falar do outro, o dizer dos participantes indicia, na verdade, um modo de falar de si, de deixar algo de si.

Ao tangenciarmos as questões que moveram a presente investigação, as representações de língua-cultura mostraram-se atreladas à uma visão utilitarista de língua, sobretudo, como uma ferramenta para a colocação do imigrante no mercado de trabalho, como também uma ferramenta que possibilitaria deslocamentos espaciais. Tal representação de língua, ao ser compreendida como algo exterior ao sujeito, parece

reverberar nas próprias dificuldades que os entrevistados apresentaram em seu aprendizado da língua portuguesa. Além disso, as representações de aprendizagem da língua dita estrangeira indiciam uma posição de passividade, por parte dos sujeitos entrevistados, nos seus processos de aprendizagem da língua portuguesa. O professor de língua portuguesa como língua estrangeira é representado, no dizer dos participantes, como o responsável pelos seus processos de aprendizagem, como aquele que legitima o que se aprende. Tal representação coaduna-se a resultados de outros diversos estudos (CORACINI, 1997, 1998, 2003; CAVALLARI, 2005; ANDRADE, 2008; SOUZA, 2012), que tiveram como participantes de pesquisa alunos e/ou professores de línguas, e que também apontam para um imaginário construído acerca do professor de línguas como aquele que legitima o processo de ensino-aprendizagem do aluno. Ao trazermos este entrecruzamento de representações, queremos com isso atentar para a posição subjetiva que o imigrante parece ocupar durante o processo de aprendizagem da língua-cultura do outro: a de aluno em um contexto formal de aprendizagem. Os resultados de pesquisa apontam que o imaginário acerca do processo de aprendizagem de línguas, no contexto migratório, se constrói como aquilo que se faz possível apenas no espaço discursivo da sala de aula de línguas. Tal imagem exclui a própria possibilidade de aprendizagem do contexto migratório, uma vez que o sujeito migrante é exposto, a todo o momento, à língua-cultura do outro.

Ao engendrarmos nosso gesto de leitura para a compreensão desta questão, entendemos que a exclusão da possibilidade de aprendizagem da língua-cultura do outro no contexto migratório seja devido à própria exclusão socioeconômica que esses sujeitos vivem. Ao invés de encontrarem um espaço de acolhida, uma entrada para o território daquele que o hospeda, esses sujeitos acabam se construindo num espaço de provisoriidade e de marcação da diferença, do estranho. Nesse sentido, talvez, a inscrição de si na língua-cultura do outro não seja representada como possível no contexto migratório devido às (im)possibilidades de entrada no território do outro, melhor dizendo, na ordem da língua-cultura do outro.

De maneira geral, o processo migratório e a exclusão socioeconômica revelaram-se como uma possibilidade de experiência de alteridade e de (des)territorializações

identitárias. Uma vez que o estrangeiro é aquele que desperta em nós o estranho que somos e que, portanto, nos habita (KRISTEVA, 1994), ao colocar-nos diante de nós mesmos, o estrangeiro parece ser aquele que (des)estabiliza, (des)territorializa o outro e a si mesmo. Ao retomarmos a entrevista de Daniel, por exemplo, – que nos relata o fato de as pessoas se afastarem, desencostarem do lugar onde se encontram no vagão do metrô, quando ele se aproxima – nos mostra a (des)territorialização identitária que o estrangeiro provoca no outro e em si mesmo. (Des)territorialização não somente do/no território, enquanto espaço físico, mas do(s) território(s) que o sujeito carrega consigo, simbólicos e imaginários, do lugar que cada UM pensa habitar.

Além dessas questões, a partir dos resultados de análise, compreendemos que o processo migratório e a exclusão socioeconômica também provocam uma espécie de afastamento, de intervalo que proporciona ao imigrante albergado conhecer um pouco mais sobre si e do outro que lhe habita; em suma, uma possibilidade de ser outro em si mesmo – “eu sou outra pessoa” (R10); “nós somos outra coisa/ não é?” (R29).

Para finalizar, gostaríamos de pontuar de que maneira acreditamos tangenciar o objetivo geral desta pesquisa. Uma vez que esta investigação se insere na área da Linguística Aplicada, mais especificamente na sub-área Língua Estrangeira, acreditamos que nosso estudo possa trazer subsídios para uma melhor compreensão do que significa ensinar-aprender uma língua dita estrangeira. Ao investigarmos a questão da inscrição de si na língua-cultura do outro, em contexto de pobreza, esperamos ter contribuído para a construção de um espaço, nos estudos de linguagem, onde as questões sociais também são trazidas à baila. Pensar a exclusão socioeconômica no processo de ensino-aprendizagem de línguas possibilita não somente um maior entendimento do estranho-familiar da/na língua, mas também do estranho-familiar em si mesmo.

Por fim, ao (re)territoliarizarmos a epígrafe que abre as (re)leituras desta dissertação, esperamos que as (in)fâmias aqui apresentadas possam provocar (des)territorializações não somente nos campos de estudos da linguagem e da exclusão, mas em nós, leitores de nós mesmos...

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Eliane. **Entre o desejo e a necessidade de aprender línguas:** a construção das representações de língua e de aprendizagem do aluno-professor de língua inglesa. 2008. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008, 266 p.

AUTHIER-REVUZ, J. (1998). **Palavras incertas.** Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

BARBAI, Marcos Aurélio. (2008). **Discurso e identificação: o migrante brasileiro clandestino deportado.** 278 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BERTOLDO, Ernesto Sérgio. **O contato-confronto com uma língua estrangeira:** a subjetividade do sujeito bilíngue: In: CORACINI, Maria José (Org.). **Identidade e Discurso:** (des)construindo subjetividades. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

CAVALLARI, Juliana Santana. **O discurso avaliador do sujeito-professor na constituição da identidade do sujeito-aluno.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CORACINI, Mari José (Org.). **Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático.** Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_ (Org.). **Identidade e Discurso:** (des)construindo subjetividades. Campinas: Editora Unicamp, 2003a.

\_\_\_\_. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. In: CORACINI, Maria José (Org.). **Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas: Editora Unicamp, 2003b.

\_\_\_\_. A celebração do outro. In: CORACINI, Maria José (Org.). **Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas: Editora Unicamp, 2003c.

\_\_\_\_. Subjetividade e identidade do(a) professor(a) de português. In: CORACINI, Maria José (Org.). **Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas: Editora Unicamp, 2003d.

\_\_\_\_. (2005). **Concepções de Leitura na (pós-)modernidade**. In: LIMA, Regina Célia de C. P. (Org.). *Leitura: múltiplos olhares*. Campinas, SP: Mercado de Letras.

\_\_\_\_. **A celebração do outro arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas: Mercado das Letras, 2007a.

\_\_\_\_. **Discurso de imigrantes: trabalho de luto e inscrição de si**. IN: CAVALCANTE, M.; KLEIMAN, A. (Orgs.) *Linguística Aplicada: suas faces e interfaces*. Campinas: Mercado das Letras, 2007b.

\_\_\_\_. Entre a memória e o esquecimento: fragmentos de uma história de vida. In: CORACINI, Maria José & GHIRALDELO, Claudete Moreno (Orgs.). **Nas malhas do discurso: memória imaginário e subjetividade**. Campinas: Pontes, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. (1985). **Foucault**. São Paulo: Editora 34, 2001.

\_\_\_\_\_ & GUATTARI, Felix. (1980). **Mil platôs (Vol. 1):** Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2010.

DERRIDA, Jacques. (1987a). **Torres de Babel**. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_. (1987b). **Carta a um amigo japonês**. Trad. Érica Lima. In: OTTONI, Paulo (org.). Tradução – a prática da diferença. Campinas/São Paulo: Ed. Unicamp/ Fapesp, 1998. pp.19-25.

\_\_\_\_\_. (1996 ). **O monolinguismo do outro ou A prótese de origem**. Trad. de Fernanda Bernado. Porto : Campo das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. (1999). **O animal que logo sou**. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Ed. Unesp, 2002. 2ª ed.

\_\_\_\_\_ & DUFORMANTELE, Anne. (2003). **Anne Duformantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Editora Escuta.

\_\_\_\_\_. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ECKERT-HOFF, Beatriz Maria. **Processos de identificação do sujeito-professor de língua materna:** a costura e a sutura dos fios. IN: CORACINI, Maria José (Org.).

Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades. Campinas: Editora da Unicamp. Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003a.

\_\_\_\_. **A denegação como possibilidade de “captura” do não-UM no tecido do dizer.** IN: CORACINI, Maria José (Org.). Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades. Campinas: Editora da Unicamp. Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003b.

\_\_\_\_ & CORACINI, Maria José (Orgs.). **Escri(tu)ra de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira.** Campinas: Mercado das Letras: 2010a.

\_\_\_\_. (Dis)sabores da língua ma(e)terna: os conflitos de um entre-lugar. In: ECKERT-HOFF, Beatriz Maria; CORACINI, Maria José (Orgs.). **Escri(tu)ra de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira.** Campinas: Mercado das Letras: 2010b.

\_\_\_\_. Sujeitos entre-línguas, entre-culturas em contexto de imigração no sul do Brasil: uma questão de bilinguismo? In: UYENO, Elzira Yoko; CAVALLARI, Juliana Santana (Orgs.). **Bilinguismos: subjetivação na/pelas línguas maternas e estrangeiras.** Campinas: Pontes, 2011a.

\_\_\_\_. **Escritas de si e identidade: o discurso do sujeito professor de línguas em questão.** In: Intersecções. Ano 4. Número 1. Unianchieta: Jundiaí, 2011b.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo.** Trad. Maria de Lourdes Duarte Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREUD, Sigmund. (1915). **Luto e Melancolia.** In: FREUD, S. Obras Incompletas, vol. XIV. CD-ROM.



\_\_\_\_\_. (1919). **O Estranho**. Obras Completas, vol. XVII. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1930). **Mal estar na civilização**. In: FREUD, S. Obras Completas Volume 18. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. (1969). **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. (1975). **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. (1979). **Microfísica do Poder**. Org. e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

\_\_\_\_\_. (1988). **A história da sexualidade**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

\_\_\_\_\_. (1996). **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. (2001). **Os anormais**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FUKS, Betty. **Freud e a Judeidade: a vocação do exílio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GRIGOLETTO, Marisa. **Representação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira**. In: CORACINI, Maria José (Org.). *Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HASHIGUTI, Simone. **Corpo de Memória**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

KRISTEVA, Julia. (1994). **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco.

LACAN, Jacques. (1998). **O Seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Trad. MD Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MILNER, J-C. (1978). **O amor da língua**. Porto alegre: Artes Médicas, 1987.

MELMAN, Charles. **Imigrantes**: incidências subjetivas das mudanças de língua e país. Trad. R. Pereira. São Paulo: Escuta, 1992.

\_\_\_\_\_. **O homem sem gravidade**: gozar a qualquer preço. Trad. Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

NASIO, J-D. (1989). **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1997.

\_\_\_\_\_. **Meu corpo e suas imagens**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

NOGUEIRA, Patrícia da Silva. **Silenciamento de singularidades: o discurso sobre o aluno**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2011.

OLIVEIRA, Paula Rebello. **O migrante, seu drama psíquico e percepção das diferenças**. In: NETO, Helion Póvoa; FERREIRA, Ademir Pacelli Ferreira (Orgs.). *Cruzando Fronteiras Disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PAYER, M. O. **Memória da língua: imigração e nacionalidade**. São Paulo: Escuta, 2006.

PÊCHEUX, Michel. (1988). **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

\_\_\_\_\_. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. (2007). **O papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da Memória*. Campinas: Pontes Editores, 2010.

PLON, Michel & ROUDINESCO, Elizabeth. **Dicionário de Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

PRASSE, J. **O desejo das línguas estrangeiras**. In: *Revista internacional: A clínica lacaniana*, ano 1, no.1. jun., p.63-73. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

REVUZ, Cristine. (1997). **A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio**. In: SIGNORINI, Inês. *Língua(gem) e identidade*. São Paulo: Mercado de Letras.

ROSE, Nikolas. (1996). **Inventando nossos eus**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SAYAD, Abdelmalek. (1998). **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP.

SOUZA, Lígia Francisco Arantes. **Entre aprender e ensinar língua(s) estrangeira(s) : (re)construindo identidades**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

TAVARES, Carla Nunes Vieira. **O professor de inglês em formação: identidades em conflito entre o 'ideal' e o contingente**. In: UYENO, Elzira Yoko; CAVALLARI, Juliana

Santana (Orgs.). Bilinguismos: subjetivação na/pelas línguas maternas e estrangeiras. Campinas: Pontes, 2011.

UYENO, Elzira Yoko; CAVALLARI, Juliana Santana (Orgs.). **Bilinguismos**: subjetivação na/pelas línguas maternas e estrangeiras. Campinas: Pontes, 2011.



## ANEXOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “*Identities em trânsito: sobre ser-estar entre línguas-culturas*”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Maria José Rodrigues Faria Coracini e Mariana Rafaela Batista Silva Peixoto. Ao participar desta pesquisa, estará sendo autorizado o uso dos resultados da mesma para apresentações em eventos e publicações, mas sua identidade será preservada.

Esta pesquisa não envolverá riscos ou danos de qualquer ordem e você poderá desistir a qualquer momento. Em nenhum momento você será identificado e seu nome não aparecerá em nenhum tipo de documentação. Você não sofrerá nenhum tipo de constrangimento ou retaliação por ter participado desta pesquisa. Você também não terá nenhum custo financeiro, o qual será de total responsabilidade dos pesquisadores.

Durante sua participação, você nos concederá uma entrevista gravada em áudio. Você não estará sendo avaliado por esses dados coletados. Esses dados serão analisados somente pelos pesquisadores responsáveis por este estudo. Cumpre salientar que todos os dados obtidos nesta pesquisa não serão utilizados de qualquer outra forma daquela destinada à conclusão desta pesquisa, ou seja, todos os dados coletados não serão, sob hipótese alguma, divulgados e/ou comercializados.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.  
Em caso de dúvida, entre em contato com:

Maria José Rodrigues Faria Coracini, professora do Instituto dos Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Estudos da Linguagem, Departamento de Linguística Aplicada.  
Cidade Universitária – CEP: 13083-970 - Campinas, SP - Brasil  
Caixa-Postal: 6045 Telefone: (19) 37881512 Fax: (19) 37881533

Mariana Rafaela Batista Silva Peixoto, mestranda do Instituto dos Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Estudos da Linguagem, Departamento de Linguística Aplicada.  
Cidade Universitária – CEP: 13083-970 - Campinas, SP - Brasil  
Caixa-Postal: 6045 Telefone: (19) 37881512 Fax: (19) 37881533

Campinas, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011

---

Assinatura dos pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido (a).

---

Participante da pesquisa